

A man with short dark hair, wearing a white long-sleeved shirt, a patterned tie, and blue jeans, stands outdoors. He has a brown jacket draped over his left shoulder and is holding a small object in his right hand. The background consists of lush green trees and foliage. The text 'Silvério da Costa Oliveira' is at the top, and 'FALANDO SOBRE SEXO' is in large yellow letters across the middle.

Silvério da Costa Oliveira

# FALANDO SOBRE SEXO

## Primeira orelha do livro

Em Falando sobre sexo, o autor aborda diversos e polêmicos temas em sexualidade humana: prostituição, homossexualismo, travestismo, transexualismo, troca de casais, masturbação, etc. Cabe destacar a visão elucidativa e crítica adotada neste trabalho, bem como que os textos aqui presentes se compõem de artigos publicados em revistas, entrevistas dadas em programas de tv, palestras, etc., pautados na divulgação das idéias e trabalho do autor na área da sexualidade humana. O presente livro é indicado para pessoas de todas as idades e sua leitura tenderá a ajudar na reflexão crítica sobre temas importantes em nossa vida, em nossa sociedade e cultura.

## Segunda orelha do livro



Silvério da Costa Oliveira possui sua formação montada sobre três pilares: a Filosofia, a História e a Psicologia. É Doutor (UERJ) e Mestre (FGV e UFRJ) em Psicologia; Psicólogo, Bacharel em Psicologia e possui a Licenciatura Plena em Psicologia pela UGF-RJ; Bacharel em Filosofia e a Licenciatura Plena em Filosofia pela PUC-RJ; possui a licenciatura pelo MEC em História e Sociologia. Sua área de interesse profissional se encontra junto à clínica e a docência, sendo freqüente a participação como conferencista sobre os temas: Relações humanas; sucesso; sexo e sexualidade; drogas e dependência química. Também cita-se a participação em várias entrevistas na TV e no rádio, além da publicação de vários livros e artigos.

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ /Rede Sirius / Biblioteca CEH/A

O 48 Oliveira, Silvério da Costa.  
Falando sobre sexo / Silvério da Costa Oliveira. – Rio de Janeiro : [s.n.], 2007.  
156 p.

Bibliografia.

ISBN 978-85-907540-1-5

Disponível on-line: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>.

1. Sexo (Psicologia). 2. Comportamento sexual. I. Título.

CDU 159.922.1

International Standard Book Number – ISBN

ISBN 978-85-907540-1-5

Silvério da Costa Oliveira

# **FALANDO SOBRE SEXO**

2007

# Direitos autorais

**OLIVEIRA**, Silvério da Costa. *Falando sobre sexo*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007. p. 156.

Disponível em: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>. Acesso em:

Impressão: 2007 - Formato e-book (livro eletrônico)

14 x 21 cm

Total de páginas: 142 (corpo) + 14 = 156

Total de 9 capítulos

Impressões: 2007

**Copyright ©** by Silvério da Costa Oliveira.

Todos os direitos reservados.

Todos os textos disponíveis neste site (inclusive este livro) são protegidos por **Registro nos Direitos Autorais** em nome do autor. É permitida a leitura, cópia e citações, desde que citada a autoria, título e fonte.

---

---

## E-mail sobre o e-book

---

---

Livro: Falando sobre sexo  
Autor: Silvério da Costa Oliveira.

Você está recebendo gratuitamente um exemplar de e-book (livro eletrônico) em formato PDF que pode ser aberto com o Adobe Reader 5 ou posterior (programa este gratuito na Internet). Este e-mail está livre de vírus, você pode testar com suas vacinas antes de abrir.

Queremos que este livro tenha a maior distribuição e divulgação possível pela Internet, de modo que todos que queiram possam ter um exemplar e deste modo pedimos a você que nos ajude a divulgar e distribuir o presente livro eletrônico encaminhando-o conjuntamente com este e-mail para sua lista de amigos, conhecidos e colegas da Internet. Desde já o nosso muito obrigado.

Em meu site [www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br) entrando por “artigos e entrevistas”, você encontrará uma tabela contendo vários artigos/textos de minha autoria e gratuitos sobre sexo/sexualidade, drogas/dependência, filosofia, psicologia, relações humanas; e-books, catálogos bibliográficos, fotos, etc. No meu site pode obter e ler gratuitamente os livros: "Sexo, sexualidade e sociedade"; "Reflexões filosóficas: Uma pequena introdução à filosofia";

“Estudos de psicologia e filosofia”; “Pensamentos ardentes”; “Falando sobre sexo”; “Falando sobre drogas”. E como material para pesquisa, também em meu site: “Catálogo bibliográfico sobre drogas”; “Catálogo bibliográfico sobre o sucesso”; “Catálogo bibliográfico sobre criatividade”.

Quando tiver tempo, visite as livrarias e procure meus dois mais recentes livros, também disponíveis diretamente com a editora: autor: Silvério da Costa Oliveira, “**Vencer é ser feliz: A estrada do sucesso e da felicidade**” Ano: 2002, Editora Ibrasa [www.ibrasa.com.br](http://www.ibrasa.com.br) E-mail [ibrasa@ibrasa.com.br](mailto:ibrasa@ibrasa.com.br) Tel. (0xx11) 3284.8382; “**Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento**” 2. ed. Ano: 2004, editora Eduel [www.uel.br/editora](http://www.uel.br/editora) E-mail [eduel@uel.br](mailto:eduel@uel.br) Tel. (0xx43) 3371.4674.

#### CLÍNICA EM PSICOLOGIA E ATENDIMENTO PSICOLÓGICO – TERAPÊUTICO

(Atendimento psicológico para transtornos diversos: sexo e sexualidade; transexualismo; orgasmo, impotência, disfunções sexuais; dependência de sexo, comportamento compulsivo em relação ao sexo; Transtorno Obsessivo Compulsivo – TOC; problemas com drogas/dependência; desenvolvimento da auto-estima, persuasão, liderança e criatividade; etc.).

Com um grande abraço

### **Silvério da Costa Oliveira.**

Escritor, Filósofo, Psicólogo.

Doutor (UERJ) e Mestre (UFRJ/FGV) em Psicologia; Professor universitário.

Brasil (55) – Rio de Janeiro (21) – RJ – Telefone e Fax: 2253.3370 – celular: 8665.1243

Home page: [www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br)

E-mail para contato e MSN: [drsilverio@sexodrogas.psc.br](mailto:drsilverio@sexodrogas.psc.br)

Blog:

Orkut: <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=14306339764886805659>

Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8416787875430721>

# Entre em contato

**Silvério da Costa Oliveira.**

Home page: [www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br)

E-mail: [drsilverio@sexodrogas.psc.br](mailto:drsilverio@sexodrogas.psc.br)

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Telefones: (55) (021)

2253.3370 (telefone e fax)

8665.1243 (celular)

---

---

## Livros de Silvério da Costa Oliveira

---

---

- 1- Sexo, sexualidade e sociedade (6º ed, 2007 – formato PDF na Internet)
- 2- Conversando sobre as drogas (1º ed, 1997 – Editora Irradiação Cultural)
- 3- Reflexões filosóficas: Uma pequena introdução à filosofia (4º ed. 2006, formato PDF na Internet)
- 4- Estudos de psicologia e filosofia (4º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 5- Pensamentos ardentes (4º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 6- Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento (2º ed. 2004 – Editora da Universidade Estadual de Londrina – Eduel)\*\*
- 7- Vencer é ser feliz: A estrada do sucesso e da felicidade (1º ed. 2002, Editora Ibrasa)\*\*
- 8- Falando sobre sexo (1º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 9- Falando sobre drogas (1º ed. 2007, formato PDF na Internet)
- 10-

\*\* Exemplos disponíveis nas livrarias e diretamente na editora.

# SUMÁRIO

	Página
<b>Prefácio</b> .....	IX
<b>Introdução</b> .....	XIII
<b>Capítulo 1</b>	
O psicólogo clínico e o problema da transexualidade ..	1
<b>Capítulo 2</b>	
Lesbianismo e prostituição .....	25
<b>Capítulo 3</b>	
Masturbação, homossexualismo e ideologia.	
Sexo, política e religião.....	31
<b>Capítulo 4</b>	
Sexo no Brasil: a política do avestruz.	
Política sexual . .....	37
<b>Capítulo 5</b>	
Comportamento.	
Casais liberais: o sabor da aventura no casamento .....	43
<b>Capítulo 6</b>	
Entrevistas na televisão .....	53
<b>Capítulo 7</b>	
Homossexualismo, masturbação e ideologia .....	71
<b>Capítulo 8</b>	
Perguntas e respostas. Diversos pequenos artigos .....	99
<b>Capítulo 9</b>	
Opiniões, críticas e comentários na mídia de meus livros.	
Aparições na mídia.....	119





# Prefácio



É próprio da vida atual a convivência com a incerteza, o fluído, a escolha provisória e limitada. Se “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, se nada mais permanece, cada sujeito se quer autônomo para construir a sua liberdade, o seu ambiente pessoal. Nesse contexto, a metamorfose passa a ser a regra. Nenhuma forma é obtida. O que há é rascunho, traços soltos, experimentos, sombras, indefinições.

Isto não significa que todos os nossos referenciais desapareceram. Mas eles não cessam de ser reelaborados sideralmente, em velocidade sem precedentes. Daí que se fala tanto em pluralidade, costumes e hábitos dissolutos. Vínculos quebrados, identidades fluidas, cada vez mais ambíguas. Se nada mais é estável, é preciso estar em movimento. No passado, estar em movimento era um privilégio, uma conquista. Hoje, é uma necessidade, uma aventura pessoal, um novo meio e modo de vida.

O movimento veloz e contínuo faz o indivíduo experimentar e exercitar outros valores: tudo deve estar pronto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea. O convite é para que cada um se renda aos impulsos, passe a usufruir de tudo o que é transitório, passageiro, fugaz. Nada mais de esforços prolongados, receitas testadas, garantias e seguros. Se tudo é aventura, só nos resta enfrentar os riscos, deliberados ou precariamente calculados.

A mutabilidade sideral cada vez mais condiciona e metamorfosea os aspectos da nossa vida, sobretudo o nosso corpo e a nossa sexualidade. Uma reflexão sobre esses modos de ser, transitórios e circunstâncias, estão no livro **Falando sobre sexo**, de Silvério da Costa Oliveira.

Por muito tempo o sexo foi considerado um elemento apenas fisiológico, geneticamente determinado e por natureza imutável. Mas em nosso tempo a noção de sexo é bem mais complexa. Vários outros componentes entraram em cena: o genético, anatômico, hormonal, social, jurídico, psicológico, etc. Os estudos sobre a sexualidade não podem ignorar essa complexidade, sobretudo, o vetor cultural que desenvolve, valoriza e solicita vivências e entendimentos diversificados.

O livro de Silvério discute diversos temas como masturbação, homossexualidade masculina e feminina, transexualidade, travestismo, prostituição, troca de casais, sexo virtual, doenças sexualmente transmissíveis. Além da diversidade temática, o que é ressaltado é a pluralidade de análise de um mesmo tema, seus enfoques múltiplos. Tais estudos estão fundamentados em farta produção teórica, de distintas fontes. Sem desconsiderar ampla experiência clínica do autor.

O livro reúne artigos que foram publicados em diversas revistas acadêmicas, entrevistas para programas de televisão e revistas de grande circulação, prefácio e resenhas, pequenos textos, na base de perguntas e respostas, palestras. Alguns textos foram publicados em sites, alguns foram apresentados em congressos. Em todos eles encontramos ricas abordagens sobre os comportamentos e costumes sexuais de sujeitos que não cessam de celebrar e inventar maneiras de descobrir e ter prazer. Nesse contexto, tradicionais classificações como “o normal”, “o diferente” e “o excêntrico” se misturam e se confundem cada vez mais.

Silvério estuda questões como a disforia de gênero, distúrbio de identidade, casais liberais, comportamento aberto, dentre outras, e critica as políticas de avestruz que ainda sobrevivem na sociedade. Tais políticas insistem em ignorar a diversidade de escolhas e práticas sexuais, a partir de percepções limitadas e quase sempre preconceituosas e discriminatórias da sexualidade. Por isso o autor defende a necessidade de se ampliar e criar novas políticas públicas que reconheçam, aceitem e protejam a diversidade sexual. Essas políticas devem investir na educação sexual, planejamento familiar, no enfrentamento de questões como o aborto, na realização em hospitais públicos de cirurgias de adequação corporal e sexual, para transexuais e travestis. Devem investir, sobretudo, numa legislação antidiscriminatória capaz de conter opiniões e atitudes intolerantes com o “outro”, com o “diferente”, com “as minorias”.

Isto não quer dizer que cada sujeito deve experimentar as muitas formas de se viver a sexualidade. Cada um escolhe e vive de acordo com suas preferências e tendências. Até ai tudo muito bem. Mas não é porque um sujeito faz determinadas escolhas que pode discriminar, agredir,

demitir do trabalho ou matar pessoas que fazem escolhas e vivem de modo diferente. Em uma sociedade democrática e pluralista é preciso respeito à diversidade, afinal, sem respeito à diversidade e à dignidade humana não teremos a igual liberdade de todos, independente de cor, origem, religião, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero.

Silvério analisa a diversidade e o legítimo direito de cada um escolher como viver, de modo saudável, responsável e prazeroso, a sua sexualidade. **Falando sobre sexo** não faz apologia a esse ou aquele modo, não incentiva essa ou aquela prática. Mas as abordagens dinâmicas da diversidade sexual nos ajudam a compreender a multiplicidade dos desejos e a apreender a realidade complexa da sexualidade. Essas são razões mais que suficientes para fazer de **Falando sobre sexo** uma leitura indispensável.

Bahia, agosto de 2007

**Edvaldo Souza Couto – UFBA**

[Edvaldo@ufba.br](mailto:Edvaldo@ufba.br)

**Edvaldo Souza Couto** é Mestre em Filosofia (PUC-SP) e Doutor em Educação (UNICAMP). Professor de “Estética” no Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Atua como professor-orientador em dois Programas de Pós-Graduação: o de Filosofia e o de Educação. É autor dos livros “**Transexualidade: o corpo em mutação**” (Editora do Grupo Gay da Bahia), “**O homem-satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica**” (Editora Unijui), “**Corpos Mutantes. Ensaio sobre novas (d)eficiências corporais**”, organizado em parceria com Silvana Vilodre Goellner (Editora da UFRGS). Tem dezenas de artigos sobre o corpo na sociedade contemporânea publicados em revistas acadêmicas e em livros coletivos.





# INTRODUÇÃO



O presente livro é composto por nove capítulos que abordam o sexo e a sexualidade do ser humano em sua diversidade e multiplicidade de formas e apresentações. Tratamos de alguns dos mais significativos temas nesta área, como, por exemplo, a preferência sexual, o transexualismo, a prostituição, a troca de casais consentida e estimulada, etc.

Nos preocupamos em explicar e diferenciar os distintos comportamentos sexuais, ajudando a desmistificar e também a combater o preconceito e a desinformação reinante nesta área. Procuramos abordar os temas com a seriedade e a clareza necessária para o bom entendimento e compreensão dos mesmos, respeitando o nosso papel profissional de informar e esclarecer, removendo dúvidas e dissipando as trevas do preconceito e da desinformação.

O sexo e a sexualidade humana mescla-se com questões culturais, sociais, econômicas, religiosas, políticas e ideológicas, que em seu conjunto afetam a realidade social e individual, gerando adaptações cognitivas e comportamentais.

Pensar ou falar no sexo francamente é ainda algo difícil em nossa sociedade, a não ser quando não agimos de modo

sério, pois, de fato, os interditos se minimizam quando se filiam ao humor ou ao sarcasmo mesclados de preconceito sexual. Para mim, como profissional, cabe assumir uma postura não somente informativa e esclarecedora, bem como combater preconceitos e falsas crenças sobre a matéria, apresentando uma visão crítica e dinâmica sobre o sexo e a sexualidade.

Espero que o leitor goste desta abordagem ao tema e torço para que entre em contato para expressar suas opiniões, críticas e sugestões que poderão me guiar em futuros trabalhos e pesquisas.

Quero aproveitar agora para agradecer aos que me possibilitaram chegar até aqui, pois, na minha construção enquanto profissional e também como homem dentro desta sociedade, algumas pessoas tiveram um papel mais marcante e decisivo, por este motivo, gostaria de destacar e agradecer aos meus avós maternos (Silvério Rodrigues do Fundo e Elza da Costa Silvério), aos meus pais (Eduardo de Oliveira Peixeiro e Elza da Costa Oliveira), a minha companheira (Márcia Cristina Gomes de Pinho) e a minha filha (Karen Alana Pinho Oliveira).

# O psicólogo clínico e o problema da transexualidade

Publicado originalmente em:

OLIVEIRA, Silvério da Costa. O psicólogo clínico e o problema da transexualidade. *Revista SEFLU*. Rio de Janeiro: Faculdade de Ciências Médicas e Paramédicas Fluminense, ano 1, nº 2, dezembro 2001. Disponível em: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>. Acesso em:

Palavras chaves: psicologia; clínica; tratamento; sexualidade; transexualismo; travestismo; homossexualismo; hermafroditismo; intersexo.

Resumo do texto: Propõe-se uma abordagem ampla ao problema da transexualidade, perpassando vários aspectos, tais como o clínico, social, jurídico, histórico, emocional e orgânico. Ressalta-se a importância do diagnóstico correto e dos procedimentos adequados ao tratamento. A família e amigos devem ser orientados pelo terapeuta, bem como também é importante um maior esclarecimento perante a sociedade. Distingui-se o transexualismo da disforia de gênero, do homossexualismo, do travestismo e do hermafroditismo.

Tema: Transexualismo

Título: O psicólogo clínico e o problema da transexualidade.

## Introdução

Desde setembro de 1997, no Brasil, com a resolução do Conselho Federal de Medicina CFM 1482/97, as cirurgias de redesignação de sexo foram autorizadas a título experimental e quando realizadas em hospitais universitários ou públicos com a infra estrutura própria à pesquisa, passando a ser tal procedimento considerado como ético diante da ética médica. Cabe destacar que a legalidade de tal procedimento só é válida dentro de tais condições, sendo ainda ilegal fazer-se a cirurgia paga em nosso país. Na Europa e EUA encontramos uma maior permissividade quanto a realização da cirurgia em clínicas pagas, sendo bem provável que o Brasil venha também a seguir por tal caminho, não havendo mais impedimentos éticos e dispondo da técnica aperfeiçoada. Cabe ao psicólogo se preparar para atuar diante desta importante questão, fornecendo um diagnóstico correto e fazendo um acompanhamento terapêutico pré e pós-cirúrgico. Um diagnóstico incorreto pode significar infelicidade para o paciente diante da irreversibilidade da operação e prejuízo financeiro para o hospital, a equipe médica e o psicólogo que atenderam a este cliente, pois o mesmo teria o direito de processar a todos, e, em países como os EUA, existe por parte dos profissionais o temor de ter grande prejuízo diante de processos por serviços inadequados.

Este presente artigo tem como objetivo principal esclarecer e definir exatamente o que podemos entender por transexualismo e como proceder diante deste quadro clínico. Para uma melhor compreensão do que seja o transexualismo, é importante primeiramente sabermos distinguir clinicamente o que não se encaixa neste quadro.

## **Heterossexualismo e homossexualismo**

O termo homossexualismo surge em 1869, até esta data o assunto era objeto de estudo da filosofia, religião e direito, neste ano, o II Reich germânico introduziu a homossexualidade no código penal, passível de pena de morte. O médico húngaro Karoly Benkert introduziu o termo “homossexualismo” e trouxe neste ano de 1869, o homossexualismo para a condição de doença mental de natureza congênita e que requer um tratamento. Portanto, houve uma evolução deste comportamento, de pecado para crime, passando por doença, até chegar aos nossos dias como um comportamento natural.

Já, por sua vez, o adjetivo heterossexual aparece pela primeira vez em pesquisa de Albert Moll no ano de 1893.

Uma das primeiras grandes divisões que se apresenta quando diante da sexualidade é quanto a orientação sexual. O termo heterossexualismo é aplicado para designar o interesse e a atração sexual por indivíduos do sexo diferente do seu próprio sexo, já o termo homossexualismo é utilizado para designar o interesse e a atração sexual por indivíduos do mesmo sexo, desta forma, temos o homossexualismo masculino e o homossexualismo feminino. Em anos recentes o homossexualismo deixou de ser considerado pela medicina e pela psicologia como uma patologia e passou a ser entendido como um comportamento sexual natural e um estilo de conduta. A Organização Mundial de Saúde - OMS, em 1991 e 1993, conjuntamente com a revisão e publicação da 10ª edição da Classificação Internacional de Doenças - CID 10, deixa de considerar o homossexualismo como doença mental. O Conselho Federal de Medicina, no Brasil, desde 1985 não considera mais o homossexualismo como desvio sexual. A Associação Médica Americana e outras

entidades prestigiosas não mais consideram a homossexualidade como manifestação de qualquer doença. Desde o DSM III - Manual de Diagnóstico e Estatística - a homossexualidade masculina ou feminina deixou de ser considerada como perversão e passou a ser vista como estilo de comportamento.

Além disto, cabe destacar que desde as publicações de Kinsey, em 1948 e 1953, sobre o comportamento sexual do humano macho e fêmea, não é adequado por parte dos profissionais de saúde que trabalham especificamente com a sexualidade, empregar os termos heterossexual e homossexual para designar pessoas, tais termos devem ficar restritos a comportamentos, entendendo que um mesmo indivíduo pode apresentar comportamentos heterossexuais e homossexuais no decorrer de sua história de vida e que o homossexualismo exclusivo e o heterossexualismo exclusivo ocupam ambos as extremidades de uma escala de freqüência de comportamento.

O homossexualismo não é hoje considerado pelos profissionais de saúde como doença, não sendo, portanto, correto ou ético qualquer tratamento empreendido no sentido de curar o homossexual, pois tentar curar algo que não é doença pode ser visto como prática de charlatanismo, incompetência e falta de ética pelo profissional que assim procede. Em nosso país, a prática do homossexualismo masculino ou feminino, também não é crime, não há em nosso meio lei alguma que penalize tal prática.

No tocante ao transexualismo, o indivíduo diagnosticado como transexual pode apresentar uma orientação sexual heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual. Sua preferência ou comportamento sexual manifesto em sua orientação sexual não possui correlação direta com o quadro clínico do transexualismo, se bem que seja bem freqüente a

ausência de uma expressão mais significativa quanto à vida sexual. É equivocada a idéia de entender o transexual como homossexual. Também é equivocada a idéia de entender o transexual como alguém que tenha uma necessidade e interesse maior no sexo enquanto relações sexuais, geralmente o que ocorre com maior frequência é justamente o oposto.

## **Travestismo**

O termo travestismo é usado na área da sexualidade humana para descrever o indivíduo que obtém prazer de cunho sexual em vestir-se com as roupas do sexo oposto ao seu. Temos, portanto, homens e mulheres travestis. O fetichismo transvéstico não precisa ocorrer com todas as roupas do corpo, pode envolver somente as roupas de baixo. Podemos ter um homem trajando terno e gravata e usando por baixo de suas roupas calcinhas e outras peças caracteristicamente femininas ou mulheres usando cuecas tradicionalmente masculinas. Também não precisa ocorrer em público, podendo o indivíduo contentar-se em trajar-se com as roupas do sexo oposto ao seu quando em ambiente discreto ou em sua própria residência, longe dos olhares de outras pessoas. A orientação sexual não tem uma relação direta com o travestismo, de modo que é incorreto associar o travestismo ao homossexualismo, pois tal fenômeno ocorre também em pessoas de orientação sexual diversa. O termo travesti foi empregado inicialmente em 1910 pelo sexólogo Magnus Hirschfeld.

Recentemente outros termos surgiram junto ao público para distinguir os diversos tipos de pessoas e motivos que as fazem trajar-se com as roupas do sexo oposto ao seu. Neste caso, temos a expressão transformismo, aplicada a

atores que se vestem com as roupas do sexo oposto ao seu durante a apresentação de um espetáculo. Enquanto atores e não havendo nenhum prazer sexual em vestir-se com tais roupas, não convém de fato a expressão travestismo e nem este ator se enquadraria em um diagnóstico concernente a este quadro clínico. Claro está, no entanto, que o indivíduo pode sentir prazer sexual em vestir-se com as roupas do sexo oposto ao seu, caracterizando fetichismo transvêstico e atuar como ator transformista em algum show.

No final dos anos oitenta na Europa e EUA e a partir de 1991 no Brasil, surgem as chamadas drag queen, conjuntamente com a cultura club nos grandes centros urbanos. Aqui temos homens que se vestem de mulheres para sair e se divertirem à noite nos clubes. As drags queen retratam mulheres charmosas, chiques e glamourosas, sempre atualizadas diante das últimas tendências da moda feminina. Temos, também, os cross dressers, que se trajam com as roupas do sexo oposto, de modo elegante, freqüentam clubes próprios e se assumem como heterossexuais.

Apesar de haverem várias tentativas informais de nomear grupos específicos que se travestem, mesmo reconhecendo a importância social de tal fenômeno, dentro de um contexto maior onde surgem nos grandes centros urbanos as “tribos”, entendemos que a terminologia do profissional deve se ater aos termos próprios, no caso, havendo prazer de cunho sexual em trajar-se com as roupas do sexo oposto ao seu, cabe o diagnóstico de fetichismo transvêstico, ou simplesmente travestismo, e este comportamento independe da orientação sexual do indivíduo, bem como de outros fatores.

Muitas vezes também constatamos associado a estes conceitos, na mentalidade popular, o exercício da

prostituição. Em parte pelo enfoque específico dado pela mídia e também pela maior visibilidade da prostituição de rua, esta ficou associada ao travestismo e este ao transexualismo. Cabe, no entanto, separar todas estas categorias. A prostituição deve ser entendida como a prática de negociar o corpo para a realização de práticas sexuais e fantasias sexuais de um cliente. Temos a prostituição presente tanto em homens como também em mulheres e tanto em relações heterossexuais como também homossexuais.

O transexual não necessariamente está envolvido com a prostituição e por sua vez, deve ser distinguido do travesti.

O travesti em nosso meio brasileiro apresenta características distintas das descritas por pesquisadores americanos e europeus, cabe, no entanto o destaque que o travesti masculino, mesmo se submetendo a tratamento hormonal, deixando os cabelos crescerem, realizando cirurgia para a implantação de silicone criando mamas semelhantes à de mulheres, mesmo esteticamente em muito se aproximando do visual feminino, o verdadeiro travesti não nega sua genitália masculina.

O travesti aceita sua genitália como algo que o torna uma mulher diferente e parte do fetiche, já o transexual nega a sua genitália. O travesti não se sente acanhado de tocar, ver ou ser tocado em sua genitália. O transexual não suporta e não gosta de ver, tocar ou ser tocado em sua genitália. Para o travesti, sua genitália faz parte do modo como obtém seu prazer sexual. O transexual não admite obter prazer com sua genitália, seja em nível de masturbação ou com o envolvimento de outras pessoas.

Antigamente o travesti se restringia unicamente a alterações cosméticas no corpo, hoje, em nossa cultura, mesmo a utilização de hormônios e aplicação localizada de

silicone podem estar presentes enquanto variações que, no entanto, não classifiquem por si sós o sujeito como um transexual. Trata-se aqui mais de um aspecto cultural que perpassa uma certa permissividade e ambigüidade.

## **Hermafroditismo**

Temos também a destacar a figura do hermafroditismo, o qual se apresenta em três subdivisões, a saber: pseudohermafroditismo masculino (indivíduo com cariótipo 46XY, estrutura interna masculina e externa feminina), pseudohermafroditismo feminino (indivíduo com cariótipo 46XX, estrutura interna feminina e externa masculina). No pseudohermafroditismo as gônadas (testículos ou ovários), quando presentes, são ou masculinas ou femininas acompanhando o seu cariótipo e sexo interno. Já no hermafroditismo verdadeiro temos a presença de gônadas masculinas e femininas, possuindo tanto tecido testicular, como, também, de ovariano. O hermafroditismo é um fenômeno geneticamente determinado a partir de deficiências enzimáticas durante a formação do embrião in útero. Diagnosticado o quadro clínico de hermafroditismo, é recomendável cirurgia corretiva visando adaptar seu sexo externo ao interno ou o oposto. A decisão sobre a predominância do sexo interno ou externo deve levar em consideração a ocasião do procedimento cirúrgico corretivo, se durante a infância e antes do indivíduo começar a se definir dentro dos padrões de masculinidade e feminilidade socialmente impostos, será dada preferência ao sexo cromossômico, adequando a aparência externa ao cariótipo e órgãos internos. Se a cirurgia ocorre em momento mais tardio, deverá predominar o sexo culturalmente aceito pelo indivíduo.

O diagnóstico de hermafroditismo é excludente do de transexualismo. A condição chamada de intersexo inviabiliza o diagnóstico de transexualismo. O indivíduo transexual, ao contrário do hermafrodita, nasce com a genitália perfeita e adequada ao seu cariótipo e órgãos internos. Trata-se de um homem 46XY ou de uma mulher 46XX sem a presença de condição de intersexualidade.

## **Disforia de gênero**

Na disforia de gênero ou distúrbio de identidade de gênero, é constante o sentimento de infelicidade com relação à situação e temos presente a depressão que pode levar a tentativas de automutilações e suicídio.

No diagnóstico de transexualismo cabe a presença constante de disforia de gênero, no entanto, a presença unicamente da disforia de gênero não basta para diagnosticar o transexualismo. Entendemos por disforia de gênero ao indivíduo que não se sente adaptado ou à vontade dentro do papel sexual destinado ao seu gênero (masculino ou feminino). No entanto, em várias épocas da vida de um indivíduo este pode passar por momentos de inadaptação e momentâneo desejo de ser do outro sexo, tal é o caso do indivíduo que gostaria de ser do outro sexo em virtude de supostas vantagens que obteria com tal. No diagnóstico de transexualismo cabe atentar que o indivíduo não deseja pertencer ao sexo oposto ao seu em virtude de supostas vantagens sociais. Se os motivos estão vinculados a vantagens sociais, familiares, financeiras ou outras semelhantes não cabe o diagnóstico de transexualismo e sim de momentânea disforia de gênero.

No transexualismo temos uma constante disfunção de gênero que não visa obter lucros com a troca de sexo, e sim

a integridade física e emocional, na medida em que o indivíduo comporta-se e sente-se de fato como se fosse uma mulher em um corpo de homem ou um homem em um corpo de mulher.

O sexo do indivíduo, enquanto gênero, só existe dois possíveis, ou o sujeito é macho ou fêmea. Temos somente os sexos masculino e feminino, agora, a forma como o indivíduo interpreta cognitivamente, se relaciona emocionalmente e vivencia social e comportalmente apresenta-se dentro de uma multiplicidade ampla e multiforme.

O que compõe o sexo individual? Podemos analisar o sexo, subdividindo-o em genético, anatômico, hormonal, social, jurídico, emocional, comportamental, cognitivo.

Há uma diferença entre identidade e papel de gênero. Ao nascermos, pertencemos ao sexo masculino ou ao feminino e durante nossa vida desenvolvemos uma identidade de gênero que deveria se adaptar ao sexo genético/biológico/anatômico, mas nem sempre isto ocorre. Chamamos de identidade de gênero ao sentimento de pertencimento a um determinado gênero e a capacidade de nos relacionarmos socialmente coerentes com tal identidade. Cabe a Robert Stoller, em 1964, cunhar o termo identidade de gênero. A atitude dos pais, demais familiares e do social circundante, desde o nascimento, marca e influencia na formação da identidade de gênero do indivíduo. Conjuntamente com a identidade de gênero é formada a identidade corporal, na medida do percebimento do próprio corpo e suas funções pela criança em desenvolvimento. A partir da identidade de gênero em nós formada, nos sentimos como pertencendo a um determinado gênero, pode ocorrer, no entanto, que o gênero ao qual sentimos pertencer não se iguale ao papel de gênero socialmente exigido. O papel de

gênero é o comportamento social culturalmente exigido e determinado para homens e mulheres. A identidade de gênero de um transexual não é condizente com o papel de gênero exigido dele pela sociedade, o que gera conflitos, frustração, dor e sofrimento.

Nem todas as pessoas que experimentam em algum momento de suas vidas a disforia de gênero, são transexuais. É provável, inclusive, que a maioria dos indivíduos que em algum momento de suas vidas apresentem disforia de gênero, não sejam transexuais.

## **Transexualismo**

Modernamente, temos como primeiro paciente a ser submetido a uma cirurgia de mudança de sexo ao soldado norte-americano George Jorgensen, transexual homem para mulher, que em 1952 adotou o nome de Christine Jorgensen, tendo sido operado em Copenhague, pelo cirurgião plástico Paul Fogh-Andersen. No Brasil, a primeira cirurgia de redesignação sexual ocorreu em 1971, quando o transexual homem para mulher, Waldir Nogueira, foi operado, o que foi motivo para que o cirurgião Roberto Farina fosse processado criminalmente e também pelo CFM, perdendo em primeira instância, preso e tendo cassado o direito de exercício da medicina. A primeira cirurgia de mudança de sexo em um transexual latino-americano ocorreu no Marrocos, em Casablanca, no ano de 1969, quando o brasileiro Airton Galiaci, conhecido por Jacqueline, transexual homem para mulher, foi operado.

O termo transexual foi primeiramente usado por D. O. Cauldwell em 1949. Desde 1980, o termo transexualidade passa a fazer parte da nova seção, sobre os distúrbios de identidade de gênero, do DSM III Diagnostic and Statistic

Manual of Mental Disorders (Manual de diagnóstico e estatística de distúrbios mentais).

Em nosso meio sociocultural, quem tornou público e de interesse da mídia o transexualismo, mesmo sem militar politicamente pelo assunto, foi, na década de oitenta, a modelo Roberta Close, nome artístico de Luís Roberto Gambine Moreira, transexual homem para mulher, que posteriormente se submeteu à cirurgia de redesignação sexual no exterior, casou-se e luta até hoje na justiça brasileira, sem grandes sucessos, pela mudança do nome e sexo em seus documentos.

A transexualidade ou transexualismo é um transtorno sexual. O termo Transgêneros também é empregado referindo-se aos transexuais. A transexualidade pode ser denominada por disforia neurodiscordante de gênero como o querem grupos organizados de transexuais e de acordo com decisão de 1999 do CFM - Conselho Federal de Medicina. O DSM IV utiliza a expressão transtorno de identidade de gênero, para abordar o tema da transexualidade.

Quando utilizamos o termo transexual fazemos referência tanto ao transexual homem para mulher, quanto ao transexual mulher para homem.

O prazer do uso da própria genitália está presente em heterossexuais, homossexuais e travestis, os quais não negam ou repudiam o seu sexo genital, mas está ausente no transexual, independente de sua preferência sexual ser heterossexual ou homossexual. Os transexuais, inclusive, negam e repudiam o seu sexo genital. É raro que transexuais se masturbem freqüentemente, mas mesmo quando transexuais se masturbam, evitam tocar ou serem tocados em sua genitália, usando-se de recursos criativos com este propósito.

É fundamental destacar a dor e o sofrimento de sentir-se preso a um corpo e situação social não condizente com seu estado emocional.

O transexual apresenta um distúrbio de identidade de gênero, constante e persistente, que evolui na busca da mudança permanente de seu sexo, passando pelo vestir-se e comportar-se de acordo com o outro sexo, dando seqüência a um tratamento hormonal e culminando em uma cirurgia de redesignação sexual, a não ser que, apesar do enorme desejo neste sentido, o indivíduo se veja impedido por fatores outros e que necessitam de uma solução antes da mudança definitiva de sexo. Tais fatores impeditivos podem estar relacionados à falta de dinheiro para custear o tratamento, conflitos morais ou religiosos, problemas oriundos do fundo sociocultural, político, legal e religioso no qual o indivíduo está historicamente inserido.

A transexualidade é independente da orientação sexual do sujeito, podendo esta ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

Da mesma forma que alguns indivíduos de orientação exclusivamente homossexual, transexuais também podem forjar uma vida de aparências, casando, tendo filhos e escolhendo profissões tradicionalmente pertencentes ao seu sexo genético/biológico/anatômico. Trata-se, no entanto, somente de uma aparente fachada que é mantida e preservada a custa de um enorme esforço emocional, gerando o estresse (podendo chegar à depressão) oriundo de estar constantemente representando para todos ser aquilo que se sabe não ser.

Quanto ao nome utilizado para designar a pessoa do transexual em clínica, cabe aqui o bom senso de perguntar como a pessoa gostaria de ser tratada e se ater a isto ou, observar-se como a pessoa se autodenomina e o pronome

(masculino ou feminino) com que faz referência a si própria. Cabe também observar a aparência externa do sujeito e ser condizente com a mesma no modo de tratar a pessoa.

### **Diagnóstico (transexualismo)**

No quadro clínico do transexualismo, o indivíduo não aceita o seu sexo genético/biológico/anatômico, se sentindo emocionalmente como pertencente ao outro sexo. Desta forma, ao ser reconhecido e tratado pelos familiares, amigos, colegas e conhecidos, de acordo com o sexo de nascença e registro civil, teremos a presença da frustração e do sentimento de que as pessoas que o rodeiam não o conhecem, pois não conseguem ver sua verdadeira identidade de gênero, encoberta e mascarada pelo corpo que este não reconhece como adequado a sua identidade sexual.

Se trata-se de uma mulher biológica, um dos maiores pesadelos surge com a puberdade, entre nove e doze anos de idade, com o desenvolvimento das mamas e a menarca, iniciando o ciclo de menstruações. O corpo trai a cada momento o ser emocional que o indivíduo acredita ser. Sua identidade de gênero é confrontada não somente com o social circundante, mas com seu próprio corpo, que independente de sua vontade e desejo, toma um rumo distinto e próprio e que a partir da puberdade se afasta cada vez mais do corpo idealizado pelo sujeito na medida em que a partir da puberdade este corpo afirma com mais ênfase um sexo que o lado emocional deste indivíduo nega veementemente.

O surgimento dos caracteres sexuais secundários, durante a puberdade, tende a marcar profundamente o adolescente transexual. A mudança do timbre da voz e o

aparecimento da barba em meninos, e a menarca e o desenvolvimento das mamas em meninas geram grande frustração e descontentamento.

O diagnóstico deve se basear em alguns parâmetros básicos: 1- a presença persistente do desejo de ser do outro sexo, não por obter qualquer tipo de vantagens sociocultural, mas sim pelo desconforto e o sentimento de total inadequação com seu sexo genético/biológico/anatômico. 2- diagnóstico excludente de condição intersexual física, hermafroditismo. 3- comprometimentos significativos no tocante ao convívio e relacionamento sexual, podendo gerar forte angústia, depressão, automutilações e tentativas de suicídio decorrentes da não aceitação do sexo genético/biológico/anatômico.

No transexualismo consta a ausência de satisfação sexual e a raridade de contatos sexuais, sejam estes de cunho heterossexual ou homossexual. Havendo uma frequência significativa de contatos sexuais satisfatórios, mesmo sendo possível o diagnóstico de disforia de gênero, o de transexualismo não se aplica.

Na transexualidade temos presente uma distorção da imagem do corpo e a rejeição do gênero com o qual nasceu, podendo levar a forte depressão e a tentativas de suicídio.

Após o diagnóstico de transexualismo, é necessário um período de tratamento psicoterápico para que o indivíduo possa se adaptar as alterações pós-cirúrgicas. Neste período pré-operatório é altamente recomendável que o indivíduo se comporte e vista-se com as roupas do outro sexo por pelo menos dois anos. Também é importante verificar a presença de outros quadros clínicos que impossibilitem ou que devam ser tratados e resolvidos antes da cirurgia, como é o caso da dependência química (álcool, fumo, drogas lícitas e ilícitas), debilidade mental, indivíduo legalmente menor de

idade, obesidade excessiva, idade muito avançada etc. Nestes casos, a cirurgia pode não ser recomendável ou requerer-se primeiramente, a solução do problema apresentado.

Deve-se atentar para problemas mentais graves e um QI muito baixo que impossibilitem ao sujeito tomar uma decisão consciente e responsável por suas ações. O início do tratamento, com a indicação clínica para vestir-se e comportar-se como pertencente ao outro sexo e o começo do tratamento hormonal visando a preparar o caminho para a cirurgia decorre de ser o sujeito em questão capaz de tomar uma decisão legal, consciente e responsável sobre este processo.

O DSM IV, ao se referir à prevalência do transtorno de identidade de gênero e a busca por cirurgia de reatribuição sexual, cita dados estatísticos obtidos em países menores da Europa e que envolvem a população total destes países, apresentando para transexuais homem para mulher 1 em 30.000 e para transexuais mulher para homem um em 100.000 adultos.

É provável que, apesar de se apresentarem mais transexuais homem para mulher do que mulher para homem, que de fato o número seja proporcional em ambas às populações, mas que em decorrência dos melhores resultados cirúrgicos nas cirurgias homem para mulher em virtude da atual tecnologia disponível tornar mais fácil e esteticamente eficiente a castração e a confecção de uma neovagina do que a histerectomia total e a construção de um neofalo.

Hoje as pesquisas apontam uma frequência maior de transexuais homem para mulher, do que mulher para homem. Dentre os possíveis motivos para tal, deve encontrar-se o fato de que a cirurgia destinada a um transexual mulher para

homem não obtém resultados funcionais e estéticos tão satisfatórios quanto à cirurgia em um transexual homem para mulher. Tomando-se como princípio que as potencialidades existenciais, criativas, cognitivas, emocionais, etc. estão igualmente divididas pela população independente de classe social, raça ou sexo, é bem provável que com a constatação da melhora no procedimento cirúrgico em transexuais mulher para homem, indivíduos nesta condição passem a requisitá-lo mais e que os números de homens e mulheres que desejam mudar de sexo por rejeitarem seu sexo de nascença, venham a se igualar.

### **Aspecto legal**

A cirurgia de transgenitalização no Brasil é atualmente permitida pelo CFM, realizada exclusivamente em hospitais universitários ou públicos, para fins de pesquisa e gratuita.

Já o desejo de adequar o prenome e o sexo a nova condição e aparência, esbarra no Brasil na questão legal do direito concernente a mudança de nome ou a adequação do registro civil. Trata-se aqui da discussão sobre o direito de um cidadão poder alterar juridicamente o seu nome e sexo, o que nos remete a legislação vigente no país.

A re-invidicação de adequação do registro civil, carteira de identidade, etc. garantindo o pleno exercício da cidadania fazem parte do debate desta problemática junto à esfera do direito. Encontramos neste debate posições pró e contra que a lei permita a adequação do prenome e sexo do transexual a sua nova condição e aparência pós-operatória.

Uma tese defendida, em prol da adequação do nome e sexo nos documentos, a nova aparência e identidade do cidadão, é que os nomes têm como finalidade a identificação das pessoas e não devem expô-las ao ridículo social por

não condizer com a aparência física, emocional e comportamental.

A resolução do Conselho Federal de Medicina de 30 de setembro de 1997, CFM 1482/97 libera eticamente aos médicos a realização da cirurgia transgenital, sendo a mesma legal unicamente quando realizada a título de pesquisa em hospital universitário ou público. A cirurgia no Brasil se torna possível com a resolução do CFM, salvo restrição necessária, de ser o indivíduo maior de 21 anos de idade, ter se submetido à terapia por no mínimo dois anos, ser diagnosticado e tratado por uma equipe multidisciplinar, ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia.

## **Saúde**

Para melhor nos posicionarmos diante da problemática do transexualismo, é necessário entendermos o conceito de saúde de modo amplo, como o quer a OMS em sua definição: “a saúde é um completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”.

É saudável uma integração harmônica entre os vários aspectos que compõe o sujeito diante da presença ou ausência de sua felicidade, do sentir-se de bem com a vida. O físico, o emocional, o cognitivo, o comportamental, o social, o econômico, o sexual, etc. devem integrar-se num todo harmonioso. O tratamento do transexual é um direito que este tem com relação à saúde em sentido amplo.

É importante trabalhar-se existencialmente o significado da vida e do papel e identidade social, pessoal e sexual conquistada pelo sujeito.

## Tratamento

Quando cogitamos tratar o transexualismo, vemo-nos diante de duas opções: Adequar a esfera emocional ao corpo, fazendo com que o indivíduo aceite seu corpo, ou, adequar o corpo a estrutura emocional do indivíduo.

A primeira opção, de por meio de psicoterapia adequarmos a estrutura emocional do indivíduo ao seu corpo, fazendo com que este aceite a si próprio não tem se mostrado satisfatória e exitosa.

A segunda opção, de adequar o corpo à estrutura emocional, tem estado em voga em anos recentes, devido e evolução das cirurgias de redesignação sexual.

A cirurgia ou operação de redesignação sexual também é conhecida por cirurgia de transgenitalização, operação de redefinição de sexo, cirurgia de adequação sexual, cirurgia de adequação de sexo, cirurgia transgenital, cirurgia transgenérica.

Em transexuais mulher para homem, se constrói um neofalo. O termo cirúrgico para a moldagem ou formação de um novo pênis é faloplastia. Para simular a ereção torna-se necessário posterior implantação de uma prótese peniana. Temos, também a retirada das mamas ou mastectomia, chamada de ablação das glândulas mamárias. É feito também a histerectomia, retirada do útero, e a ovariectomia, retirada dos ovários. Com a retirada do útero e ovários, acaba-se em definitivo as menstruações, tidas como insuportáveis pelo transexual por lembrá-lo todos os meses de que seu corpo é o de uma mulher.

Em transexuais homem para mulher, a cirurgia consiste basicamente na castração, onde os testículos são removidos ou isolados. Conjuntamente com a castração temos a amputação do pênis, denominada de penectomia ou

peotomia. Na seqüência a ablação do pênis, temos a criação de uma neovagina. Posteriormente, outros procedimentos cirúrgicos podem ser adotados, como, por exemplo, a plástica no nariz, rinoplastia, e a ablação do pomo de adão, bem como cirurgias foniátricas visando elevar em um oitavo a voz, assemelhando-se mais a voz feminina.

É comum encontrarmos na literatura pertinente ao assunto, o registro e a descrição de autocastrações e mutilações nas mamas, em decorrência da não aceitação explícita do sexo genético/biológico/anatômico com o qual o indivíduo nasceu.

Na ausência do tratamento cirúrgico, temos o registro de casos de automutilações e lesões corporais por vezes irreversíveis, seja nas mamas ou na genitália. Temos o registro na literatura concernente ao tema, de homens que tentaram a autocastração. A literatura sobre o tema traz relatos de transexuais que adquiriram determinado anestésico, anestesiaram o órgão, cortaram e jogaram no vaso sanitário dando descarga para impossibilitar um reimplante. Mulheres, visando esconder os seios, prova cultural de sua feminilidade, tendem a amarrar as mamas com tiras de seda, fazendo com que estes se deformem e apontem para baixo.

É preciso deixar claro que o transexual masculino precisa do tecido de sua genitália para ser reaproveitado na construção de uma neovagina e se este se precipita se automutilando e castrando estará agindo contrário aos seus próprios interesses, na medida em que com tal ato estará complicando qualquer procedimento cirúrgico de mudança de sexo.

Torna-se interessante ética e profissionalmente para as instituições que trabalham com cirurgia de redesignação sexual, estruturar uma equipe multidisciplinar e que venha a

compor uma comissão de identidade de gênero, visando analisar, diagnosticar e acompanhar o paciente transexual no período pré-operatório, operatório e pós-operatório. O ideal seria que esta equipe acompanha-se o indivíduo por cerca de dois anos antes da data da cirurgia, fornecendo acompanhamento e terapia, e por outros dois anos após a cirurgia.

É altamente recomendável que, antes da cirurgia de mudança de sexo, o indivíduo diagnosticado como transexual tenha pelo menos dois anos de vivência se comportando e vestindo-se como as pessoas do sexo que ele pretende vir a ter.

É importante que a psicoterapia se estenda por um certo período (cerca de dois anos) após a cirurgia, para facilitar a adaptação do sujeito ao seu novo sexo e a enfrentar positivamente uma possível depressão pós-operatória.

O sentimento de culpa pela transexualidade é freqüente na família do transexual. Além de oferecer um bom tratamento ao transexual, deve-se atentar também para a família de onde o mesmo provém, pois a mesma necessita de informação sobre a transexualidade e orientação psicoterapêutica para aceitar adequadamente a transexualidade do seu familiar.

A busca do transexual é em verdade a busca por completude e integridade.

### **Papel do psicólogo**

Cabe ao psicólogo a definição e diagnóstico correto do quadro clínico de transexualismo, bem como atuar com terapia pré e pós-cirurgia. Cabe participar, também, da decisão quanto à indicação ou não do paciente para a cirurgia de redesignação sexual.

É importante que o profissional psicólogo que atua junto à clínica e sexualidade saiba diagnosticar e distinguir o transexualismo de outros fenômenos sexuais e que esteja apto a prestar informações a familiares e a sociedade em geral, sobre o presente tema.

### **Palavras finais**

Em sentido strictu, sexo é um termo que comporta somente duas sub-divisões: macho e fêmea. Alguns autores chegam a falar de vários sexos, quando o mais correto seria falar em um continuum da forma de expressar a sexualidade. Disfunções, anomalias (genéticas, cromossômicas, etc.), orientações, preferências, fantasias, etc. não justificam afirmar a existência de mais do que dois sexos. É claro, no entanto, que dispor de estas duas categorias (macho e fêmea) podemos analisar o sexo do indivíduo de vários ângulos, como, por exemplo: o genético ou cromossômico, o cromatínico, o endócrino, o gonádico, hormonal, o morfológico ou anatômico, o emocional, o cognitivo, o comportamental, o social e o jurídico.

Indivíduos com transtorno de identidade de gênero merecem serem tratados condignamente por uma equipe multidisciplinar. A frustração, dor e sofrimento, podendo levar a depressão e outros desenvolvimentos, são constantes neste quadro clínico. Cabe ao profissional de saúde atuar de modo a possibilitar que este indivíduo venha a se aceitar como um todo coerente, resgatando a saúde, bem-estar e felicidade.

Silvério da Costa Oliveira.

## Referências Bibliográficas e sobre o autor

Veja na Internet a minha Home Page, onde se encontram currículo, textos e artigos, informações sobre os livros e catálogos bibliográficos com indicação das bibliotecas onde os exemplares se encontram. <http://www.sexodrogas.psc.br>

## Bibliografia

**COSTA**, Ronaldo Pamplona da. *Os 11 sexos: As múltiplas faces da sexualidade humana*. 3. ed., São Paulo: Gente, 1994.

**COUTO**, Edvaldo Souza. *Transexualidade: O corpo em mutação*. Salvador: editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

**OLIVEIRA**, Silvério da Costa. *Sexo, sexualidade e sociedade*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996. (177 páginas, inclui ilustrações).

\_\_\_\_\_. *Conversando sobre as drogas*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. (382 páginas e 965 títulos bibliográficos citados).

\_\_\_\_\_. *Catálogo bibliográfico sobre drogas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997. (965 títulos).

\_\_\_\_\_. *Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina – UEL, 1999. (124 páginas).

\_\_\_\_\_. *Lesbianismo e prostituição*. Rio de Janeiro: [s.n.], julho 1997.

\_\_\_\_\_. O psicólogo diante da dependência química: Orgasmo e morte nas drogas (1ª parte). *Jornal Argumento – CRP 5ª região*. Rio de Janeiro: ano II n.º 8 do VIII Plenário, p. 5, agosto de 1997

\_\_\_\_\_. O psicólogo diante da dependência química: Orgasmo e morte nas drogas (2ª parte). *Jornal Argumento – CRP 5ª região*. Rio de Janeiro: ano II n.º 9 do VIII Plenário, p. 15, setembro de 1997.

\_\_\_\_\_. Drogas e sexo ou drogas, o orgasmo sem sexo (publicado com o título: Drogas, o orgasmo sem tesão). *Revista Brazil Sex Magazine*. São Paulo: ano III, n.º 25, p. 18 e 19, setembro 1997.

\_\_\_\_\_. Masturbação, homossexualismo e ideologia (publicado com o título: Sexo, política e religião). *Revista Brazil Sex Magazine*. São Paulo: ano III, n.º 26, p. 24 e 25, outubro 1997.

\_\_\_\_\_. Sexo no Brasil: a política do avestruz (publicado com o título: Política sexual). *Revista Brazil Sex Magazine*. São Paulo: ano III, n.º 27, p. 40 e 41, novembro 1997.

\_\_\_\_\_. A Maçonaria diante do flagelo das drogas. *Jornal O Semeador*. Rio de Janeiro: ano XXX – n.º 36 – n.º 17/2ª fase, p. 3, maio 1999.

\_\_\_\_\_. Pensando a drogadicção no contexto clínico. *Revista SEFLU*. Rio de Janeiro: Faculdade de Ciências Médicas e Paramédicas Fluminense, ano 1, n.º 1, junho de 2001.

**RANSEY**, Gerald. *Transexuais: Perguntas e respostas*. Trad. Rafael Azize. São Paulo: Summus, edições GLS, 1998.

**VIEIRA**, Tereza Rodrigues. *Mudança de sexo: Aspectos médicos, psicológicos e jurídicos*. São Paulo: Livraria Santos Editora, 1996.

*ABC dos gays: Cartilha para desenvolver auto-estima, cidadania e a promoção de práticas sexuais mais seguras de prevenção da AIDS para homossexuais*. Salvador: GGB, 1996.

## Lesbianismo e prostituição

Publicado originalmente em:

OLIVEIRA, Silvério da Costa. *Lesbianismo e prostituição*. Rio de Janeiro: [s.n.], julho 1997. Disponível em: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>. Acesso em:

O termo lesbianismo é sinônimo para o homossexualismo feminino, provém do nome da ilha grega Lesbos, onde na Antigüidade, conta-se, haveria um grupo de mulheres lideradas pela pitonisa Safo e que manteriam relações sexuais entre si.

O homossexualismo pode ser tanto masculino como também feminino e caracteriza-se por relações sexuais e afetivas entre parceiros do mesmo sexo. Hoje há um entendimento entre os psicólogos e médicos que atuam na área da sexualidade humana que o homossexualismo em si é um comportamento sexual normal, não caracterizando nenhum quadro patológico. Podemos ter pessoas de preferência homossexual ou heterossexual que apresentem um comportamento doentio e uma personalidade desequilibrada, mas a mera opção sexual não caracteriza nenhum tipo de anomalia, seja psicológica ou orgânica. Cabe

aqui ressaltar a diferenciação entre homossexualismo, travestismo, transexualismo, pederastia e hermafroditismo.

Enquanto no heterossexualismo temos um homem se relacionando sexualmente com uma mulher, no homossexualismo temos o relacionamento sexual entre dois homens ou entre duas mulheres, já o travestismo não implica em homossexualismo e sim, simplesmente, em sentir prazer sexual em vestir-se com roupas do outro sexo, por exemplo, podemos ter o caso de homens de comportamento exclusivamente heterossexual que por baixo de suas roupas comuns estejam usando roupas femininas, como calcinhas e sutiãs. Já o transexualismo é caracterizado não somente pelo prazer em vestir roupas do outro sexo e sim em querer ser do outro sexo, chegando tais indivíduos a se submeterem a cirurgias de mudança de sexo. Na pederastia, por sua vez, temos contatos homossexuais entre um homem adulto e uma criança.

O Hermafroditismo é um fenômeno geneticamente determinado, caso clínico no qual é indicada cirurgia corretiva, pois a criança apresenta um sexo externo diferente do interno, não deve em nenhuma hipótese ser confundido com o travestismo, o homossexualismo e o transexualismo. Destes comportamentos, o homossexualismo deve ser visto como normal, não denotando nenhuma patologia, já o transexualismo e o travestismo nos remetem a alterações na estrutura de personalidade.

Em verdade, não existe o indivíduo homossexual ou heterossexual, não sendo correto aplicar tais termos para rotular pessoas, como bem já ressaltava o pesquisador Alfred Charles Kinsey, o que temos são comportamentos homossexuais e heterossexuais, podendo um mesmo indivíduo apresentar ambos comportamentos, seja

paralelamente, o que costuma ser chamado de bissexualismo, ou em momentos distintos de sua vida.

A rejeição quanto ao homossexualismo tem em suas origens a confusão entre reprodução e sexualidade. Um comportamento sexual que não possa gerar uma gravidez acaba desprezado e condenado em nossa sociedade judaico-cristã e como bem expliquei em meu livro *Sexo, Sexualidade e Sociedade*, os verdadeiros motivos não são religiosos e morais e sim político-econômicos e que encontram sua origem na formação e solidificação de uma sociedade patriarcal entre o povo hebreu após a volta do cativo na Babilônia, por volta do sétimo século antes de Cristo.

Agora que já explicitamos o que venha a ser o homossexualismo, cabe-nos fazer a ponte com a prostituição, como o título sugere. Em verdade, temos pessoas de ambos os sexos se prostituindo, tanto em relações heterossexuais como em relações homossexuais, mas nos ateremos a prostituição feminina para destacarmos um ponto curioso. Refiro-me ao fato de algumas mulheres estarem plenamente engajadas na prostituição heterossexual, saindo comercialmente com vários homens e no entanto, em suas vidas particulares, manterem um comportamento exclusivamente homossexual, possuindo uma companheira fixa com a qual podem de fato se entregarem ao prazer.

É impossível deixar de perguntar se tal dualidade não encontraria respaldo numa tentativa emocional de compensação de um sentimento inconsciente de culpa, ou de um mecanismo de negação do dia-a-dia profissional, onde deva se relacionar com vários homens e simultaneamente não se envolver afetiva ou sexualmente com nenhum deles.

Salientemos, também, que a nossa cultura ensina aos homens e as mulheres, desde crianças, a se comportarem

e expressarem seus sentimentos de formas diferentes. Temos o reflexo disto nas relações sexuais, onde se me permitem uma generalização, que, claro, exclui as exceções que de fato existem, temos que numa relação homossexual masculina muitas vezes o aspecto emocional/afetivo está excluído e a busca comercial pelo prazer ganha destaque, de forma que um homem homossexual que já tenha passado dos 40 anos terá mais dificuldades em conseguir um parceiro e por vezes terá forte peso a questão econômica, o poder aquisitivo. Já numa relação homossexual feminina, teríamos um maior envolvimento emocional, com ligações mais duradouras. Devo mais uma vez lembrar que estou falando genericamente e que bem sei que existem relacionamentos homossexuais masculinos e femininos que não se encaixam neste perfil, mas o objetivo aqui é ressaltar a importância do fator cultural e a aprendizagem desde a mais tenra infância dos papéis sociais e afetivos destinados a um homem e a uma mulher, pois tal aprendizagem é interiorizada pelo indivíduo e mesmo quando adulto está presente e independe de sua opção sexual, tendendo muitas vezes a agir irrefletidamente a partir destas noções, influenciando no seu comportamento sexual, amoroso e em todas as suas relações afetivas.

Existem vários fatores relacionados à prostituição, a possibilidade da dualidade entre o exercício heterossexual desta atividade e uma vida privada homossexual é somente uma de várias dicotomias presentes.

Gostaria de ressaltar que, como bem destaquei em meu livro, vejo a prostituição como uma profissão, na qual, como em qualquer outra profissão, temos indivíduos que por ela optaram compelidos por uma situação social que em muito limitava sua escolha ou que colocava a mesma como uma fonte real de renda necessária a sobrevivência, ou a

manutenção de um padrão de vida, mas temos também aqueles que optaram por tal profissão por motivos emocionais, oriundos do desejo e do prazer em exercer tal atividade, a semelhança de uma vocação.

Se a prostituição existe, é pelo simples fato de existir um mercado consumidor para a mesma. A prostituição é fruto, em primeiro lugar, da nossa sociedade que criou a necessidade de sua existência e constantemente a financia, neste sentido se apresenta como um sintoma de um desequilíbrio social e válvula de escape das pressões oriundas das bases em que se assenta a nossa sociedade.

Se o leitor se interessar, em meu livro desenvolvo em profundidade, dentre vários comportamentos sexuais, a problemática do homossexualismo e da prostituição. Futuramente, planejo desenvolver pesquisa e escrever um trabalho exclusivamente sobre a prostituição na classe alta dominante de nossa sociedade, entrevistando as garotas de programa que atuem junto a classe A, e neste sentido, estou aberto a qualquer contribuição, como, por exemplo, informações e contatos, que, é claro, serão mantidos em total sigilo profissional.

O leitor que desejar apresentar sugestões ou manter contato poderá fazê-lo utilizando-se de meu e-mail, caso o leitor venha a ler meus livros "*Sexo, Sexualidade e Sociedade*" ou "*Conversando Sobre As Drogas*", ficaria feliz em poder ter uma crítica ou comentários sobre os mesmos e desta forma poder futuramente abordar outros pontos importantes e do interesse do leitor.



# Masturbação, homossexualismo e ideologia

## Sexo, política e religião

Publicado originalmente em:

OLIVEIRA. Silvério da Costa. Masturbação, homossexualismo e ideologia (publicado com o título: Sexo, política e religião); in *Revista Brazil Sex Magazine*, São Paulo, ano III, n.º 26, p. 24 e 25, outubro 1997. Disponível em: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>. Acesso em:

A ideologia é como um vírus que contamina nosso corpo e compromete nossa vida. Quando, no entanto, vasculhamos nosso organismo em busca de tais vírus ideológicos, mesmo se os encontramos, tendemos a vê-los e imaginá-los como células que integram nosso corpo e não como um ser estranho, externo e intruso que nos invade e prejudica na medida em que passamos a ter uma visão parcial da realidade. Aqui se encontra o genuíno poder destrutivo das ideologias, no fato de o indivíduo contaminado por um vírus ideológico não o conseguir perceber objetivamente e aceitá-lo com naturalidade como uma célula formadora de seu corpo, algo provindo de si próprio para o meio circundante e não algo externo, provindo do caldo sócio-cultural para nossa vida. Falar de ideologias é também falar em poder e na manipulação deste poder, no fundo, as ideologias tem como

maior função servirem como instrumento estabilizador e mantenedor da sociedade e do status quo de cada um dentro da mesma.

Muitas das crenças e atitudes que mantemos no presente são fruto de ideologias antigas, hoje deslocadas de seu contexto original vinculado a uma manipulação direta do poder por grupos minoritários.

Falar de sexo e sexualidade é cair em um abismo negro e sombrio de preconceitos e desinformação, no qual ideologias nefastas se revestem de falso significado religioso na tentativa de manipular o comportamento das pessoas, sejam estas pessoas simples, trabalhadores ou profissionais liberais, como médicos, psicólogos e advogados.

Como autor do livro *Sexo, Sexualidade e Sociedade*, tive a oportunidade de falar francamente sobre as ideologias que denigrem o comportamento sexual enquanto expressão maior de vida, alegria e prazer. Vejamos, por exemplo, o orgasmo, a masturbação, as disfunções sexuais, as doenças sexualmente transmissíveis, a AIDS, a gravidez e o parto, o planejamento familiar e os métodos contraceptivos, o abortamento, a prostituição, a repressão sexual, o heterossexualismo e o homossexualismo e enfim, os diversos comportamentos sexuais dentro de nossa sociedade. Todos estes são temas tão carregados ideologicamente que somente a simples menção dos mesmos diante de um grupo de pessoas já é por vezes suficiente para alterar expressões faciais e o próprio comportamento do grupo. Mesmo as pessoas mais desinformadas tem opiniões formadas sobre tais assuntos e crêem ser sua opinião verdade inquestionável e absoluta.

Vou convidar o leitor a entrar comigo em uma máquina do tempo que nos leve muito para trás em nossa história, para podermos enxergar melhor o momento em que o sexo

começou a se transformar em pecado, iremos viajar cerca de 2700 anos, até o sétimo século antes de Cristo.

Como sabemos, nossa sociedade tem sua moral solidificada a partir de uma tradição cristã. O cristianismo, por sua vez, surge no berço do judaísmo. Ora, até o sétimo século antes de Cristo, havia uma maior permissividade em relação a práticas sexuais diversas praticadas pelos hebreus, que neste sentido não diferiam de seus vizinhos, assírios, caldeus e babilônios.

A negação da masturbação, do homossexualismo, do sexo oral, do abortamento, dos anticoncepcionais e a exigência de uma forma padronizada para o exercício do ato sexual presentes no transcorrer de nossa história, se originariam da solidificação de uma estrutura social patriarcal desenvolvida junto ao povo hebreu após o retorno do cativo na Babilônia, tendo presente um marcante caráter nacionalista que visava o afastamento dos valores e práticas aceitos por seus vizinhos (assírios, caldeus e babilônios). Ao homem caberia o papel dominante e à mulher, a procriação. Os tabus e interditos possuem, portanto, uma origem política disfarçada por um discurso religioso.

Excluindo-se interditos sociais vinculados à posição social ocupada, relações consangüíneas ou emprego de violência, não existia condenação do comportamento homossexual na legislação dos hititas, caldeus e judeus anteriormente ao sétimo século antes de Cristo. Contatos bucogenitais e homossexuais estavam anteriormente associados ao serviço religioso destes povos. Com a saída do cativo da babilônia, o nacionalismo então emergente buscava realçar a diferença entre seus vizinhos e neste contexto se encaixam as proibições talmúdicas contra tais práticas sexuais.

Se formos agora a Grécia e a Roma antigas, veremos que o homossexualismo também era aceito com naturalidade, como, por exemplo, em “O Banquete” de Platão, onde temos um elogio feito por Aristófanes ao amor sexual entre dois homens. Os gregos aceitavam o amor entre dois homens, desde que um não fosse ainda adulto e quando o fosse, tal relação deveria terminar. Já os romanos aceitavam o relacionamento sexual entre dois homens, desde que um não fosse cidadão romano e que o cidadão livre não assumisse posição passiva ou praticasse a felação.

Atividades sexuais que não traziam em si a possibilidade de uma gravidez passaram a ser vistas como desperdício de sêmen fertilizante dentro de um contexto sócio-cultural onde fazia-se necessário o aumento da procriação, visando o aumento do número de homens e mulheres, pois era necessário aumentar a população para consolidar a independência política do Estado e garantir a posse de suas terras.

A forma padronizada historicamente por nossa sociedade e cultura para obter o orgasmo pelo intercuro sexual (penetração do canal vaginal pelo pênis em movimentos ritmos de entrada e saída) se apresenta como a única forma de procriar e, portanto, passa a ser vista como a única correta, pois o sexo passou a ser visto como uma atividade basicamente procriativa, em virtude de conceitos ideológicos provindos de um meio sociocultural patriarcal onde havia a necessidade de procriar e desta forma aumentar a população, condição vital, no passado, para a sobrevivência dos povos e hoje ultrapassada pela antítese da superpopulação. Tais ideologias podem gerar no transgressor um sentimento de culpa e alienação.

Na história da humanidade criou-se uma confusão entre reprodução e sexualidade, desta forma a ira moral, a

difamação e mesmo a segregação passam a ser ameaças reais contra aqueles que buscam o prazer por meios que impossibilitem a gravidez.

Opiniões e críticas encaminhadas via e-mail serão bem vindas e todas terão resposta. Como o leitor já está a par, pretendo desenvolver pesquisa junto às garotas de programa que atuam na alta sociedade, mas para tal busco contatos e informações que facilitem o início da pesquisa.



# Sexo no Brasil: a política do avestruz

## Política sexual

Publicado originalmente em:

OLIVEIRA, Silvério da Costa. Sexo no Brasil: a política do avestruz (publicado com o título: Política sexual). *Revista Brazil Sex Magazine*. São Paulo: ano III, n.º 27, p. 40 e 41, novembro 1997. Disponível em: <<http://www.sexodrogas.psc.br>>. Acesso em:

Infelizmente, neste nosso país, há o hábito cultural, incentivado pela mídia e financiado por interesses outros, de se fazer muita polêmica em torno de nada e desta forma levantar uma camada de poeira que encubra os verdadeiros problemas. Isto fica bem nítido quando o assunto é o sexo e a sexualidade, vejamos, por exemplo, a recente polêmica sobre a legislação sobre o aborto. Quem não conhecesse nossa realidade cultural poderia, ao se defrontar com um número imenso de artigos e reportagens das mais diversas sobre a questão do abortamento e sua legislação, até pensar que estávamos discutindo a legalização deste procedimento no Brasil e não discutindo sobre uma lei que já existe há 57 anos em nosso Código Penal, artigo 128, e que se refere unicamente ao abortamento praticado numa instituição

hospitalar em caso de risco de vida para a gestante ou de gravidez gerada por estupro.

Como psicólogo, entendo que diante de um problema a melhor solução não seria esconder a cabeça embaixo da terra para evitar ver a realidade e agir de acordo com seus preconceitos; tal comportamento é irracional e não favorece a saúde física ou mental dos indivíduos ou da sociedade por eles composta. Como adultos, devemos nos comportar de forma equilibrada e enfrentarmos os problemas de frente procurando uma solução satisfatória e não negando a existência dos mesmos. Devido ao descaso político no tocante a uma atitude positiva frente ao sexo e ao problema das drogas, temos este quadro socialmente patológico.

Os abortos clandestinos ocupam o quinto lugar em causas de internações no Sistema Único de Saúde. No estado do Rio de Janeiro, em 1996, o aborto clandestino foi a quarta causa de mortalidade materna. Em países onde o abortamento é legalizado e há uma política de planejamento familiar, a tendência é a redução do número de abortamentos e também a drástica redução de mortes por complicações decorrentes de um abortamento clandestino. No Brasil, calcula-se que só em 1996 ocorreram um milhão de abortamentos clandestinos e destes, segundo o Ministério da Saúde, 252 mil mulheres vieram a falecer em decorrência de complicações decorrentes de um abortamento malfeito e tais dados se referem unicamente as estatísticas oficiais de mulheres que foram encaminhadas a rede hospitalar após complicações ocasionadas por um abortamento malfeito.

Mas a política do avestruz não se restringe somente a isto, vejamos também a questão do planejamento familiar, a cada ano um número maior de adolescentes em idade escolar e diante da encruzilhada de um turbilhão de escolhas possíveis em um futuro que se apresenta, vem a engravidar

simplesmente por desconhecerem o mínimo de sua sexualidade e do uso de métodos anticoncepcionais. Na prática não há uma política séria e eficaz visando o planejamento familiar e a informação sexual de boa qualidade e isto é uma vergonha!

Por vezes me vejo na situação de conferencista, diante de turmas de segundo grau, sobre os temas sexo e drogas e nestas ocasiões os adolescentes tem a oportunidade de fazerem as mais diversas perguntas, demonstrando interesse e atenção. Por minha experiência, entendo ser de vital importância a introdução de disciplina específica sobre sexo e drogas nas escolas. Sexo é vida e saúde, mas para desfrutarmos de uma saudável vida sexual é necessário informações corretas e adequadas e é justamente na infância e adolescência que aprendemos nefastos valores equivocados que serão os tristes preconceitos que teremos quando adultos. Somente por meio da educação poderemos mudar esta hipócrita sociedade, mas infelizmente, qualquer tentativa séria de mudança encontra obstáculo diante de uma falsa moral que prega valores de morte e não de vida, que nega o prazer e a sexualidade na medida em que vê no prazer legítimo diante da sexualidade natural as portas do inferno e da perdição. Isto seria ridículo se não fosse antes trágico.

Não é raro o caso da adolescente que se vê diante de sua primeira menstruação, a menarca, sem o menor conhecimento do porquê da saída daquele sangue e ainda se sentindo culpada, como se tivesse feito algo de errado. Isto porque ninguém havia antes lhe explicado coisas básicas sobre seu corpo e sua sexualidade. Alguns parecem querer por a cabeça debaixo da terra para não ver ou fingirem não verem este corpo que é vida e sexo, este corpo que nós somos.

Engraçado como certas lembranças resistem ao tempo. Apesar dos anos que já se passaram, me lembro como se fosse hoje, ainda cursando minha primeira faculdade, psicologia, já realizava pesquisas e leituras na área da sexualidade, pois era o campo que mais me interessava em minha futura profissão e certa vez estava eu no campus da universidade conversando sobre o tema com colegas quando uma garota que também fazia psicologia me questionou sobre a educação sexual nas escolas, ao que respondi que era plenamente favorável que houvesse uma disciplina específica para tal desde o ciclo básico e mais elementar, informando tudo que fosse necessário sobre o sexo, o corpo, a sexualidade em geral. Após minha resposta esta futura colega de profissão me respondeu com desdém e desprezo que eu não iria longe com minhas idéias. Isto me impressionou bastante, pois pensar que alguém que estava cursando psicologia não concebia crianças e adolescentes estudando com seriedade questões referentes a sua própria sexualidade, ao planejamento familiar, aos métodos anticoncepcionais etc. era para mim um absurdo, hoje, no entanto, vejo que o preconceito nesta área é de fato enorme e mesmo alguns profissionais de saúde não se sentem a vontade diante deste tema, ou pior, veiculam idéias erradas e preconceituosas com a autoridade de um profissional. Tal é o caso de alguns médicos que ainda hoje, no Brasil, afirmem ser o homossexualismo um desvio ou doença ao invés de um comportamento sexual normal, uma opção de vida.

Por tudo isto, quando ano passado, conjuntamente com a Editora Irradiação Cultural, publiquei o livro *Sexo, Sexualidade e Sociedade*, estava preparado para uma chuva de críticas do mais baixo escalão, no entanto, tal não se deu, muito pelo contrário, pois as críticas que vieram e que

foram veiculadas pela mídia (como, por exemplo, a Revista Brazil nº 19) foram bem elogiosas. Pensando no assunto, cheguei a conclusão que em geral os que lêem no Brasil são pessoas mais esclarecidas e que os falsos moralistas, hipócritas ou desinformados adotam uma verdade inquestionável e não se dão ao trabalho de lerem qualquer coisa a respeito, como se dissessem: “Não li, não pretendo ler, mas não concordo com uma palavra do que este autor disse”.

O triste é que tal política do avestruz ocorre mesmo entre pessoas que apresentam um certo destaque dentro de nossa sociedade e mesmo líderes políticos ou profissionais de saúde que constantemente lidam com temáticas oriundas do sexo/sexualidade e das drogas/dependência, não se mostram devidamente informados. Lutar contra esta realidade e fornecer informações acessíveis sobre a vida sexual é ainda uma tarefa inglória, pois o veículo para tal, tende a ser o livro e como bem sabemos, o brasileiro não possui o hábito de leitura. Não adianta um livro informativo sobre sexualidade ser altamente sério e crítico, escrito por alguém com a devida formação profissional, se as pessoas em geral não tomam conhecimento sobre o mesmo, pois para mudarmos esta realidade hipócrita é necessário que a informação confiável chegue as mãos daqueles que dela de fato precisam e também dos nossos formadores de opinião.

Lembro que estou preparando uma pesquisa sobre prostituição na classe A e que o leitor da Brazil poderá entrar em contato comigo utilizando meu e-mail, o que muito me alegraria, apresentando sugestões, críticas ou outras contribuições. Prometo responder a todos.



# Comportamento

## Casais liberais: o sabor da aventura no casamento

Publicado originalmente em:

Entrevista à Revista Ele Ela, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 361, p. 84, 85, 86, 87 e 88, outubro 1999 (Entrevista com foto). Título: Comportamento - Casais liberais. O sabor da aventura no casamento (por Cristina Pimentel). Disponível em: [www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br) Acesso em:

Comportamento

Casais liberais. O sabor da aventura no casamento.

(por Cristina Pimentel)

(Fotógrafo: Izac Luz)

Um casamento em que existe amor, respeito e o casal é livre até para dar suas puladinhas de cerca. Isto é normal? Para muitos casais esta é a relação ideal e pode até ser um tempero a mais na vida a dois. Mais comum nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte, já que o anonimato facilita as coisas, o casamento aberto também tem regras como o convencional e está a cada dia ganhando mais adeptos.

Mais do que um comportamento sexual, o casamento liberal ou relacionamento aberto está a cada dia ganhando mais adeptos.

Basta abrir os classificados de qualquer revista especializada em sexo, para constatarmos que cada vez mais casais liberais procuram homens e mulheres para viver momentos prazerosos. Segundo o sexólogo e mestre em psicologia, professor Silvério da Costa Oliveira, de 36 anos, desde que haja consentimento de ambas as partes, esse tipo de relacionamento pode ser uma coisa extremamente positiva e quebrar a rotina de um casamento.

Todo mundo quer saber o que é normal no sexo. Troca de casais existe desde que o mundo é mundo. Segundo Silvério da Costa, na pré-história, havia uma liberdade sexual bem maior do que se tem hoje. E talvez por haver excessos, o sexólogo acredita que tenham começado a surgir regras para limitar essa liberdade. “De alguma forma, foram se criando princípios para permitir uma coesão do grupo, para saber quem é quem”, teoriza.

Para o neurologista Carlos Bacelar, 54 anos, o modelo atual de casamento é compulsivo, obsessivo e possessivo. Segundo ele, o ideal é um casamento em que exista amor, respeito e o casal seja livre até para dar suas puladinhas de cerca. “Quem ama quer a felicidade do outro. Se eu amo uma mulher e de repente ela deseja ter um relacionamento extraconjugal, eu tenho que respeitar essa vontade”, diz.

Apesar de defender o casamento aberto, o neurologista Carlos Bacelar afirma que não vive um relacionamento assim. “A minha cultura ainda é presa aos preconceitos, a religião se mete muito e quero me libertar dela. Eu acho que vai terminar acontecendo isso”, admite. Ele também alerta que quem opta por um relacionamento aberto não pode jamais seduzir seu parceiro. “O maior crime é a sedução. Se você

é voyeur e a pessoa com quem você está não, você não tem o direito de seduzi-la. A sociedade é pluralista. Cada um tem seus gostos, sua maneira de ser, sua cultura, sua religião”, ressalta.

Por outro lado, o sexólogo Silvério da Costa lembra que geralmente são os homens que levantam a questão. “Chega um momento na intimidade do casal em que o parceiro sugere o relacionamento aberto. O que ocorre, às vezes, é que a mulher acaba topando sair com outro homem só para não perder o parceiro”, alerta o sexólogo. Segundo ele, render-se a qualquer prática sexual, como ménage ou swing, por pressão do companheiro é uma péssima decisão. “Tem que haver respeito dentro do relacionamento. A mulher nunca pode fazer algo obrigada só para agradar o parceiro. Os dois precisam querer”, argumenta.

A médica L., de 43 anos, que o diga. Casada há 15 anos com um empresário, L. conta que vive um relacionamento aberto há bastante tempo, mas não se sente feliz. “Logo que nos casamos tivemos três filhos. Quando as crianças já estavam entrando na fase da adolescência, descobri que ele me traía com outras mulheres. Quase enlouqueci, mas ele disse que me amava e que queria continuar casado comigo, só que para tanto deveríamos abrir o relacionamento”, relembra a médica.

Desde então L. e o marido passaram a dormir em quartos separados. “Às vezes ele me procura, fazemos amor e cada um volta para seu canto. Meus filhos nem desconfiam que nós vivemos um casamento aberto. Se eu pudesse teria um casamento normal, mas como as coisas tomaram outro rumo prefiro viver desta maneira do que perdê-lo”, diz, acrescentando que nenhum dos dois assume, perante o outro, os casos que estão vivendo. “Fizemos um pacto de

ninguém aparecer na frente do outro com o amante. Isso evita qualquer constrangimento”, afirma.

Apesar de não haver estatísticas sobre o crescimento de casamentos abertos, o neurologista Carlos Bacelar afirma que no Brasil esse tipo de relacionamento é mais comum do que se imagina. Conforme ele, os filhos adultos vivem praticamente em casamentos abertos, pois vivem com suas namoradas, noivas e amantes e não falam em casar.

Já o sexólogo Silvério afirma que o casamento aberto tem mais adeptos nos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. “O anonimato facilita muito as coisas. Você pode ser um freqüentador de clubes de swing, sem correr o risco de sua família ou de seu vizinho saberem, ao contrário de uma cidade pequena, onde se corre o risco de sempre alguém ver.”

R., de 42 anos, e o engenheiro P., de 38 anos, formam um desses casais que aproveitam o anonimato para viverem seus amores clandestinos. Há oito anos juntos, sendo cinco vivendo em casamento aberto, os dois garantem que morar numa metrópole como São Paulo facilita muito as coisas. “Você pode transitar tranqüilamente com outra pessoa, sem correr o risco de encontrar com a amiga de sua sogra”, contam. Neste caso, as estações do metrô representam para eles um lugar mais que o ideal. “É uma mistura conveniente de segurança e anonimato, onde os trilhos subterrâneos colocam em contato, no mesmo horário e no mesmo espaço, pessoas que de outra forma jamais se encontrariam. Isso é muito excitante”, garante o casal.

Quando as coisas andam bem na cama, fica muito fácil conversar sobre o assunto. Afinal, segundo os terapeutas, em um casamento, a comunicação é a chave que irá produzir o conhecimento e a aceitação das limitações do outro. Falar

abertamente das fantasias é um grande começo para quem está pensando em viver esse tipo de relacionamento. O professor Silvério, no entanto, faz um alerta: é preciso que haja maturidade. “Eu já ouvi relatos em que o homem insistia para que a mulher tivesse um relacionamento aberto com outros homens. Mas quando a mulher confidenciou para ele que havia gostado, o marido desmoronou”, relata o professor.

De acordo com ele, o homem não estava preparado emocionalmente para viver o relacionamento aberto. “Apesar de ter insistido em ver sua companheira com outro parceiro, sentiu medo de perdê-la”, disse. “O casal tem que saber se tem estrutura emocional para conviver com o relacionamento aberto, principalmente o homem, que geralmente é quem insiste. O homem que quer viver um caso aberto tem que estar seguro de si antes de fazer a proposta a sua parceira”, ressalta.

A psicóloga paulista C., de 37 anos, sabe bem o que é isso. Ela conta que, quando o marido propôs que ambos abrissem o relacionamento, não esperava que ela fosse gostar de viver a experiência. “Ele tinha um caso com a secretária e quando descobri falei em separação, mas ele garantiu que poderíamos ser felizes abrindo nosso casamento. Resolvi viver a experiência e acabei me envolvendo com um paciente meu. Quando relatei para ele que eu tinha gostado da transa, ele passou a vigiar meus passos. Ligava o dia todo no celular, para minha secretária querendo saber o que eu estava fazendo”, lembra a psicóloga. Segundo ela, depois de várias brigas, o marido foi morar num flat e ela ficou na casa com as duas filhas. Apesar da tempestade, a psicóloga conta que o casamento resistiu e hoje os dois continuam juntos mas vivendo em casas separadas. “Ele fala em voltar a morar comigo, mas estou gostando de fazer o papel da amante.”

De acordo com o sexólogo Silvério da Costa Oliveira (à esquerda), na pré-história já havia liberdade sexual; a mesma na qual, hoje, vive o casal Victor Valentim e Mayra Leão (abaixo). Eles são casados e trabalham em vídeos eróticos. O neurologista Carlos Bacelar (abaixo, à esquerda) diz que o índice de casais liberais, no Brasil, é maior do que se pensa.

De qualquer maneira, todo mundo quer mesmo é conciliar sexo com o amor. Mas quando isso não é possível, o sexo pode ter efeitos satisfatórios na vida pessoal, proporcionando sensações físicas e emocionais extremamente prazerosas. “Você pode ter desejo sexual por um tempo, por uma pessoa, e não amá-la. No caso do relacionamento aberto, tanto o homem, quanto a mulher são livres para viver esse desejo que normalmente ocorre entre homens e mulheres”, afirma o sexólogo Silvério. Ele lembra ainda que os homens já vivem isso, independente de estarem casados ou não. “As mulheres estão aprendendo a lidar mais com o tesão. Estão até indo a caça, sem culpa”, enfatiza.

O professor, que já publicou três livros, sendo o primeiro sobre sexo, revela que mantém um relacionamento com uma psicóloga há quase dez anos, e que já chegaram a conversar sobre o assunto. “Para mim a realização de certas fantasias, às vezes até inocentes, que pertencem ao casal, dão aquela pimentinha ao relacionamento. São elas que fazem com que o casamento fique mais gostoso, pois quebram a rotina. O fato de o casal poder fazer algo diferente é muito saudável”, diz.

E para quem acha que sexo a três ou mais pessoas é coisa de gente pervertida, Silvério afirma que o saudável e o patológico estão vinculados com a questão do consentimento. Em outras palavras, o relacionamento aberto só é válido para aquelas pessoas que sabem exatamente o

que querem. “Uma coisa é você ter fantasia, outra coisa é você ter estrutura emocional para realizar a fantasia. Quem quer viver um relacionamento aberto precisa saber o que quer. O que vale é os dois estarem sempre falando sobre o assunto”, afirma Silvério. Ele lembra que antes de tudo é necessário encontrar um parceiro ou parceira que dê liberdade para realizar a fantasia, pois os dois precisam estar preparados.

Mas, como tudo na vida, no casamento aberto também há regras. Para ilustrar que não basta apenas um casal querer fazer sexo com quem sente vontade, Silvério conta o caso de uma atriz pornô, cujo nome prefere não revelar, que disse que vivia um casamento aberto com seu companheiro, mas que só permitia que ele levasse para a cama mulheres de sua roda social. “Quando perguntei se ele conhecesse uma pessoa que não fosse do meio social dela, e batesse o tesão e ele resolvesse sair com esta pessoa, ela deixou bem claro que romperia o relacionamento. Isso prova que mesmo os casais liberais impõem regras”, afirma o sexólogo.

De qualquer forma, vale lembrar que mesmo nos clubes de suingue que crescem a cada dia no país, há regras que devem ser respeitadas por todos os frequentadores. No casamento aberto, o casal precisa saber até que ponto deve ir. “Há situações em que o casal abre espaço para que outras pessoas entrem no relacionamento sem precisar avisar. Tem homens que arranjam homens para suas mulheres e, como agradecimento, elas, muitas vezes, arranjam parceiras para seus companheiros. Tudo depende do tipo de acordo que há entre o casal. Se ambos respeitam as regras impostas, o casamento pode ser perfeito”, garante.

Nesse contexto, o relacionamento que o professor e ator Victor Valentim, 38 anos, mantém com a também atriz

Mayra Leão, de 31, é o que se pode chamar de união perfeita. Juntos há dois anos, o casal de Jabaquara, Zona Sul de São Paulo, confessa que é louco por sexo. “Resolvemos então juntar o útil ao agradável e nos tornamos atores de filmes pornô”, conta Victor. Segundo ele, tirar a roupa na frente de outras pessoas e fazer sexo com sua mulher, ou com outra parceira é extremamente prazeroso. “Tudo nos excita. Tanto eu como a minha mulher gozamos muito quando estamos filmando, porque para nós a vida é uma grande fantasia”, enfatiza Victor.

Longe dos estúdios de gravação, Victor e Mayra também continuam dando asas à fantasia. “Como muitos casais, nós também tínhamos vontade de abrir o nosso casamento. E isso aconteceu naturalmente”, completa. Victor enfatizou que os 17 filmes que fizeram, influenciaram bastante na decisão do casal de abrir o relacionamento para pessoas fora do convívio social de ambos. “Já aconteceu de eu sair com uma mulher que não tem nada a ver com o nosso trabalho. Como também já ocorreu da Mayra gostar de um cara e sair com ele, sem eu conhecê-lo. Para nós ninguém é de ninguém. O que vale e ter prazer”, ensina.

Victor diz que atualmente o casal frequenta um clube de swing no bairro Moema, em São Paulo, onde Mayra faz shows. “Nesse lugar temos a oportunidade de conhecer casais liberais como nós e assim vivermos momentos bastante prazerosos”, completa, explicando que recentemente namoram com um casal de estudantes, na faixa dos 21 anos. “A menina é uma gracinha e apesar de ser pouco experiente é louca por sexo. Multiorgástica. O namorado dela também se encantou com a Mayra e estão se dando muito bem”, diz.

Mesclando sexo com amizade, Victor dá receita da felicidade. “Muitos homens só vivem para ganhar dinheiro e

não desligam para olhar a mulher, para beijá-la desde o pé até o fio do cabelo, cheirá-la e acariciá-la. Quem dá carinho recebe em dobro”, ensina. Victor também diz que apesar de saber que tem um comportamento pouco convencional, já que além de fazer filmes eróticos, gosta de transar em elevadores, praia, ver sua mulher sair de casa sem a calcinha, participar de suingue e fazer dupla penetração, garante que jamais se sente inseguro. “Prazer e amor são coisas completamente diferentes. Acho que o dia em que a insegurança bater é porque já deixei de amar”, conclui Victor.

O produtor musical Arnaldo Sotero, 35 anos, que mantém um casamento nesses moldes com a cantora Ithamara Coorax, também de 35, afirma que o casamento tem de estar muito estruturado para poder fazer qualquer tipo de proposta. Ele também confessa que se sente muito seguro ao lado de Ithamara. “Estou no meu quarto casamento, e nunca fui tão feliz. Eu e a Ithamara nos entendemos perfeitamente. Eu não preciso fingir que não percebi uma mulher bonita e nem ela precisa omitir que se sentiu atraída por algum homem. Mas isso não quer dizer que vamos sair transando com todo mundo que achamos bonito. Nós apenas vivemos de maneira sadia e não somos hipócritas”, alfineta se referindo a fidelidade.



## Entrevistas na televisão

Publicado originalmente em:

### Texto 5

1. Participação como entrevistado no **Programa É de Manhã**, com a apresentadora Liliana Rodrigues, Fundação Roquete Pinto, TVE, canal 2 (Rio de Janeiro), transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 27 de agosto de 1996, terça-feira, de 9:00 às 10:00h.
2. Participação como entrevistado no **Programa Sílvia Poppovic**, tema: “Ele tinha outro”, Rede Bandeirantes de televisão, transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 1º de novembro de 1996, sexta-feira, de 18:00 às 19:30h.
3. Reprise do **Programa Sílvia Poppovic**, citado no item acima, em 7/2/1997, sexta-feira, de 18:00 às 19:15h., como estando entre os melhores programas exibidos durante o ano de 1996.

4. Participação como entrevistado no **Programa Vamos Falar Com Deus LBV – Legião da Boa Vontade, José de Paiva Netto**, Rede Bandeirantes de Televisão, dia 18/11/1997, terça-feira. (Programa número 4530 – Band)

**Participação como entrevistado no Programa É de Manhã, com a apresentadora Liliana Rodrigues, Fundação Roquete Pinto, TVE, canal 2 (Rio de Janeiro), transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 27 de agosto de 1996, terça-feira, de 9:00 às 10:00h.**

Apresentador: Daqui a um pouquinho no É de Manhã nós vamos falar sobre os riscos do enfarto do miocárdio. Vamos também ter o quadro em defesa do consumidor e conhecer um livro sobre sexo, sexualidade e sociedade. O É de Manhã começa já, já, às 9:00h. em ponto. Até lá.

Apresentador: Olá, bom dia. Terça-feira, 27 de agosto de 1996, o É de Manhã está começando e hoje nós vamos falar sobre os riscos de enfarto do miocárdio. No Rio, uma pesquisa comprovou que 70% da população correm sérios riscos de sofrer enfarto. Nós vamos saber os motivos disso e o que é possível fazer para evitar esta ameaça. Nós vamos conversar também sobre sexo, sexualidade e sociedade e hoje é dia da defesa do consumidor com Nina Ribeiro. Você vai ficar sabendo o que deve fazer para lutar contra os abusos cometidos pelos...

Apresentador: Assuntos ligados ao sexo e a sexualidade chamam a atenção da sociedade. Os adolescentes carecem

de informações, e as doenças sexualmente transmissíveis, em especial a AIDS, continuam a fazer vítimas em todos os países do mundo, não é só aqui com a gente não, não é? Para colaborar com esta discussão, o psicólogo Silvério da Costa Oliveira, professor e Mestre em Psicologia pela UFRJ, está lançando o livro: Sexo, Sexualidade e Sociedade. E ele está aqui com a gente hoje para falar sobre este assunto. Bom dia. Tudo bem?

Dr. Silvério: Bom dia. Tudo bom.

Apresentador: Bom, vou mostrar aqui logo o livro. É este aqui: Sexo, Sexualidade e Sociedade, não é? Ele é dirigido em especial aos jovens, doutor?

Dr. Silvério: Sim. Particularmente ao público adolescente. Nós fizemos o lançamento desse livro no dia 9 de julho, na Livraria Timbre, no Shopping da Gávea e agora recentemente, no dia 17 de agosto durante a Bienal do Livro em São Paulo. O livro é destinado basicamente, como já disse, ao público adolescente em virtude de ser um trabalho informativo, um trabalho didático, que aborda praticamente todos os campos da sexualidade, da masturbação ao orgasmo, aos métodos anticoncepcionais. Eu cito inclusive, não só os métodos mais eficientes, a pílula, o DIU, como também os métodos totalmente ineficientes, que existem, mas tem uma certa coerência apesar de não funcionarem, como lavagens vaginais... Um chumaço de algodão... que existem na nossa sociedade, mas não funcionam.

Apresentador: É que o adolescente... Quer dizer, de início o adolescente, mas muita gente acha que pode de repente não ficam, que dizer, não conceber, não ficar grávida, com algumas medidas que não tem nada a ver.

Dr. Silvério: Exatamente.

Apresentador: Agora doutor, me diga uma coisa, como é que anda a sexualidade do adolescente? Como é que ele se comporta em relação ao sexo, melhor dizendo.

Dr. Silvério: Olha, a princípio, pelo que nós viemos acompanhando, parece que está havendo uma abertura maior em relação à sexualidade. Eu tenho as minhas dúvidas até que ponto essa abertura, essa aparente abertura, existe factualmente. Ou se não se trata de uma massificação da sexualidade através dos meios de comunicação, de novelas, etc., em que você, de certa forma, vivencia uma situação, mas você não tem uma plena consciência do que você de fato está vivendo.

Eu tenho realmente esta dúvida: Se houve de fato uma evolução dos adolescentes de hoje, para nós mesmos, quando nós éramos adolescentes? Ou se houve mais uma massificação de informação, mas sem ter uma elaboração dessa informação.

Apresentador: Quer dizer. Eles continuam sendo preconceituosos, também. Fazem questão da virgindade, por exemplo?

Dr. Silvério: Olha, o discurso hoje, normalmente aceito, é que, pelo menos as pessoas dizem que não, agora, eu diria que sim. A questão da virgindade ainda é importante, se bem que o discurso mudou. Agora não é mais a questão da virgindade até o casamento, é a virgindade até encontrar uma pessoa que se valorize, uma pessoa mais importante, com quem você vai ficar. Mas ainda há um certo peso, sim.

Apresentador: Quer dizer, ainda há um peso...

Dr. Silvério: Só que antigamente era até o casamento, agora, não, é até a pessoa que mais...

Apresentador: Considerado ideal, não é isto?

Dr. Silvério: Exatamente.

Apresentador: O problema é quanto tempo você leva até encontrar a pessoa ideal. Porque as vezes, enfim, o amor de adolescente é muito especial.

Dr. Silvério: Verdade!

Apresentador: Você diria que ele é muito diferente do amor do adulto?

Dr. Silvério: Depende. As primeiras paixões ficam marcadas, realmente. Todos nós temos a lembrança da primeira paixão. Isto é uma coisa que fica conosco, a gente não esquece. Agora, o amor, ele varia talvez de pessoa para pessoa. A forma como cada um sente. Não tanto em faixa etária, quero dizer, o adolescente em relação ao adulto, não, eu diria mais ao nível individual. O sentimento que eu vou ter para com você, o sentimento que eu vou ter para com a pessoa que de repente, diz alguma coisa a mais.

Apresentador: Por exemplo, o senhor acha que o adolescente está mais preocupado, hoje, com não engravidar ou pegar AIDS? Como é que o adolescente vê a AIDS?

Dr. Silvério: Olha, todas as campanhas, quer dizer... massificou hoje a questão da AIDS, os adolescentes mesmo, qualquer discurso, qualquer entrevista que a gente vê com adolescentes, pergunta e ele está lá com a camisinha. Quer dizer, houve uma certa massificação. No entanto, a questão

da gravidez, ainda é comum hoje em dia, é até alarmante, e existe um número elevado de jovens, 15 e 14 anos, que ficam grávidas na nossa sociedade. Ainda ontem, eu estava conversando com uma colega minha, psicóloga, no colégio em que ela trabalha, uma adolescente, 15 anos, ficou grávida e isso mobilizou, inclusive, toda a turma, todo o colégio, em relação aquela gravidez por que ela só percebeu que estava grávida já em estado avançado. Ela continuou a ter a menstruação ou pelo menos algum tipo de corrimento de sangue, de acordo com o discurso dela e por isso ela não se preocupou. E começou a engordar, engordar até que não deu mais.

Apresentador: Eu por exemplo, só percebi, todas as vezes que fiquei grávida, em torno dos dois meses, mas acho que é o normal, quando a mulher mais ou menos descobre, não é isso? Agora, eu sei também que a gravidez na adolescência tem diminuído em termos de idade, quero dizer, aumentado em número de adolescentes e diminuído em termos de idade, cada vez meninas mais jovens ficam grávidas, não é?

Qual o perigo psicológico de se ter um filho muito cedo?

Dr. Silvério: Emocionalmente, a estrutura de personalidade que você tem aos 16 anos não é decerto a que você vai ter mais tarde quando você for uma pessoa adulta. E a pessoa mesmo, a escolha que você pode pensar que é o seu príncipe encantado, quero dizer, aquela pessoa que você pensa vai ficar para a vida toda aos 16, talvez não o seja aos 17 ou aos 18. Há uma mudança nas pessoas e há outras obrigações e compromissos que uma gravidez hoje, dentro da nossa sociedade, bem cedo, ela pode prejudicar a pessoa. Mas isso vai depender, é claro, do adolescente em particular, da forma como isso é trabalhado com o casal, ela e a pessoa

que está com ela, e a família. Quero dizer, é uma decisão que cabe, de fato, a todo um grupo de pessoas.

Apresentador: O que que preocupa mais os meninos de hoje em relação ao sexo? O que que o senhor mais ouve? A maior preocupação que eles tem?

Dr. Silvério: Olha, eu penso que não só em relação aos adolescentes, mas em relação a sociedade toda mesmo, é a AIDS, por causa até da massificação da propaganda. Há alguns anos atrás a gente não via isto, mas hoje há um discurso, realmente, voltado para a questão da AIDS.

Apresentador: Eu sempre soube que os adolescentes ficam preocupados com certas coisas, por exemplo, eu vejo os meus filhos pequenos falarem muito em homossexualismo, os maiores eu vejo falar em masturbação, por exemplo, eles se culpam muito por conta da masturbação. O que que o senhor acha disso, quero dizer, como é que o senhor acha que se deve aconselhar um adolescente com relação a isso?

Dr. Silvério: Primeiramente a masturbação. É bom que se diga que é um comportamento sexual normal, inclusive, até importante para que se conheça o próprio corpo, quer dizer, tem um caráter instrutivo. A pessoa que tem algum problema de disfunção sexual, por exemplo, não consegue o orgasmo com o parceiro, no tratamento, várias técnicas empregadas fazem uso da masturbação justamente para que a pessoa, aprendendo a tocar o seu próprio corpo, possa depois se soltar com o seu parceiro. Então, é um comportamento saudável, a não ser que seja feito de uma forma obsessiva, que a pessoa esqueça da vida e fique só com aquele comportamento.

Apresentador: Mas entre os adolescentes isso é um pouco comum, não é, quero dizer, os meninos, principalmente os meninos, me corrija se eu estiver errada, ficariam muito mobilizados numa certa época da vida, talvez entre os 13 e os 18 anos, ficariam muito mobilizados. É verdade que isso acontece, essa mobilização assim?

Dr. Silvério: É a descoberta da sexualidade. A descoberta da sexualidade do ser humano ocorre mais ou menos nesta fase, logo após a puberdade, nesse momento, não é. Mas a questão da masturbação não está só presente ao nível dos adolescentes. Ela está presente, é constante, também, ao nível dos adultos.

Apresentador: Os adultos tem medo que a masturbação vicie ou que ela não permita que você depois consiga chegar ao orgasmo de uma outra forma. Até que ponto isso é verdadeiro?

Dr. Silvério: Não, isso é falso. A masturbação não vicia e nem vai implicar em que você não obtenha o orgasmo de outra forma, pelo contrário, é justamente pela descoberta do seu próprio corpo que você vai ter uma facilidade maior de se colocar diante de seu parceiro, você vai poder inclusive, dizer o que você gosta e o que você não gosta, seja você homem ou seja você mulher. Especialmente no caso das mulheres, porque a sexualidade feminina é uma coisa bem complexa, todo o corpo está envolvido e é necessário que a mulher tenha um conhecimento do seu próprio corpo, que ela não fique na dependência do seu parceiro vir a conhecer esse corpo e com relação ao homossexualismo que você tinha colocado, bem, a 20 anos atrás, digamos assim, talvez até menos, era considerado pela comunidade médica e etc. como algo patológico, um estado patológico. Mas

recentemente, os trabalhos mais recentes, eles vêm afirmando que o comportamento homossexual... Porque não existe o heterossexual ou o homossexual. Existe comportamentos. E o comportamento homossexual faria parte de um rol de comportamentos, mas que não teria em si nada de patológico, quer dizer, nós poderíamos ter um indivíduo de comportamento heterossexual doente e poderíamos ter um indivíduo de comportamento homossexual também doente, mas um determinado tipo de comportamento não implica em si que ele seja doentio, muito pelo contrário.

Apresentador: Quer dizer, os estudos mais modernos apontam que o homossexualismo não teria nenhuma causa orgânica. É isso?

Dr. Silvério: Não teria nada de patológico. Agora, com relação a causa orgânica, aí é questionado. Há autores que colocam um peso maior ao nível orgânico e até genético e outros colocam um peso maior ao nível emocional, da estrutura familiar, mas me parece que o maior problema é como a nossa sociedade hoje encara o homossexualismo e como a família, onde se desenvolve o indivíduo de comportamento homossexual, vem a encarar este indivíduo. Por que ele acaba sendo uma pessoa propensa a gerar nele próprio maiores problemas emocionais, não em decorrência da opção sexual dele, mas sim das pressões sociais que são exercidas sobre ele. As pessoas não o vêem com bons olhos.

Apresentador: Bom, o Dr. Silvério da Costa Oliveira fica com a gente para responder as perguntas de vocês. Está aqui o livro, que foi lançado recentemente na Bienal do Livro de São Paulo, fala de disfunções sexuais, homossexualismo, prostituição, masturbação, aborto, parto e enfim uma série

de coisas. Doutor, muito obrigada por ter participado aqui do É de Manhã. Vamos aguardar as perguntas aí que chegarem, não só para o senhor, como também para...

Apresentador: O Manuel Evandro de Teresina no Piauí: “Onde eu encontro o seu livro? O que que você acha da questão da homossexualidade que as novelas abordam hoje?”

Dr. Silvério: Bem, o livro tem distribuição nacional pela Editora Irradiação Cultural, mas se por acaso ele não encontrar na livraria de preferência, ele pode dar o meu nome, o nome da editora: Editora e Distribuidora Irradiação Cultural, e pedir para a livraria encomendar que com certeza ele terá o livro.

Apresentador: Ok! Dá o seu telefone de contato por favor.

Dr. Silvério: Eu vou dar o telefone da editora, que inclusive já facilita até para ele, não é? É: 577.3522.

Apresentador: O Aparecido Manuel da Silva a mesma coisa, ele é de Cacoal, Rondônia, nunca recebemos ligação de lá. E a Maria Teixeira, Divinópolis, Minas Gerais: “Quero saber se frigidez tem causa psicológica ou física e se tem solução?”

Dr. Silvério: A frigidez? Eu diria que a maioria das vezes psicológica, agora, ela teria de ver o que ela está entendendo por frigidez, porque pode ser também uma questão de inadaptação sexual com o parceiro. Teríamos de desenvolver mais esta questão.

Apresentador: Ok! Doutor, muito obrigada! Mais uma vez.

- 1. Participação como entrevistado no Programa Sílvia Poppovic, tema: “Ele tinha outro”, Rede Bandeirantes de televisão, transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 1º de novembro de 1996, sexta-feira, de 18:00 às 19:30h.**
- 2. Reprise do Programa Sílvia Poppovic, citado no item acima, em 7/2/1997, sexta-feira, de 18:00 às 19:15h., como estando entre os melhores programas exibidos durante o ano de 1996.**

\_\_\_ Aplausos.

Apresentador: Obrigada, obrigada. Boa tarde Brasil, boa tarde a todos. Boa tarde para você aí na sua casa. Hoje nós temos um tema daqueles cabeludos, daquelas histórias que quando você ouve, você para tudo que está fazendo e você fala: “Mas não é possível, mas não é possível, mas não é possível e aí como é que você fez?” Porque realmente é tudo que você pode temer quando você está envolvida com um homem. Eu acho, eu sempre falo isto aqui, o principal medo que você tem é ser abandonada, agora, quando você é abandonada por outro, quer dizer, o seu amor, o seu marido, o seu namorado te deixa por um outro homem, aí realmente a coisa fica muito grave, porque você acha que falhou não só como companheira, mas como mulher, quer dizer, você começa a achar que o problema seu é um problema que está na sua feminilidade, que você não foi suficientemente feminina para poder seduzi-lo, que você foi totalmente incapaz de segurar aquele homem e aí competir com outro homem fica muito, muito, difícil e muitas mulheres, inclusive, entram nessa por que acham que não é possível perder aquele cara, quer dizer, ele era tão carinhoso, tão bacana,

como é que você vai perder para um outro homem? O tema nosso é esse hoje: “Ele tinha outro”. A história de bigamia, especialmente, bigamia com outro parceiro acontece muito mais comumente do que a gente imagina e os depoimentos que nós temos aqui hoje são depoimentos corajosos, inclusive uma das convidadas que viveu essa situação duas vezes, então ela já ficou até descolada, vamos dizer assim, com esse tipo de cena. Vamos aos nossos convidados de hoje.

Voz: Rosângela Silva descobriu que dois namorados eram gays e levou um choque. Chegou a mudar de cidade e até hoje desconfia se algum homem se aproxima do marido.

Janete Allen tentava de tudo, mais o rapaz não queria saber de transa, até que um dia apareceu um garotão e confessou que era o amor da vida dele. Ela se sentiu a pior das mulheres.

Cristiane Abonante disse que ele era interessante, mas não ficava abraçadinho e nem gostava de beijar. Ela achou que era só timidez, mas ele acabou contando que o negócio dele era homem.

E também em nosso programa a psicoterapeuta Fátima Caldas e o psicólogo Silvério Oliveira, autor do livro: Sexo, Sexualidade e Sociedade.

(Comentários do apresentador)

(Reporter Paulo Cardoso fala do Salão do Automóvel em São Paulo, várias vezes no decorrer do programa)

(Janete Allen narra a sua história)

Apresentador: Como é que uma mulher pode errar tanto na avaliação, Silvério. É cega de amor, cega de paixão, ingênua ou é o cara que disfarça, o que rola?

Dr. Silvério: Acho que um pouquinho disto tudo. Agora, existe uma linguagem toda corporal, como ela colocou, não sei se bem por aí, mas a pessoa de certa forma passa no seu corpo o que ela é, depende se a outra pessoa vai perceber ou não, agora, pode haver um encontro entre, digamos assim, os dois inconscientes, o de um, desejo e a fantasia, e o de outro, e talvez essa mulher esteja inconscientemente buscando esse tipo de homem. Talvez até pelos relacionamentos familiares que ela teve, quando criança, quer dizer, a busca não se dá assim tanto na inocência, talvez uma inocência consciente mas não uma inocência inconsciente.

Apresentador: Você acha que ela vai buscar um padrão de homem conhecido, mais gentil, mais suave...

Dr. Silvério: Exatamente.

(Continua relato da convidada e comentários da apresentadora)

(A apresentadora entrevista um rapaz na platéia, homossexual assumido, que perdeu o namorado para outra mulher)

(Cristiane Abonante narra a sua história)

(Comentários da apresentadora e da psicoterapeuta)

Apresentador: Silvério, o que é que você pensa a respeito disso? Porque parece que 10% da população do mundo são

de homossexuais, 10% é o número mais ou menos que se tem em todas as partes do mundo de mulheres e homens que são homossexuais, ou seja, é um número muito grande, esse povo está circulando por aí e de repente você pode bater de frente com um desses ou pegar alguém que é meio bissexual.

Dr. Silvério: Exatamente. É porque o número realmente é estrondoso, porque se formos pensar que alguns autores brasileiros, baseados em pesquisas norte-americanas colocam, como você mesmo falou, dez por cento, quero dizer, se eu não me engano, a população brasileira hoje está em torno de 160 milhões de brasileiros. Dez por cento dá 16 milhões de brasileiros com práticas homossexuais e se formos pegar, uma coisa que me espanta mais ainda, são as pesquisas de Kinsey, na metade desse século, 1948 e 1953. Nestas pesquisas nos EUA, seríssimas, com uma amostra bem grande, ele encontrou 50% da amostra com um comportamento exclusivamente heterossexual. 4% com um comportamento exclusivamente homossexual, mas 46% ficaram ali nos dois times. Quero dizer, pessoas, quase metade da população norte-americana na metade do século, que respondeu aos questionários se colocando de forma a poder reagir sexualmente com ambos os sexos.

Apresentador: Mas qual a credibilidade de um questionário desses? Porque de repente naquela época os hábitos eram mais repressores, por exemplo, você perguntava: “Você tem atração ou você fantasia com mulher?” E ela fala sim, agora isso é uma coisa que todo mundo fantasia, não quer dizer que você seja homossexual.

Dr. Silvério: É, mas no caso de Kinsey, ele é considerado um marco entre os profissionais da área de sexualidade.

Foi ali realmente que começaram as pesquisas com sexualidade, foi muito bem feito. Eles testaram e retestaram a amostra que eles obtiveram.

Apresentador: Isso só prova, então, que nós mulheres e vocês homens têm todos de estar preparados porque pode eventualmente acontecer uma infidelidade com uma pessoa do mesmo sexo da(o) sua (seu) companheira(o).

Dr. Silvério: E Silvia, e isso a gente está se referindo a década de 50, imagina hoje já virando o século, que as pessoas estão assumindo mais, então, como a coisa está, se naquela época conseguisse uma amostra de pessoas que se colocaram: “Não, eu posso reagir com esse sexo e também com este”. Imagina hoje, que já há um espaço bem mais amplo.

(Comentários da apresentadora e da psicoterapeuta)

(Rosângela Silva narra a sua história)

(Comentários da apresentadora e da psicoterapeuta)

Dr. Silvério: É, mexe com o próprio conceito de feminilidade que essa mulher tem dela própria, então, não só é uma situação constrangedora dela estar com aquele homem, mas, é constrangedora até pela imagem que ela tem dela própria, enquanto mulher, dentro dessa sociedade.

(Continua relato da convidada e comentários da apresentadora e da psicoterapeuta)

Apresentador: Antes de encerrar esse bloco, eu só queria ouvir, do Silvério e da Fátima, o que eles tem para concluir a respeito dessa questão, porque eu acho que ninguém entra

de gaiato, você pode entrar de gaiato mas você tem uma chance para se recuperar da situação, não é? Então, que conselho você daria para quem está vivendo um drama desses hoje, Silvério. Rapidamente.

Dr. Silvério: Bem, primeiramente o diálogo, se for possível o diálogo. Vai depender da fantasia que esteja envolvida ali no casal, mas, eu gostaria de comentar uma coisa: Com relação a esse caso em particular, quer dizer, nós estamos nos referindo a homossexualismo, homossexualismo masculino, mas também às fantasias. As fantasias desse homem que procura um outro homem, que não se interessa por essa mulher. Agora, se nós formos ver, é uma coisa altamente constrangedora para essa mulher quando ela descobre, em contra parte, é comum nos consultórios dos psicoterapeutas, a fantasia de homens que colocam que gostariam de ver as suas mulheres mantendo relações sexuais com outras mulheres.

Apresentador: Quer dizer, para o homem isto é erótico.

Dr. Silvério: Exatamente.

Apresentador: Agora, para a mulher não é erótico.

Dr. Silvério: É altamente constrangedor.

Apresentador: É brochante para a mulher, é como se o homem perdesse totalmente a virilidade dele.

Dr. Silvério: Exatamente.

Apresentador: Quando você imagina um homem, seu homem, com outro homem, você fala: “Pifou para o meu lado”. Não é? Quer dizer, é uma coisa assim meio que...

Dr. Silvério: Na mesma medida em que eu escuto com frequência essa fantasia masculina, eu desconheço algo semelhante em termos femininos.

Apresentador: É interessante destacar isso mesmo.

(Comentários da psicoterapeuta e da apresentadora)

Apresentador: Bem, nós estamos na parte final do nosso programa, o Silvério Oliveira tem este livro, que se chama Sexo, Sexualidade e Sociedade e é um livro que fala desde homossexualidade até masturbação, prostituição, disfunções sexuais, e pode ser encontrado já nas livrarias, não é isso? Qual o seu telefone, Silvério, de contato?

Dr. Silvério: Eu vou deixar o telefone da editora, porque facilita qualquer pessoa que queira adquirir o livro. É Editora Irradiação Cultural, Rio de Janeiro, 577.3522.

(Segue palavras finais de todos os convidados e da apresentadora)

**Participação como entrevistado no Programa Vamos Falar Com Deus LBV – Legião da Boa Vontade, José de Paiva Netto, Rede Bandeirantes de Televisão, dia 18/11/1997, terça-feira. (Programa número 4530 – Band)**

Voz: Para conhecer o trabalho feito no Centro Educacional, Cultural e Comunitário, o professor de Psicologia das Faculdades Integradas Simonsen, Silvério Oliveira, esteve visitando o local.

Dr. Silvério: Olha, eu de fato gostei muito. Gostei aqui do local, do trabalho que vocês estão realizando, de altíssimo

nível. Atendendo essas famílias e priorizando as famílias carentes. As crianças aqui realmente, elas passaram toda uma felicidade. Eu não deixei de ficar feliz, realmente emocionado, até sorrindo, rindo de felicidade, vários momentos em que eu encontro com essas crianças. Elas passam realmente que estão felizes, porque criança não engana, não. Criança quando está feliz ela coloca que está feliz, quando não está feliz ela coloca que não está e a impressão que eu tive assim foi muito boa. A melhor possível. Eu tenho todo o respeito para com o trabalho de vocês, porque é um trabalho realmente sério, um trabalho de altíssimo nível. Por exemplo a sala de brinquedos, não é? O fato da criança poder até levar um brinquedo para casa, que a ela mais lhe agrade e depois trazer de volta o brinquedo, quer dizer, já gerando até uma certa responsabilidade na criança, quer dizer, você pega emprestado, mas você vai trazer de volta. A parte também das histórias, você criar um contexto de uma história em uma determinada sala, trabalhar com um livro. Bem emocionante!

# Homossexualismo, masturbação e ideologia

Publicado originalmente em:

## **Texto 2**

Conferência ministrada no 6º EREP - Encontro Regional de Estudantes de Psicologia, na UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2 de junho de 1989.

Tema e título: Homossexualismo, masturbação e ideologia

Conferencista: Psicólogo Silvério da Costa Oliveira.

---

Observação: Este evento deveria ocorrer a par com outros dois (duas dinâmicas/vivências) mas em virtude da enorme procura para esta palestra, os outros dois eventos foram cancelados e adiados para após este evento, vindo as duas psicólogas, que iriam coordenar estes outros dois eventos, a se juntar ao grupo de participantes desta palestra, que lotou o auditório. O fato de ao final da mesma ter sido aplaudido de pé pela platéia, em muito me estimulou a continuar o meu trabalho e a anos depois vir a publicar o livro: Sexo, Sexualidade e Sociedade.

---

## **Homossexualismo, masturbação e ideologia**

Conferencista: Psicólogo Silvério da Costa Oliveira.

Dr. Silvério: Estou me dedicando a pesquisas sobre sexualidade com o objetivo de compor um trabalho cujo título será *Sexo, Sexualidade e Sociedade*, trabalho este que eu quero ver se consigo publicar. Desenvolvo uma abordagem crítica e informativa, procuro dar o máximo de informações possíveis sobre sexualidade humana, sempre numa linguagem acessível, se bem que há toda aquela dificuldade com editora. Lembra aquela música, se não me engano, do Ultraje a Rigor: Inútil? “Nós somos “inútil”... fazemos livros e não conseguimos publicar”, mais ou menos por aí. Mas em todo caso, se eu não conseguir eu vou tentar uma publicação independente.

O trabalho que eu vou apresentar hoje é: *Homossexualismo, masturbação e ideologia*. É um recorte feito nesse trabalho maior de pesquisa: *Sexo, Sexualidade e Sociedade*.

Eu devo fazer o seguinte: Apresentar em 40 minutos a introdução, depois abro uns 10 minutos de perguntas e respostas. Vocês por favor anotem qualquer pergunta que surja e assim que eu terminar minha apresentação, eu vou distribuir uma folha para cada um, para vocês colocarem críticas, sugestões, opiniões, se gostaram, se detestaram, ter um feedback. É a única forma que eu tenho de ter um feedback de cada um.

Se alguém quiser sair mais cedo pode fazer uma anotação numa folha de caderno.

Pergunta: Qual a sua formação?

Dr. Silvério: Eu sou psicólogo formado pela Universidade Gama Filho – UGF e atualmente estou

cursando Filosofia na Pontifícia Universidade Católica – PUC. Mas a maioria aqui está cursando ou está se formando em Psicologia, não é?

A minha proposta inicial era falar sobre a repressão sexual e não o presente tema. Se bem que é um tema mais do que batido, nós estamos cansados de rever do primeiro ao último período do curso de psicologia debates sobre repressão sexual. Nos cursos de pós graduação é a mesma coisa.

Nesse trabalho que eu citei ainda há pouco sobre o livro “O Saci” de Monteiro Lobato, eu tinha dado uma abordagem nova ao mesmo. Por exemplo, peguei mitos brasileiros como a mula sem cabeça e vi todo o processo criativo, lindo, que implicava, por exemplo, numa repressão sexual já existente. Então eu achei que seria interessante. Se eu não o faço, é porque há uma parte do trabalho em que eu coloco que muitas vezes nós somos convidados, ou melhor dizendo, convocados a falar sobre sexo e sexualidade, e nós fugimos deste discurso para o discurso sobre repressão sexual, uma forma muito intelectualizada de repressão. É um absurdo! Ao invés de eu falar sobre sexo e sexualidade eu falo sobre repressão. Então não teria sentido eu chegar aqui e dar apenas essa abordagem.

Eu pretendo fazer o seguinte: Vou dar um desenvolvimento histórico, tentando analisar o surgimento da ideologia, a ideologia relacionada ao preconceito com relação a masturbação, ao homossexualismo, e a qualquer prática que não seja o intercurso sexual.

A nossa sociedade ocidental atual teve semelhanças com a cultura grega, com a cultura romana e a cultura judaica e bastante com a religião judaico cristã, então vamos começar analisando historicamente o que nós herdamos com relação a essas culturas/sociedades. Se nós pensarmos em

termos históricos, por volta do VII século antes de Cristo, práticas homossexuais, práticas de sexo oral eram comuns, normais, inclusive praticadas associadas ao serviço religioso em templos. Apesar de todos os interditos por volta do VII século antes de Cristo eram praticadas pelos judeus, assírios, caldeus, babilônios, todos os povos daquela região.

A partir do VII século é que surgem vários interditos no povo judeu que nós procuramos conservar através da religião, no tocante a essas práticas. Agora, vamos pensar porque que surgem esses interditos. Se pensarmos bem, teremos que no VII século A.C., o povo judeu é liberto do cativo da Babilônia. Ora, é um povo pequeno que precisa consolidar os elos de união, criar um nacionalismo interno, precisa de uma maior quantidade de indivíduos, precisa de homens para o exército, é um povo muito pequenino que está saindo de um cativo agora, com vizinhos super poderosos, basta a gente ver a história de qualquer conflito naquela região. O que ocorre? Precisava de mais homens, homens para formar um exército, homens para a agricultura, homens para a pecuária e mulheres para a procriação. O papel da mulher seria basicamente procriativo enquanto para o homem cabia o papel de liderança, papel dominante. Lembre-se, tratava-se de uma sociedade eminentemente patriarcal. Dentro deste contexto qualquer ato sexual que possa servir como desperdício de sêmen fertilizante, não era uma coisa bem vinda, um ato homossexual, masturbatório ou de sexo oral, não visa a reprodução, não era uma coisa bem vinda nesse povo, porque não visa a reprodução. Veja, se criam vários interditos com um disfarce religioso relacionado a um tabu, a uma repressão, mas o verdadeiro motivo é político e econômico, ou seja, vamos aumentar a procriação, valorizar o intercuro sexual. O intercuro sexual é um termo técnico, nos referindo

unicamente à relação pênis-vagina, é a única forma sexualmente falando que se tem de engravidar uma mulher, de gerar uma criança. Um outro motivo, além desse, que se tem em criar interditos a partir dessa época histórica é que no momento em que eu consigo ter uma religião com um deus único, no momento em que tem determinadas práticas sexuais aos quais ele (povo judeu) não faz, ele pode criar um sentimento de nacionalismo, esta é a base do sentimento de nacionalismo, veja: “Eles fazem isso, os babilônios fazem, os assírios fazem, nós não, nós somos diferentes”, é a questão dos ideais de diferença. Então se começa a criar um povo, com o sentimento de nacionalismo a partir das diferenças que eles começam a criar entre si.

Estamos analisando a origem do preconceito. Bem, práticas sexuais associadas ao serviço religioso como sexo oral, homossexualismo, eram comuns entre os assírios, caldeus e babilônios. Já falamos sobre a origem dos interditos, que estariam em solidificar os elos de união entre o povo hebreu, ao mesmo tempo que proporcionam o afastamento dos valores e das práticas sexuais dos seus vizinhos.

O homossexualismo, hoje nem tanto, mas no início deste século e no século XIX, ele era entendido como estando em uma total oposição ao heterossexualismo. Ou você é homossexual ou é heterossexual. Uma oposição total. O homossexual era visto como um monstro, um perverso, um ser plenamente anormal, detentor de uma patologia, um caráter monstruoso passava a habitá-lo. Temos uma posição mais recente, de acordo com vários autores, com os quais eu concordo, que datam tal visão sobre o homossexual do século XIX para cá, pois mesmo com os interditos que nós colocamos em relação ao povo judeu (eu vou falar de outros), a homossexualidade não se restringe a um comportamento.

Mesmo durante a Idade Média, o indivíduo poderia ter um comportamento homossexual e heterossexual, seria uma coisa... como de certa forma ocorre hoje, já ocorria no passado.

Vamos ver Roma antiga. Em Roma, o homossexualismo era permitido, as relações homossexuais, desde que, em se tratando de romano livre, não assumisse de forma alguma uma posição passiva e desde que não praticasse felação, ou seja, sexo oral, desde que não implicasse nessas duas coisas era permitido. Estamos falando de uma sociedade guerreira que conquistou o mundo todo. Nesta sociedade guerreira, ao cidadão romano, cabia a defesa do Estado romano, fosse no exército, assumindo uma posição no exército, ou no campo da política. Nós não poderíamos permitir que esses cidadãos jamais assumissem uma posição passiva, poderia repercutir em outros comportamentos dele, quanto mais na sexualidade associado com o prazer, um prazer bem grande.

Na Grécia, nós temos também o homossexualismo, só que aqui há uma diferença, trata-se de uma relação de pederastia, usando um homem adulto e um indivíduo jovem. Até uma determinada faixa etária, esse indivíduo é paquerado, cortejado por um homem adulto.

De qualquer forma, o homem adulto corteja esse rapaz, havia todo um relacionamento de paquera, de conquista. O homossexualismo, inclui todas as cidades estados gregas, até uma determinada época histórica. A partir de um determinado ponto ele começa a ser proibido em todas as cidades estados gregas, cada uma tinha uma independência política e econômica, é como se fossem países isolados apesar de ser o mesmo povo, mais independentes.

A última cidade a proibir o homossexualismo foi Atenas, famosa Atenas dos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles.

Por volta do século V antes de Cristo nós temos um diálogo de Platão, “O Banquete”, em que ele nos fala ainda da época das relações homossexuais.

Naquela época os jovens pintavam os seus corpos com óleo e iam para uma espécie de academia de ginástica praticar esportes e simultaneamente eram observados pelos cidadãos da época, só que todos nus, diga-se de passagem, com óleo pelo corpo.

E você poderia falar do seu amor homossexual. Da mesma forma que você encontra hoje uma garota ou um rapaz e se declara. Hoje os interditos são tantos que se torna difícil, aliás, no tocante a homossexualidade masculina hoje, ao contrário da feminina, geralmente, se bem que não sempre, a coisa se torna muito comercial, busca-se um prazer rápido, e a juventude é importantíssima. Um homossexual depois dos 40 anos, hoje, dificilmente consegue parceiros, há toda uma relação comercial na homossexualidade masculina, na feminina é diferente. Isso hoje, em termos gerais, não estou abarcando todos os casos.

Naquela época, não. Havia realmente uma relação afetiva emocional por trás.

Bem, no livro que eu tinha citado, “O Banquete” de Platão, há uma passagem interessante, veja, o banquete seria uma espécie de festa onde a elite se encontrava. Então havia vinho, bebidas, música. Nesse banquete especificamente, com a presença até do Sócrates, é pedido aos convidados que falem sobre o amor. O que é o amor? Um deles, um grande teatrólogo da época, famoso até hoje, Aristófanes, ele conta um mito para tentar definir o amor, um mito alegórico. Ele conta que antes de nós homens existirmos, havia uma outra raça, a qual nos originou. Esses seres teriam a forma arredondada, quatro braços, quatro pernas, dois rostos, um voltado para cada lado e uma única

cabeça. Conseqüentemente têm uma grande força, uma grande agilidade. Um belo dia, em cima dessa força toda que eles tinham, resolveram ameaçar os deuses, ameaçar o poder dos deuses, de Zeus especificamente. Ora, era uma ofensa muito grande, Zeus não podia aceitar isso, por outro lado eles não poderiam, ou até poderiam, mas não seria interessante destruir todos os homens. Quem é que prestaria sacrifícios e oferendas aos deuses se eles destruíssem a todos? Então surgiu uma idéia brilhante: “Vamos cortar todos eles ao meio”. Havia três espécies de homens: Havia o masculino-masculino, o feminino-feminino e o masculino-feminino, ou seja, o andrógeno. Ora, aqueles que seriam masculino-masculino passaram a buscar a sua outra metade, passaram a sentir uma atração, um desejo, pela sua outra metade que também era masculina. Aqueles que a outra metade era feminina, em busca constante dessa sua outra metade que antes fazia parte do próprio corpo, passaram a sentir uma atração pelo mesmo sexo, no caso, o sexo feminino e o grupo que era andrógeno passou a sentir um desejo homossexual. Mas vejam bem, Aristófanes conta isso e depois ele chega a seguinte conclusão: Já que o homossexual masculino tem uma atração pelo mesmo sexo, teria no passado a sua outra metade do mesmo sexo, o sexo masculino e já que o homem é perfeito, seria a perfeição masculina. A relação homossexual masculina é o máximo de perfeição possível. É muito mais perfeito manter uma relação homossexual masculina do que uma relação homossexual.

Pergunta: E o homossexualismo feminino?

Pergunta2: Eles então partiam do princípio que você só sente tesão por homem ou só por mulher, não rola bissexualismo?

Dr. Silvério: É a posição de Aristófanes. Mas pode até rolar. Por exemplo, temos Alcebíades, um personagem famoso na história, um adolescente de 15, 16 anos, muito lindo, maravilhoso. Ele se gabava por conquistar os homens casados fazendo com que eles deixassem as mulheres para ficar com ele. E o mesmo fazia com as mulheres casadas da época, fazendo com que elas traíssem os homens.

Eu falei muito do papel do interdito quando eu falei do povo judeu. Todos esses interditos tinham como alvo favorecer a procriação, e nós os herdamos através da religião. Eu gostaria de corroborar esta parte histórica, esta parte da procriação, com detalhes do meu trabalho.

Veja, no caso da religião judaica, ao mesmo tempo em que Deus Javé nos coloca uma promessa de aumentar o seu povo eleito, ele não deixa de dar uma ajudazinha. Deixe-me citar uma passagem bíblica em Gênesis, cap. XIII, versículo 14 à 17.

“E o Senhor disse a Abraão depois que Loth se separou dele: “Levanta os teus olhos, e olha, desde o lugar em que agora estás, para o setentrão e para o meio dia, para o oriente e para o ocidente. Toda a terra que vês, eu a darei para sempre a ti e à tua posteridade. E multiplicarei a tua descendência como o pó da terra; se algum dos homens pode contar o pó da terra, poderá, também, contar o número dos teus descendentes. Levanta-te, e percorre o país em todo o seu comprimento, porque eu to hei-de dar”.

Gostaria de assinalar que a mulher, segundo a tradição expressa no Talmud, mais especificamente no tratado denominado Nidá, (que significa separação e mulher menstruada e tem várias práticas concernentes a religião judaica) não deve manter relações sexuais com seu marido durante o período de menstruação (mais ou menos cinco dias) e durante os sete dias posteriores à menstruação, pois

a mesma estaria impura (esta proibição abarca qualquer tipo de contato físico).

Vou citar agora uma tese de mestrado da PUC, O Complexo de Menstruação, Uma Análise da Perspectiva Judaica, da Vera Lucia Chahon:

“Após os sete dias de limpeza e antes da Tevilá (imersão), a mulher deve proceder a uma limpeza geral em seu corpo, cuidando, particularmente, das cavidades e extremidades.

O cabelo deve ser profundamente lavado e penteado e, no caso de permanecerem embaraçados, deverão ser cortados.

As unhas dos pés e das mãos deverão ser cortadas e cuidadosamente limpas. Deve-se cuidar, também, para que não permaneçam partículas entre os dentes.”

Ora, pensemos. Temos que a mulher arruma-se o mais que pode para o seu marido, de forma que este se sinta sexualmente atraído pela mesma e que eles venham a manter relações sexuais.

Se pegarmos uma tabelinha mais comum de 28 dias, vamos ter justamente, o período mais fértil. Uma questão religiosa.

Citando ainda a autora: “Na mesma noite de seu banho de purificação, preferencialmente após a meia-noite, as relações conjugais devem renovar-se; não pode haver atraso a não ser em caso de doença”.

Ora, como se não bastasse o período de abstinência total e afastamento físico, suficiente para quebrar a monotonia da rotina e propiciar desejo pelo outro, temos todo um ritual visando colocar a mulher o mais bela, atraente e “apetecível” possível. Isto tudo além do relacionamento sexual ser obrigatório num horário onde dificilmente seriam incomodados, depois da meia noite.

Esse povo tinha conhecimento sobre o ciclo menstrual da mulher, há necessidade de conhecimentos fisiológicos e anatômicos. O povo, não. Uma elite. Uma elite que criou dogmas que nós absorvemos de uma forma ideológica, sem saber o que nós estamos fazendo. Mas agora chega de parte histórica.

Homossexualismo e masturbação hoje são considerados, por profissionais sérios, como comportamentos sexuais normais, não implica em nenhum tipo de patologia, mesmo no DSM3 – Manual de Diagnóstico e Estatística Norte Americano, o homossexualismo é colocado como estilo de comportamento, estilo de vida, não é colocado como uma patologia, de certa forma como uma opção.

Não se pode culpar o indivíduo, no caso, por tais práticas. Se bem que haja todo um preconceito relacionado ao homossexualismo, à masturbação, à prática de sexo oral, mesmo hoje, aliás, limitações de ordem moral e social podem gerar profundos sentimentos de culpa e alienação, às vezes eu tenho surpresas, mesmo no nosso nível universitário.

Eu tenho um exemplo interessante. Tenho um amigo da UFRJ do curso de Letras, no Fundão. No ano passado eu tive várias conversas com ele e ele estava completamente grilado, com sentimento de culpa, de alienação por algo inofensivo como a masturbação. Ele tinha consciência racional que aquilo era inofensivo, não se tratava de um mal, mas os tabus que os familiares colocavam nele e o próprio social, bem... há um abismo.

Masturbação e homossexualismo, não sei até que ponto eu estou colocando uma coisa nova, até que ponto eu estou colocando alguma coisa que vocês já ouviram.

Comentário: Pode ir que está interessante.

Dr. Silvério: Vejam, masturbação e homossexualismo são práticas observadas em animais inclusive, em vários animais, se quiserem mais tarde eu posso citar uma lista enorme destes, colocados por pesquisadores sérios, foram observados tendo práticas homossexuais e masturbatórias.

No caso da masturbação, causa um orgasmo bem mais intenso do que no intercurso sexual propriamente dito. A gente pode levar em consideração que é um estímulo mais coordenado, direto, geralmente feito pela própria pessoa. Se bem que pensando o prazer no sentido psicanalítico e também no senso comum, o fato de ser um orgasmo mais intenso não significa um orgasmo mais prazeroso, uma vez que o prazer está relacionado com fantasias e a várias... Toda uma estrutura que envolve o indivíduo, de repente a presença de outra pessoa.

É colocado freqüentemente, várias vezes no relatório de Shere Hite, se bem que seja um orgasmo mais intenso, muitas mulheres não dispensariam de forma alguma de ter uma relação com outra pessoa devido a esse contato, devido a parte afetiva emocional etc.

Masturbação feminina: Nós a teríamos anatomicamente direcionada ao clitóris. Anatomicamente não se fala nem em masturbação nem em orgasmo de nenhuma forma, em termos femininos, sem ser no clitóris. Não que seja uma estimulação direta no mesmo, aliás, se nós formos nos basear em algumas pesquisas, essa estimulação direta se tornaria desprazerosa para a maioria das mulheres. Sempre que eu estiver falando em alguma coisa assim em termos afirmativos eu estou falando em termos gerais, a maioria.

Geralmente uma estimulação direta no clitóris é considerada desprazerosa. A maioria das mulheres, estatisticamente falando, prefere uma estimulação não direta no clitóris.

Homossexualismo masculino vai implicar em várias práticas, em qualquer prática que vocês possam imaginar.

No caso do coito anal, há uma estimulação direta em termos anatômicos, na próstata. O que vai diferenciar a questão do prazer do coito anal no homem e numa mulher é a questão da próstata. Uma estimulação bem coordenada e direta nesta região, inclusive com a introdução do pênis no ânus, pode causar, inclusive, um orgasmo direto. Uma ereção e um orgasmo direto. Essa estimulação pode ter sua intensidade bem coordenada, direcionada, o indivíduo pode verbalizar como ele gostaria de ter mais prazer, em que área ele está sentindo mais prazer, o que pode levá-lo a um orgasmo direto. O mesmo não ocorre nas mulheres, ou seja, anatômica e fisiologicamente falando a mulher não sentiria um prazer no coito anal, aí entram os fatores psicológicos, emocionais e afetivos. Pode se sentir um prazer imenso, mas não na questão anatômica e fisiológica, é uma questão psicológica em relação ao coito anal na mulher.

E o homossexualismo feminino? Ele vai implicar numa auto-descoberta do corpo, conhecimentos anatômicos e psicológicos próprios da mulher. Veja, alguns autores colocam e eu concordo com eles, que falta geralmente nas práticas heterossexuais um conhecimento por parte dos homens da psicologia, da própria anatomia do corpo da mulher. Se bem que as coisas estejam mudando, a gente vê que não mudou ainda o suficiente. Já uma mulher que mantenha um relacionamento homossexual, ela tem um conhecimento da psicologia, da anatomia de uma outra mulher, que pode propiciar a ela, um prazer bem maior do que com um relacionamento heterossexual. Há todo um conhecimento de vivências dentro de uma cultura do que é ser mulher. Quem melhor para conhecer uma mulher do que outra mulher?

São fatores afetivos, emocionais subjetivos que estão envolvidos nesta relação.

Bem, eu quero finalizar falando de ideologias. A gente esteve falando o tempo todo de ideologias. A gente traçou o surgimento histórico de uma ideologia até os dias de hoje. Tudo an passant. Demos uma olhada rápida na parte biológica, inclusive, abordamos o homossexualismo masculino neste século. Mas gostaria de voltar a questão ideológica. O que é ideologia? Se eu posso usar uma metáfora, talvez a ideologia se assemelhe a um vírus. Um vírus está num ambiente externo, num determinado momento ele penetra no nosso organismo, ele seria incluso ao nosso organismo, mas se um dia eu passo a examinar célula por célula desse organismo para tentar achar esse vírus eu corro o sério risco de ao chegar ao vírus identificá-lo como uma célula do meu corpo. Eu não consigo discernir, diferenciar, colocar uma diferença, entre algo que é meu e algo que não é meu, que é externo, aí surge um preconceito.

Veja, talvez o maior poder da ideologia esteja aí, de você não conseguir discernir e separar ela do meio externo. Trabalha-se com um preconceito em relação ao homossexualismo, por exemplo, ou qualquer outra coisa. Você geralmente corta a cabeça da coisa, você afirma “a cabeça” e você não vê “o corpo”. Você não vê os motivos econômicos e políticos subjacentes aquilo. Essa discussão que a gente teve aqui você não tem, você trabalha com a “cabeça” e não com “o corpo”

Porque? Não tem porque. “Eu não gosto de negro! Porque você não gosta de negro? Porque não sei o quê”. Mas para aí. Seja racismo, feminismo, anti-semitismo, nazismo, todos esses tipos de ideologias têm um núcleo comum. E quando eu falo em feminismo, por favor, tem

feminismo e feminismos no plural, não no singular, tem vários feminismos.

Talvez a gente pudesse colocar a ideologia como um instrumento, como instrumento mantenedor e estabilizador da sociedade e do status quo de cada um dentro da mesma. Você por meio das ideologias, evita as mudanças, evita qualquer tipo de revolução dentro da sociedade.

Veja, numa revolução, se for realmente uma revolução verdadeira a primeira coisa, quando ela ocorre, por isso é que a de 64 não foi, ela tende a ocasionar uma mudança ideológica completa no Estado, porque o que vai garantir o novo governo é uma permanência solidificada de uma outra ideologia. É como se fosse o cimento, você põe um muro de pedras, põe cimento em cima, e monta a ideologia, evita mudanças. É o instrumento mantenedor e estabilizador da sociedade e o status quo de cada indivíduo dentro da mesma.

Pergunta: Você colocou que os preconceitos associados ao político e econômico, tem... É correto eu pensar desta forma?

Dr. Silvério: Na nossa profissão, nós somos psicólogos e constantemente falamos de ideologias.

Nós raramente perdemos tempo analisando a ideologia com a qual nós estamos trabalhando, nós pegamos ela da sociedade: "Olha, isso aqui é verdade". Os preconceitos não estão presentes só na religião, não. Na ciência, na filosofia, eles também estão presentes. Na psicanálise com a qual nós trabalhamos. Quando você faz uma abordagem psicanalítica sobre homossexualismo, você parte do pressuposto que é uma patologia, se tiver algum psicanalista aqui talvez até vá discordar de mim, mas se for analisar realmente a coisa você encara como se fosse uma anormalidade.

Veja, até que ponto nós fazemos realmente ciência, especialmente na área de humanas? Ou até que ponto que nós ajudamos a estabelecer um conjunto de idéias, conjunto rigidamente estruturado de idéias. Há duas formas de encarar a ideologia, as duas datam do final do século XVIII. Uma que você vai encontrar em qualquer compêndio, manual de filosofia que é o movimento dos Ideólogos, especialmente dos Ideólogos Franceses, *ideo* – idéias, que é o estudo das idéias, então veja, por motivos políticos querendo fazer uma revolução na sociedade, uma sociedade burguesa, em expansão num governo capitalista. É um movimento filosófico de cunho político e tem uma outra forma de se encarar o que é a ideologia, que seria, como estamos fazendo aqui hoje, um conjunto hierarquizado de idéias, rigidamente estruturado. Você não precisa nem sequer saber o sentido daquilo. Você pega um bloco e trabalha como se aquilo fosse verdade.

E nós fazemos isso, nas ciências humanas. Nós pegamos um bloco já colocado, seja um bloco psicanalítico, seja lá o que for, muitas vezes com várias ideologias de fora e nós justificamos, nós validamos essas ideologias. “Isso aqui é verdadeiro, eu assino em baixo, eu sou psicólogo, eu sou cientista, isso é verdadeiro”. E não é. Muitas vezes não é. Uma ideologia está na sociedade, não só na religião, a filosofia e a ciência também servem muitas vezes como veiculadores de uma determinada ideologia. Antigamente era só a religião, hoje não, muitas vezes nós nos colocamos a serviço delas. Sabe, é uma coisa muitas vezes destrutiva.

Comentário: Muitas vezes surge um discurso que não é coerente. Você tem um discurso mais progressista, muito moderno e liberal, no seu comportamento, mas no fundo você defende uma ideologia.

Comentário2: Uma ideologia depende fundamentalmente de que a causa, o motivo e o sentido de uma determinada... No momento em que você chega ao sentido consegue-se mudar essa ideologia. Você consegue desvelar essa ideologia. É possível sacar o que está acontecendo.

Comentário3: É impossível não ser ideológico, se a gente procurar tirar toda a ideologia, a gente vai chegar a nada, porque tudo é ideologia, não existe modo de você não estar servindo a alguma coisa de fora, porque sempre vem algo de fora.

Dr. Silvério: Dependendo da consciência que você tenha da coisa.

Comentário: Eu não sei. É meio lugar comum dizer que as instituições e as pessoas estão em crise. E ainda mais eu penso em relação aos papéis masculinos e femininos, através de uma série de coisas começa-se a pensar o que é ser homem ou o que é ser mulher, um comportamento masculino, um comportamento feminino, e nesse fator também entra o homossexualismo e todas as práticas de sexualidade. Existem vários discursos religiosos, ou do senso comum que dizem que o homossexualismo é doença ou uma anormalidade, como existem discursos que dizem que não é, que é natural. Chegar e dizer como era o homossexualismo no tempo da Grécia eu acho impossível, porque o homossexualismo na Grécia vai ser traduzido conforme os referenciais que se tem hoje, como é visto hoje. Então, dizer que o homossexualismo não é natural ou é, fica difícil, por exemplo, não dá para se desvincular de um discurso ideológico, no momento em que você está falando alguma coisa, há uma ideologia. A saída disso é uma consciência. Eu vejo pessoas que o homossexualismo para essas pessoas... eu vejo como doente não enquanto

homossexualismo, mas na maneira como essa pessoa tá levando, assim como o heterossexualismo. Eu acho que a anormalidade e a doença não está nas coisas e sim nas pessoas.

Dr. Silvério: Quem trata o homossexualismo como normal ou como anormal está usando a ideologia, seria mais sensato tratar como comportamento natural, mas se você for pensar do humano, anatômica e fisiologicamente falando, e em suas potencialidades, é muito mais difícil cientificamente, coerentemente, você explicar porque de uma exclusividade somente homossexual ou somente heterossexual do que aceitar a bissexualidade.

O homem tem tudo para ter um comportamento em termos de bissexualidade. Então seria até errôneo colocar só o “homossexual”, o “homossexualismo” que é comum a gente colocar, mas, o mais correto seria de repente falar de comportamentos, um comportamento homossexual e um comportamento heterossexual e não o indivíduo, não rotular, ou seja, isto é, “indivíduo é homossexual” não existe, se a gente for parar para pensar, não existe o indivíduo homossexual, não existe o indivíduo heterossexual, existem comportamentos. O mesmo indivíduo pode ter um comportamento homossexual ou comportamento heterossexual e geralmente o que faz com que o indivíduo caia na exclusividade de um único comportamento, são as pressões sociais, rigidamente impostas. Se você mantém um comportamento homossexual, você é um indivíduo do sexo masculino, se o social vem a saber, você vai ser rotulado: “o cara é bicha, “é homossexual, mais não sei o que”. As suas chances de vir a manter um relacionamento heterossexual passam a ser cada vez menores dentro do social. Aos poucos você vai, caindo num grupo, então questões ideológicas, questões de pressões sociais que

levam geralmente ao indivíduo a uma exclusividade em termos sexuais. Mas seria até errôneo dizer: “Eu sou heterossexual”. Eu tenho um comportamento heterossexual. Mas se for pegar pesquisas norte americanas, no Brasil não existem pesquisas, a maioria dos indivíduos tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino, já mantiveram em alguma época de suas vidas um comportamento homossexual. Tanto é que se a gente se basear em Kinsey, um pesquisador sério, Alfred Charles Kinsey, 1948 – 1953, até hoje, “desconhecido” no Brasil, você vai ter uma escala, uma tabela, você colocaria aqui a exclusividade e ali a exclusividade em outra coisa, somente homossexual ou somente heterossexual. E uma escala gradativa de pontos, vendo onde o indivíduo estaria inserido. Em termos de porcentagens, de relacionamentos que mantenha, homossexuais ou heterossexuais.

Comentário: Mas afirmar que o ser humano tem dois tipos de potencialidades cai num discurso ideológico.

Comentário2: Tudo cai num discurso ideológico. Agora ou você manipula este discurso ou vai desvincular.

Dr. Silvério: A ideologia no momento em que a gente fala, ela nos pega no zero dentro da linguagem que nós utilizamos. É todo um processo de aprendizagem. A questão é: A ideologia à qual nós estamos servindo, ela nos está sendo útil a nós e ao social ou está sendo destrutiva, prejudicial? Por exemplo, vamos pegar a questão do machismo e feminismo. Quando você luta pela superioridade de um sexo sobre o outro, você não está lutando pelos seus direitos. Pode ser uma feminista, pode ser... A superioridade de um sexo sobre o outro é completamente diferente de lutar pela igualdade em termos de direitos e deveres, lutar pela igualdade é uma coisa, lutar pela superioridade é outra. Quando você luta pela superioridade, ou em termos de raça

também, quando você se põe numa posição neo-facista, luta pela superioridade de uma raça sobre a outra, você não está lutando pelos seus direitos, você está lutando pelos direitos de uma ideologia sobre a sua pessoa, que é completamente diferente. Você se põe como um servo, você se prende nos grilhões de uma ideologia, como escravo dela. Você não tem mais utilidade em termos produtivos, criativos. Você passa a servir. É a questão de quem é o senhor e de quem é o escravo. Vai depender da consciência. Em termos de feminismo, várias mulheres aqui, hoje, num curso universitário, a maioria absoluta deve ser de Psicologia, algumas começando, outras terminando. Vamos para o século XIX, qual era o lugar da mulher? De certo não era numa universidade. De certo que não era médica ou psicóloga. Você tem uma ou outra exceção. Mas é errado. Então, hoje, mesmo que você chegue: “Eu não sou feminista, eu não concordo com tais grupos feministas”. Você está vivenciando determinadas conquistas que algumas feministas, das que lutaram no passado, obtiveram. Você nasceu vivenciando isso. Se for ao final do século XIX, na época da Rainha Vitória ainda, em todas as épocas históricas também e até hoje, você vai ver que a maior oposição ao movimento feminista não partiu dos homens, partiu das mulheres. Algumas mulheres chegavam a afirmar, inclusive mulheres ilustres, que tinham tudo para afirmar o contrário, por exemplo, eis o discurso de uma : “Nunca conheci um homem, por mais baixo ou inferior que ele fosse, que fosse menos inteligente que uma mulher”. A ideologia está servindo para esta mulher? Não, ela está sendo escrava de uma ideologia, está lutando por uma ideologia patriarcal, que é inclusive prejudicial a ela.

Comentário: É difícil sair do papel de escravo.

Comentário2: É difícil diferenciar a ideologia que é mais importante para você, da ideologia que você não sente identificação.

Dr. Silvério: Digamos que eu afirme que: “Eu não gosto de preto, preto ou é na entrada ou é na saída”. Uma coisa bem vulgar. Porque estou afirmando isto? Que ideologia eu estou defendendo? É favorável ou desfavorável a sociedade?

E nós como psicólogos? Quando estamos no consultório, na indústria e assumindo uma postura profissional que ideologias estamos defendendo naquele momento? Quando nos sentamos na posição de aluno, escutando um professor, que ideologia estamos defendendo?

Comentário: É aquilo que você fala da cabeça e do corpo, não é?

Comentário2: Uma coisa interessante. Sobre Kinsey no relacionamento amoroso. Ele coloca um capítulo sobre a heterossexualidade. Ele problematiza e a primeira parte, ele coloca assim: uma mulher de 31 anos é heterossexual e disse: “É muito difícil ser heterossexual”. Ele problematizou uma coisa que a gente acha que é extremamente natural, a heterossexualidade é natural e a homossexualidade não é. Isso é ideológico. Em cima de um discurso ideológico, também, mas com questão do questionamento... de uma mudança, de uma revolução.

Comentário3: O discurso inovador que a gente está tendo agora tem determinadas ideologias. A ideologia vai existir sempre, seja num discurso dominante, num discurso dominado, agora eu acho que a saída para isso, é a consciência, e uma saída individual, a pessoa vai conseguir manipular a ideologia e não a ideologia manipulá-la.

Comentário4: Eu acho que essa questão da ideologia é a busca de um crescimento pessoal, é o crescimento da perfeição pessoal, você busca um crescimento próprio para

você sem que esse crescimento acesse... Eu estou procurando o meu crescimento, mas não estou me importando com o crescimento de vocês.

Dr. Silvério: O Estado se mantém unicamente com um conjunto vastíssimo de ideologias. Para existir um Estado tem de existir obrigatoriamente uma ideologia. Se não existir uma ideologia, não existe um Estado.

Vamos pensar numa revolução. A Revolução Francesa. O que foi a Revolução Francesa em 1789? Você pega um conjunto de ideologias. Você muda, troca, um conjunto de ideologias valorizadas na monarquia por um outro conjunto de ideologias, que fez com que a sociedade pudesse progredir, se industrializar, etc. Houve uma troca.

Em 1964, não houve uma revolução no Brasil. Um dos motivos está aqui. Depois do golpe de Estado a ideologia reinante continuou a mesma. O núcleo familiar da ideologia não foi alterado, a família classe média continuou pensando como a família classe média sempre pensou. Ao contrário da Rússia. Em 1917, a Rússia faz uma Revolução. As pessoas começaram a pensar em alguma coisa diferente. Elas trocaram um conjunto de ideologias por outras, mas está presente.

A questão não é chegar aqui e dizer: “Vamos eliminar a ideologia. Pra fora!” Não é isso. É ter consciência dela.

(Comentários dos ouvintes)

Dr. Silvério: Na psicanálise, o paciente deita no divã para trabalhar o “Isso”, em momento algum o analista vai chegar e atuar naquele Id ou Isso e acabar com aquele Id ou Isso. Em momento algum o indivíduo vai ter um domínio sobre aquele Id ou Isso. E o Isso sempre vai permanecer, seja através dos atos falhos, por exemplo: Eu quero falar com uma pessoa, eu sei que fulano se chama Márcia e de

repente eu a chamo por Débora: “Ih, desculpe Márcia”. Sempre vai aparecer.

Quando se faz análise, qual é o objetivo? É tomar uma consciência, uma consciência maior da estrutura global dele. Talvez a gente possa fazer um paralelo metafórico da psicanálise no processo terapêutico com a ideologia e a questão social. Não é que a gente vai um dia eliminar a ideologia ou que a gente vá falar mais alto do que ela. Mas principalmente nós profissionais da área de ciências humanas, nós psicólogos, nós temos que ter uma consciência profissional, uma consciência ética e uma consciência pessoal também do papel das ideologias, até que ponto quando eu chego aqui e coloco essa argumentação em torno da palestra eu estou colocando um conhecimento novo ou estou defendendo uma ideologia simplesmente. Ou quando um professor qualquer chega entra em sala e diz: “Gente, nós vamos hoje ter uma aula sobre isso”. E jogar alguma coisa em cima. Até que ponto ele está realmente servindo à ciência ou está prestando um des-serviço à ciência? Muitas vezes a gente assina embaixo. A gente não pára para pensar, a gente pensa que aquilo ali é verdade. “A ciência da qual eu faço parte diz que isso é verdade”. Eu posso estar inclusive corroborando um processo de destruição de repente até de uma sociedade. Aliás, notaram que quando houve o golpe militar na Argentina agora em 70 e alguma coisa, vários profissionais da área de humanas, especialmente psicanalistas, filósofos, vieram se refugiar no Brasil? Por uma questão ideológica eles não aceitaram, eles argumentaram... A coisa ficou insuportável e eles vieram para cá.

Em 64 quando houve o golpe militar, algumas pessoas saíram do Brasil.

Comentário: Eu assisti uma entrevista na televisão com uma mulher universitária, que estava no maior conflito, ela queria casar, ter filhos, cuidar de casa, enquanto que havia todo um discurso que dizia: “Não, mulher tem que trabalhar fora”. Ela entrou em conflito porque o que ela queria realmente era cuidar dos filhos, da casa, e o discurso paralelo dizia: “Não, você é uma mulher universitária, profissional liberal, formada, tem que trabalhar fora”. Por que tem?

Dr. Silvério: Uma mulher faz uma universidade no Brasil, se prepara, se aprimora, agora em paralelo a isso, é passado toda uma ideologia que você é uma dona de casa, que você vai servir ao marido, que você vai ter um filho. Então, na medida que um homem acaba colocando o sonho de ser médico ou você é um grande físico, escritor, profissional de engenharia, você é um grande homem. É quase que uma missão. Se você é mulher, o homem nem tanto, não se casa até determinada idade, já começam os comentários: “Vai ficar para titia”. Você tem que casar, você tem que ter um filho. Casou, aí a segunda coisa que vem em cima: “E aí, a criança quando é que vem?” E o pior é que não é uma coisa que vem só de fora. Acaba vindo de dentro também. Acaba ficando como uma missão. Você nasce, você cresce e você se sente com uma missão a ser realizada. “Eu não sou mulher enquanto eu não me casar e tiver um filho, mesmo que não dê certo, mesmo que eu me separe e dê tudo errado”.

(Comentários)

Dr. Silvério: E aí eu pergunto: Quem é que está sendo servo e quem está sendo escravo?

(Comentários)

Dr. Silvério: Eu tenho um amigo que é homossexual. Um dia eu estava na casa dele conversando e ele colocou uma questão.

De repente você tem um papel de homossexual, você não consegue reagir direito com a sociedade, você pode buscar uma válvula de escape na religião e todas as religiões tem uma visão deturpada sobre o homossexualismo. E o Espiritismo, algumas correntes do Espiritismo, melhor dizendo, por exemplo, vão colocar como uma anormalidade na qual você está sujeito a ser possesso por uma entidade espiritual.

Comentário: Carma?

Dr. Silvério: Este meu amigo estava cheio de problemas. Ele estava sofrendo por estar querendo abandonar o homossexualismo dele, ao mesmo tempo em que ele tinha todo o tesão e desejo homossexual, se fosse trabalhar o Isso dele haveria uma visão mais ampla da situação.

O social faz tantas pressões em cima dele, já com uma certa idade, já acima de 40, tem uma outra questão: A dificuldade de encontrar parceiros, se você tem dinheiro, você até paga e consegue parceiros, se você não tem, você perdeu a juventude, você perdeu um dos maiores atrativos, o dinheiro é muito importante dentro do homossexualismo masculino.

Comentário: Eu tenho uma dúvida. Porque é mais escancarado o homossexualismo masculino, porque o feminino é tão tapado?

Dr. Silvério: Eu já vi mulheres se beijando no meio da rua. O homossexualismo feminino é muito mais permissivo na nossa sociedade do que o masculino.

Comentário: Eu não acho, não.

Comentário2: Dois homens se beijando é mais chocante.

Dr. Silvério: Uma mulher pode se abraçar com outra, dar beijinhos no rosto, há toda uma sexualidade presente. O homem chega e dá no máximo uns tapinhas nas costas.

Podemos ver mulheres caminhando de mãos dadas pela calçada, mas dois homens caminhando de mãos dadas não é bem aceito. Uma mulher pode deitar a cabeça no colo de outra, um homem não. Vocês imaginam um homem fazendo cafuné na cabeça de outro homem sem afetar sua masculinidade diante do social? Mas uma mulher pode fazer cafuné em outra, bem como deitar sua cabeça no colo de outra, ou andarem de mãos dadas, ou abraçadas, ou se beijarem no rosto etc. sem que as pessoas as rotulem de homossexuais, pois, basta que sejam amigas. E nós todos sabemos que conscientemente ou não, há toda uma sexualidade presente em todos estes atos de intimidade física e emocional que são permitidas às amigas e negados aos amigos em nossa atual sociedade.

Concluindo, a origem histórica/ideológica do preconceito e do interdito com relação a práticas sexuais é o mesmo. Você pega o VII século antes de Cristo, saída do povo judeu da Babilônia, consolidação de uma sociedade de cunho eminentemente patriarcal, necessitando aumentar em grande número a procriação. Quanto mais indivíduos melhor! Vamos valorizar tudo o que possa aumentar esta procriação e desvalorizar tudo o que possa diminuir esta procriação, e a única coisa que pode aumentar esta procriação é o intercurso sexual, o restante (masturbação, homossexualismo, coito anal, sexo oral, etc.) é visto como desperdício de sêmen fertilizante.

Pergunta: Que tipo de comportamento caracteriza o homossexualismo?

Dr. Silvério: Em termos comportamentais, pegando Kinsey, Masters e Johnson, vai entender que o comportamento homossexual é aquele que implica em qualquer tipo de relações sexuais em dois indivíduos do

mesmo sexo, independente de serem duas mulheres ou dois homens.

Pergunta: Em termos de fantasia pode ter relacionamento heterossexual e um comportamento homossexual?

Dr. Silvério: A fantasia é parte integrante de qualquer relacionamento sexual. Discordo plenamente de Reich quando ele coloca que o indivíduo orgasticamente potente não tem fantasias durante as relações sexuais. Você tem fantasias, você vivencia essas fantasias e inclusive hoje, numa abordagem comportamental, mais atual, quando você vai trabalhar problemas de impotência ou ausência de orgasmo nas mulheres, você trabalha as fantasias conjuntamente com o organismo e o processo de aprendizagem do indivíduo. É fundamental! Você pode ter uma fantasia sado-masoquista e isto não significa que você seja um sado-masoquista. Vamos pensar conjuntamente com Freud e a Psicanálise. Em termos de Isso, você pode desejar tudo: Pai, mãe, você pode ser um assassino, pode ser o que for. Mas não significa que na vida real você seja. Ou se quiser Platão: Platão nos coloca em determinados diálogos que: Muito melhores são aqueles homens que sonham com seja lá o que for, a barbaridade que for, assassinatos, estupros, do que aqueles que realmente fazem. Em sonho você pode realizar o que for, mas isto não significa que você realmente vá fazer em termos concretos, em termos comportamentais.

Eu queria agradecer mais uma vez, muito obrigado a todos, obrigado pela presença, gostei da presença participativa, espero que vocês também tenham gostado.



**Perguntas e respostas. Diversos  
pequenos artigos.**

A ideologia é como um vírus que contamina nosso corpo e compromete nossa vida.

Silvério da Costa Oliveira.

**Quando o real e a fantasia se complementam:**

**A busca do erotismo numa relação a dois**

Uma relação sexual não é decerto algo meramente destinado a procriação, como alguns moralistas mais extremados querem fazer crer, trata-se de um encontro físico e emocional entre duas pessoas ricas em potencialidades na multiplicidade de seus seres. O prazer e a fantasia estão intimamente presentes, podendo ser mais intensos que o próprio encontro físico entre dois corpos. Deixe-me explicar, quando há tesão e paixão no relacionamento, a relação não se dá unicamente diante de dois corpos e sim na complexidade de fantasias, paixões, emoções e prazer que envolvem o ser humano.

Silvério da Costa Oliveira.

## **Perguntas e Respostas**

### **1- Sexo alivia o estresse?**

O estresse surge a partir de um desequilíbrio emocional provocado por uma sociedade neurotizante, vários fatores estão envolvidos na gênese do estresse e o mesmo pode atuar como fator desmotivante no tocante as relações sexuais, no entanto, uma relação sexual satisfatória pode atuar positivamente no alívio do estresse do dia-a-dia.

### **2- Qual a melhor posição no ato sexual para engravidar uma mulher?**

Numa relação sexual não existe posição melhor ou pior no tocante ao prazer, aliás, evitar a rotina do mesmo lugar e das mesmas posições é algo importante para a durabilidade do interesse sexual em um relacionamento, neste tocante é importante o brincar e realizar as fantasias eróticas do parceiro, criando e inovando sempre. Já no tocante a gravidez, em geral qualquer posição pode resultar em fecundação. Se o objetivo é engravidar, faça a tabela do ciclo menstrual da mulher e procure manter relações sexuais no seu período mais fértil e sem o uso de nenhum tipo de anticoncepcional ou preservativo.

### **3- Qualquer pessoa pode ter orgasmos múltiplos?**

O orgasmo se apresenta como uma “explosão intensa” de prazer e clímax do ato sexual. Segundo os pesquisadores Masters e Johnson, tanto homens, como também mulheres, passariam obrigatoriamente por quatro fases na obtenção do orgasmo: excitação, plateau, orgasmo e resolução. As mulheres, no entanto, necessitariam de um tempo menor para a fase de resolução, podendo obter um orgasmo a seguir do outro, já os homens, após a ejaculação e o orgasmo, necessitariam de um tempo maior de repouso até estarem

aptos a novo orgasmo. Não há, tecnicamente, um limite de orgasmos que uma mulher possa ter em uma relação, já os homens em geral se restringem a uma, duas ou três ejaculações/orgasmos por vez. Existem, segundo alguns autores, técnicas orientais que permitem uma vivência mais duradoura e marcante do orgasmo.

#### **4- Engolir esperma faz mal a saúde?**

Em tempos de AIDS/SIDA devemos lembrar que qualquer contacto com o esperma ou com o sangue pode resultar em contaminação pelo vírus HIV, isto desde que o parceiro esteja com ele infectado, afora no entanto esta preocupação e tomando por premissa que o esperma no caso provém de um indivíduo saudável, não há o menor mal em se engolir o mesmo, além é claro do acréscimo de algumas proteínas em sua dieta. A prática do sexo oral é uma técnica muito prazerosa e que permite a certeza de não haver fecundação, pois o sêmen só pode fecundar a mulher quando expelido dentro do canal vaginal.

#### **5- A AIDS/SIDA afastou mais as pessoas da cama, mas os que não podem viver sem sexo estão procurando variantes para resolver o problema do tesão; pode-se manter uma relação sexual sem o contacto direto do corpo?**

Uma relação sexual é muito mais do que um ato sexual, implica no somatório harmônico de dois corpos e duas personalidades, as emoções e fantasias estão presentes, bem como é importante o respeito ao outro e a si próprio. A masturbação é um comportamento sexual normal e útil para que o indivíduo conheça melhor o seu próprio corpo, sendo inclusive indicada como parte do tratamento de algumas disfunções sexuais, no entanto, cabe ressaltar que um relacionamento sexual é mais do que uma masturbação

solitária. Para evitar a AIDS/SIDA seria bom que o indivíduo ao invés de optar em ficar sozinho, praticasse o “sexo seguro”, usando preservativos, reduzindo o número de parceiros, não usando drogas injetáveis e conhecendo o histórico de vida das pessoas com quem se relaciona sexualmente.

### **6- O que vem a ser o sexo virtual e como se dá o orgasmo na internet. Quais as vantagens e desvantagens desta prática?**

Com alguém de um lado da tela do computador e outra (ou mais) pessoa(s) em frente a outra tela de computador, em lugares completamente distintos é possível a conversação, a troca de idéias, pensamentos, sentimentos e também a expressão da sexualidade de tais pessoas, além disto, temos vários sites na internet destinados exclusivamente ao tema sexo, que vão desde fotos de homens e mulheres nus, cenas de strip-tease, pequenos vídeos eróticos, homens e mulheres nas mais diversas posições sexuais para todos os gostos, não excluindo sequer o sadomasoquismo ou a possibilidade de um contato simultâneo via voz no telefone e uma maior interatividade com as imagens exibidas na tela. O orgasmo, no entanto, fica limitado a masturbação diante dos estímulos visuais e auditivos recebidos. A única vantagem que consigo no momento imaginar é a impossibilidade de se contrair uma DST ou um vírus qualquer, pois se me permitem a brincadeira, vírus de computador não pega em gente. A desvantagem está no isolamento de outras pessoas, na totalidade de expressão de seu ser, na solidão eletrônica que o futuro insinua cada vez com mais ênfase.

## **7- A compulsão sexual é considerada uma doença? E tem cura?**

Sim, a compulsão sexual é um comportamento doentio e tem um tratamento eficaz. A “cura” da compulsão sexual implica numa mudança de valores diante da vida, em parar com a negação e a onipotência e que haja o desejo sincero do indivíduo em mudar sua vida. Sugiro a participação nos grupos de mútua ajuda: Sexólicos Anônimos - S.A. ou Dependentes de Amor e Sexo Anônimos - DASA, bem como o acompanhamento de um terapeuta sexual. Meus livros, *Sexo, Sexualidade e Sociedade* e *Conversando Sobre As Drogas* podem auxiliar na compreensão da sexualidade humana e no processo de dependência.

## **8- A mulher tem orgasmo vaginal ou clitoriano? O que vem a ser o ponto G?**

A discussão sobre se a mulher tem um ou dois tipos diferenciados de orgasmos é antiga, polêmica e não gera consenso mesmo entre os profissionais que atuam na área. Em meu livro, *Sexo, Sexualidade e Sociedade*, nego a existência do assim chamado orgasmo vaginal e defendo que todo orgasmo feminino se daria pela estimulação direta ou indireta do clitóris, isto é claro sem excluir a possibilidade de um orgasmo a partir unicamente da fantasia e sem contato físico. No entanto, ainda recentemente, jornais de grande circulação trouxeram matérias sobre alguns especialistas na área, que defendem a existência de dois orgasmos diferenciados. Aqueles que como eu, negam a existência do orgasmo vaginal, negam também a existência do ponto G, já aqueles profissionais que afirmam a existência de dois diferentes orgasmos, sendo um o vaginal, defendem que este se dá a partir de terminações nervosas que saem do clitóris e dirigem-se ao interior da vagina, localizando-se na

parte anterior da vagina e alguns centímetros dentro da mesma, tal terminação nervosa com o potencial de gerar um orgasmo teria sido inicialmente descoberta e descrita pelo ginecologista Ernst Graefenberg em 1950, de onde a letra G. Também é importante que se faça referência ao anatomista italiano Matteo Colombo (século XVI) e ao anatomista Luigi Castaldi (1934), os quais, segundo alguns autores, teriam sido os primeiros a descrever a região assim denominada de ponto G, cabendo a estes o mérito da descoberta.

### **9- O homem na faixa etária de 40 anos que sofreu um infarto recentemente precisa adotar práticas especiais na relação sexual? Que cuidados é preciso ter?**

Sugiro primeiramente uma consulta ao seu médico cardiologista, o qual irá opinar de acordo com o seu caso. Em geral, após um infarto ou cirurgia, é necessário um período de repouso que pode variar de 15 dias a três meses. O maior impecilho a retomada de uma vida sexual satisfatória é decorrente de questões emocionais, aos medos e a ansiedade que o indivíduo possa sentir após uma experiência delicada e angustiante. Um acompanhamento psicoterapêutico pode acelerar este processo, sendo que a retomada da atividade sexual deve ser gradual e inicialmente em posições sexuais que requeiram menos esforço físico por parte do paciente.

### **Respostas a perguntas depositadas em urna existente no pátio de uma Faculdade**

1. Interessante a preocupação com o sexo anal, pois tivemos mais de uma pessoa perguntando se fazer sexo anal pode ou não ser prejudicial ao organismo. Ora,

anatomicamente falando, o ânus é um músculo e como tal, capaz de elasticidade que o permita se adaptar a presença de um pênis ereto ou de algo equivalente, não havendo a presença de hemorróidas não há a possibilidade de dano, se no entanto o indivíduo já apresenta hemorróidas este ato sexual pode propiciar o desenvolvimento das mesmas. Em virtude da posição anatômica da próstata nos homens, o sexo anal pode propiciar um orgasmo pela estimulação direta da próstata pelo pênis no interior do ânus, já no caso das mulheres, anatomicamente não haveria razão para um orgasmo por tal meio, se tal ocorre, isto se deve a fantasias sexuais no tocante ao ato. Aliás, devo salientar que o maior órgão sexual é o cérebro, isto no sentido de que nossa vida sexual ser motivada por fantasias sexuais diversas e que se apresentam intimamente relacionadas ao prazer obtido em qualquer atividade.

2. As pessoas, sejam homens ou mulheres, se encontram dentro de um turbilhão de emoções em nossa sociedade, de forma que por vezes se apresentam mais alegres e bem humoradas e outras vezes apresentam comportamento oposto em virtude do estresse e de condições de vida nem sempre favoráveis. Uma boa relação sexual pode ajudar a combater o estresse, mas também é verdade que uma pessoa estressada pode não querer se relacionar sexualmente. Se temos um companheiro, é normal que queiramos viver sempre momentos felizes ao seu lado, mas nem sempre isto é possível e o reverso da moeda emocional também está presente em qualquer relacionamento. Se o parceiro não mais quer fazer sexo com seu companheiro, seria um bom momento para conversar e ver se algo não vai bem, no entanto, se uma vez ou outra o parceiro não deseja manter relações sexuais, não há motivos para preocupação, pois é normal a homens e mulheres que

em alguns dias estejamos emocionalmente mais para cima e em outros mais para baixo e isto com certeza afeta todo e qualquer relacionamento. Havendo uma conversa franca e receptiva entre o casal, torna-se mais fácil resolver os problemas e evitar desentendimentos desnecessários.

3. Quando o indivíduo possui o vírus para a AIDS/SIDA, o mesmo se apresenta em seu sangue, esperma e demais “fluídos” de seu corpo. Temos a presença do vírus na saliva, mas não é possível a transmissão por este meio em virtude do meio ácido neutralizar o vírus. Só seria possível uma contaminação por um beijo, por exemplo, se houvesse uma ferida na boca do parceiro contaminado por onde escorresse sangue (por exemplo: gengivite) e uma ferida aberta na boca do parceiro que fosse se contaminar (uma cárie por exemplo). Pelo esperma é possível a contaminação, seja por via de sexo oral, anal ou vaginal, logo, deve-se sempre usar a camisinha e evitar contato com o esperma. Agulhas reutilizadas podem também gerar contaminação, em virtude do vírus localizado no sangue contaminar a seringa e esta ao ser reutilizada levar o vírus para o sangue de outra pessoa. Pode haver a contaminação do feto ainda no útero via cordão umbilical ou da criança durante a amamentação, isto porque o vírus também se encontra presente no leite materno, podendo pela sua ingestão vir a contaminar aquele que o ingeriu. Se um homem adulto mama o seio de uma mulher que esteja amamentando e esta está contaminada, este também pode contrair o vírus pela ingestão em maior ou menor quantidade, de leite materno.

4. Colocar desenho da colocação da camisinha no pênis e pequena explicação sobre o fato.

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1996

Ao

Jornal O Globo - Seção de Cartas dos Leitores

FAX 534.5535

Em Resposta a carta do leitor Samuel Schmidt (7/11-Rio) publicada na Seção de Cartas dos Leitores do Jornal O Globo de 17/11/96, domingo. Em sua carta o leitor Schmidt critica a Deputada Marta Suplicy pela iniciativa junto a Câmara dos Deputados em Brasília pela aprovação do Projeto de União Civil entre pessoas do mesmo sexo, por alguns rebatizado de casamento gay ou casamento entre homossexuais, afirma este leitor parecer piada tal iniciativa e tira, não se sabe de onde, uma definição “não religiosa” do homossexualismo como uma anormalidade, pois bem, visando manter a discussão em um patamar científico e digno deste jornal, pretendo contra-argumentar baseado em literatura recente sobre o tema, me basearei portanto no livro “Sexo, Sexualidade e Sociedade”, Editora Irradiação Cultural, 1996, autor: Silvério C. Oliveira.

Primeiramente, piada é a hipocrisia de aceitar qualquer “tipo de sexo praticado dentro de um quarto fechado” (Schmidt) e negar o reconhecimento social e legal do mesmo. Quanto a “normal e anormal”, no livro citado acima, o homossexualismo é definido como um comportamento biologicamente normal nos cap. 9 e 12 do livro e o autor argumenta que mesmo animais (livres ou em cativeiro) foram observados mantendo relações homossexuais e que por um prisma verdadeiramente científico e não pseudo-científico, é muito mais difícil explicar o porque que o Ser Humano mantém uma exclusividade sexual, pois pela sua estrutura anatomo-fisiológica e pelo significado do prazer em sua

existência, seria mais plausível que o mesmo mantivesse comportamentos que não implicassem em uma exclusividade homo ou heterossexual, junto com Kinsey, Silvério vai buscar a explicação para esta exclusividade na repressão social e religiosa. Segundo argumenta o autor neste livro, práticas de sexo oral e homossexualismo eram comuns ao serviço religioso de vários povos na antigüidade e mesmo o povo judeu só muda tais hábitos após o VII A.C., com a saída do cativo da Babilônia e querendo se diferenciar pelo seu comportamento, dos povos vizinhos, reafirmando desta forma uma identidade cultural enquanto nação distinta, bem como visava também suprimir toda e qualquer prática sexual que significasse um desperdício de sêmen fertilizante em uma sociedade que “necessitava aumentar a procriação para obter um maior número de homens e mulheres, de forma a consolidar a sua independência e garantir a posse de suas terras”. Hoje, quem defende a anormalidade do homossexualismo o faz a partir de uma base religiosa, que por sua vez encontra sua origem histórica não em Deus, Nosso Senhor, e sim na solidificação de uma sociedade patriarcal ocorrida entre o povo hebreu e que exerceu e ainda exerce profunda influencia em nossa sociedade judaico-cristã. Outra coisa, cabe lembrar o leitor Schmidt que lesbianismo e homossexualismo é a mesma coisa, pois o homossexualismo se divide em masculino e feminino. Nós, brasileiros, deveríamos enaltecer os princípios da Democracia e não nos portarmos como ditadores e autoritários, sigamos aqui o exemplo da Suécia, que legalizou a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Quanto a adoção de crianças por casais homossexuais, devo lembrar ao leitor Schmidt que no que prevê o Projeto, tal não será permitido, no entanto, para sabermos como seria o crescimento e a formação da personalidade de crianças em lares onde ambos

os parceiros fossem do mesmo sexo, só realizando estudos sobre grande número de crianças assim criadas, o que implicaria na legalização de tal proceder.

(Obs.: Carta encaminhada ao Jornal O Globo via FAX, mas não publicada)

Rio de Janeiro, 17 de Janeiro de 2000.

Aos amigos do Jornal O Globo

Hoje, 17 de Janeiro de 2000 vi no Jornal Nacional algo que me chocou e me indignou veementemente, pergunto como pode numa cidade onde sequer podemos parar o carro em um semáforo sem corrermos o risco de sermos molestados, assaltados ou mesmo baleados que um comando da PM percorra as belas praias do Rio para reprimir com violência a prática do topless? Será que além do receio de sermos molestados por bandidos temos também de ter o medo real de sermos molestados em nossa cidadania por violentos policiais que entendem ser atentado ao pudor um par de seios a mostra em uma praia do Rio, como se tal prática não nos fosse comum em nossas praias ou mesmo durante os bailes e desfiles de carnaval? E a imagem de nossa cidade onde fica? E o turismo? Esta é a nova polícia que nos querem apresentar, rude e agressiva para com aqueles que nada estão fazendo além de se divertirem curtindo inocentemente um sol de verão em uma praia carioca? Quando vi a cena do casal agredido pelos PMs e a negação da mulher em colocar a parte de cima de seu traje de banho, além da exigência dos dois em saber porque estavam sendo presos e levados para a delegacia, me lembrei que é nestes pequenos detalhes de resistência ao abuso de poder que vemos em maior ou menor escala o desenvolvimento de um conceito de cidadania que aos

poucos vai eclodindo entre nós brasileiros de todas as classes e níveis sócio culturais. Eu mesmo fui protagonista, em novembro último e conjuntamente com minha mulher, de uma cena de abuso de poder por parte de um comando policial, só que neste caso tratava-se da Polícia Rodoviária Estadual do Paraná, no posto policial entre as cidades de Toledo e Umuarama, durante a madrugada e estando acompanhado por minha mulher, tais policiais pararam meu carro e mesmo estando tudo ok, queriam reter o carro por ser o mesmo um modelo conversível (Miura Spider, imitação em fibra da Ferrari) e segundo os mesmos, o Código de Trânsito não permitiria que carros conversíveis circulassem por estradas sem estarem com a capota levantada, logo eu, que conheço bem o atual Código e sei que inexistente tal lei ou sequer alguma referência a tal fato, o que nos leva mais uma vez a questão inicial, onde diante de leis não cumpridas e de policiais corruptos ou incompetentes alguns brasileiros são obrigados por um sentimento de dignidade a fazer valer a sua cidadania mesmo correndo risco quanto a sua integridade física. Nós queremos sentir orgulho e não vergonha de sermos brasileiros, é imperioso que as autoridades competentes ponham um basta público nestas situações humilhantes e constrangedoras de abuso de poder e total desrespeito pela nossa cidadania justamente por parte daqueles que deveriam zelar pelos nossos direitos e cidadania.

Um grande abraço,

**Silvério da Costa Oliveira.**

Psicólogo – Formação em Filosofia – Mestre em Psicologia. CRP 05/15942

Autor dos livros:

Sexo, Sexualidade e Sociedade – 1996 Editora Irradiação Cultural

Conversando Sobre as Drogas – 1997 Editora Irradiação Cultural

Kant e Piaget Inter-relação entre duas teorias do Conhecimento – 1999 Editora UEL

(Obs.: Carta encaminhada ao Jornal O Globo via e-mail, incluindo endereço completo e telefones para contato, mas não publicada)

CEPCoS On Line, ano I (23), 15 de junho de 1998, edição extra - Boletim eletrônico do CEPCos, página 7 e 8.

Rio de Janeiro, 11 de junho de 1998

Li com atenção a denúncia feita pela Secretaria de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis e Grupo Gay da Bahia no Boletim Eletrônico do CEPCoS. Parece-me um absurdo haverem ainda pessoas leigas e profissionais da área da saúde que entendam o homossexualismo (masculino ou feminino) como doença passível de cura e não como um comportamento sexual normal, uma opção sexual e uma escolha de vida. Endosso e forneço total apoio a esta denúncia e crítica, pois não é mais cabível em nossa sociedade aceitarmos que profissionais da área da Saúde façam de seus títulos acadêmicos escudos para manter seus preconceitos morais e religiosos e revesti-los de uma aura pseudocientífica. Gostaria de expressar um depoimento pessoal. Apesar de minha opção sexual ser heterossexual (e portanto, não estar defendendo causa própria), defendo por motivos profissionais esta causa, seja em palestras para alunos de primeiro e segundo grau ou durante minhas aulas nas Faculdades

Integradas Simonsen, ou mesmo em artigos e no capítulo 12 (homossexualismo) de meu livro SEXO, SEXUALIDADE E SOCIEDADE (Editora e Distribuidora Irradiação Cultural, 1996). Constato uma total desinformação e o predomínio do preconceito e da equivocada idéia de ser o homossexualismo uma doença, seja entre alunos universitários no Rio de Janeiro ou entre médicos e psicólogos, por isto, apesar de ver como um absurdo o processo de “cura” proposto pela entidade Exodus Brasil, reconheço que em nossa realidade ainda estamos longe de respirarmos entre pessoas (leigas ou profissionais) esclarecidas sobre o assunto e que não utilizem de seus títulos como justificativa para seus preconceitos.

Cordialmente,

Silvério da Costa Oliveira.

Psicólogo e filósofo – CRP 05/15942

E-mail adress: [drsilverio@sexodrogas.psc.br](mailto:drsilverio@sexodrogas.psc.br)

(Obs.: E-mail encaminhado e publicado no referido boletim)

CEPCoS On Line, ano I (25), 26 de junho de 1998 - Boletim eletrônico do CEPCOs, página 4 e 5.

Rio de Janeiro, 20 de junho de 1998

Em resposta ao Prof. Mauro Cherobim (CEPCoS On Line, ano I, nº 24).

Interessante e procedente sua argumentação, claro, no entanto, que eu não estava fazendo uma referência específica a estatística, o que decerto percebo que você

compreendeu e só estava de fato colocando o termo “normal” dentro do devido rigor estatístico.

Gostaria só de acrescentar, sem questionar a argumentação do professor Cherobim, que já em 1948 e 1953 nos trabalhos publicados nos EUA com o título “Sexual Behavior in the Human Male” e “Sexual Behavior in the Human Female” (este último traduzido no Brasil como “A Conduta Sexual da Mulher”), o pesquisador Alfred Charles Kinsey e sua equipe consideraram incorreto o emprego dos termos homossexualismo e heterossexualismo para designar pessoas, devendo tais termos serem utilizados unicamente para designar comportamentos (podendo um mesmo indivíduo apresentar ambos comportamentos, não sendo os mesmos excludentes e que a preferência a um em detrimento do outro se deveria a fatores sociais, aprendizagem, valores e pressões sociais neste sentido). Em sua pesquisa e relatório (hoje já clássico) apresenta como dados de sua amostra que 50% da população é exclusivamente heterossexual em sua vida adulta e que 4% é exclusivamente homossexual, havendo portanto 46% (quase a metade) engajado em ambos comportamentos (heterossexuais e homossexuais) em algum momento de suas vidas. Acrescenta ainda que cerca de 60% dos meninos pré-adolescentes envolvem-se em atividades homossexuais. Tais dados foram originalmente fornecidos por Kinsey em *Sexual Behavior in the Human Male* (Philadelphia, W. B. Saunders, 1948) nas páginas 610 e 656, dentre outras, e por mim citadas e comentadas em meu livro *SEXO, SEXUALIDADE E SOCIEDADE* (Editora e Distribuidora Irradiação Cultural, 1996 – 177 páginas e inclui ilustrações), capítulo 12 (O Homossexualismo, pág. 127 à 136).

Cordialmente

Silvério da Costa Oliveira.

Psicólogo e filósofo CRP 05/15942

E-mail adress: [drsilverio@sexodrogas.psc.br](mailto:drsilverio@sexodrogas.psc.br)

(Obs.: E-mail encaminhado e publicado no referido boletim)

### **Atualização e conscientização sobre a problemática ideológica e histórica que envolve os comportamentos sexuais e a atuação do psicólogo(a)**

(Curso oferecido em 23 e 30 de outubro de 1999 e novamente em 6 e 13 de Novembro de 1999 na Universidade Paranaense – UNIPAR e ministrado por Silvério da Costa Oliveira.)

O presente curso aborda o tema da sexualidade humana no contexto histórico, analisando criticamente as ideologias que revestem a aceitação ou negação de diversos comportamentos sexuais no transcorrer da evolução histórica de nossa sociedade. Abordaremos o homossexualismo, a masturbação, a prostituição e diversas parafilias (transexualismo, travestismo, comportamento sexual compulsivo, anorexia, etc.). A par com um enfoque histórico crítico, faremos debates sobre os temas, ressaltando o desejo (em sentido psicanalítico) e as fantasias sexuais como motivadores do comportamento. Como texto base teremos o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, cujos temas a partir de sua origem e vinculação com a Psicologia serão expostos pelo autor.

A sexualidade ganha um destaque grande na sociedade, na cultura e na vida diária das pessoas, seja pela aceitação ou negação de contextos envolvendo fantasias e desejos ou no convívio e relacionamento com as

pessoas. Cabe ao psicólogo compreender e redirecionar seu olhar crítico para as mudanças socioculturais que fazem com que valores hoje aceitos no âmbito da sexualidade humana não o tenham sido aceitos em outras épocas históricas, marcando aqui um caráter temporal.

A sexualidade vivida na Grécia antiga dos grandes filósofos, ou na Roma dos Imperadores, bem como na Idade Média ou nas diversas décadas deste século presente, não tem se mostrado a mesma no tocante aos valores apreoados e defendidos, aos comportamentos sexuais aceitos ou negados, mas mesmo assim, é possível traçarmos um denominador ideológico comum a todas estas épocas e questionarmos o comportamento sexual presente, que decerto será diferente daqui a alguns anos. Entendemos que o importante é identificarmos quais as idéias que subsistem por trás de comportamentos sexuais aceitos ou negados e questionarmos a validade e caráter ideológico do mesmo, desenvolvendo uma atitude social crítica e não passiva diante de uma realidade dinâmica.

Cabe ao psicólogo ao atuar em sua profissão, seja na clínica ou em outra área, lidar diretamente com a sexualidade do ser humano e suas diversas manifestações diárias, seja no trabalho, na vida familiar, no sofrimento ou no prazer.

É necessário a este profissional ter uma atitude coerente diante das manifestações da sexualidade por parte de seus clientes e neste contexto não somente é importante o conhecimento das teorias e pesquisas sobre o tema (Havelock Ellis, Freud, Reich, Kinsey, Masters e Johnson e Shere Hite dentre diversos outros.) como também uma visão histórica e crítica sobre as ideologias que permeiam o comportamento sexual, sua origem e desenvolvimento histórico.

**OLIVEIRA**, Silvério da Costa. *Sexo, sexualidade e sociedade*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996. (177 páginas, inclui ilustrações)

\_\_\_\_\_. *Conversando sobre as drogas*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. (382 páginas e 965 títulos bibliográficos citados)

\_\_\_\_\_. *Catálogo bibliográfico sobre drogas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997. (965 títulos)

\_\_\_\_\_. *Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina – UEL, 1999. (124 páginas)

Silvério da Costa Oliveira.

### **Prefácio do livro “Casais sem preconceito” de autoria de Laura e Ricardo Neno.**

Prefaciador: Silvério da Costa Oliveira.

Em um relacionamento amoroso sexual, talvez mais importante seja a cumplicidade que permite o desenvolvimento das fantasias e desejos do casal, dentro de um clima geral de respeito e liberdade. Os autores deste livro, Laura e Ricardo Neno, têm uma proposta franca de apresentarem a seu modo e sem preconceito como se dá a vivência de casais que se permitem à troca de parceiros, vivendo relacionamentos mais ou menos abertos de acordo com a vontade e desejo manifestados e negociados anteriormente pelo casal.

Este livro se propõe a falar de “casais sem preconceito”, mas talvez caiba falar um pouco em seu oposto, ou seja, no preconceito, pois, a vida sexual das pessoas pode proporcionar prazer, se bem que nem sempre isto ocorra,

pois a semelhança de um rio cujo prazer seria correr livremente por entre as montanhas e vales, o que percebemos como a vida sexual das pessoas em geral é um rio cheio de barreiras, desvios, represas e acidentes que o impedem de seguir seu fluxo normal e saudável. Viver em sociedade significa, também, absorver uma série de regras e padrões sem sentido aparente e que passam a fazer parte do modo de ser do indivíduo. Negar o prazer e formas alternativas de expressão de sexualidade e entender como certo algo rígido e pré-programado é algo que impede que pessoas diversas obtenham prazer vivendo livremente sua sexualidade.

Os autores não desejam convencer quem quer que seja a seguir uma determinada filosofia de vida, mas sim, apresentarem uma nova proposta e procurarem desmistificar um comportamento sexual que não possui coisa alguma de anormal ou patológico. Eu penso que a informação pode dissolver algumas das represas do rio de nossas vidas e talvez este livro possa ajudar o leitor neste sentido. Falar sobre o sexo e a forma de praticá-lo é algo saudável, pois, ajuda a quebrar tabus solidamente alicerçados em uma cultura patriarcal que ainda prescreve que a única função válida para o sexo é a procriativa e tudo o mais é no mínimo pecado, se não coisa pior.

Claro está que casais swingers podem quebrar algumas regras sociais, mas, uma vez que continuam convivendo em sociedade, continuam diante de regras que permitam uma convivência harmoniosa entre partes diferentes, tal é o caso das normas de etiqueta social que estão presentes em diversos setores de nossa vida e não poderiam estar ausentes do comportamento sexual, ainda mais quando o mesmo envolve diversas pessoas, daí o manual de etiqueta para swingers citado pelos autores, onde se encontram,

inclusive, algumas coisas básicas e que já deveriam estar incorporadas a vida diária, como, por exemplo: ser cortês, amável, manter-se limpo e ter hábitos de higiene.

Sexo é bom e saudável e isto deve ser dito, seja feito por um casal ou por um grupo maior de pessoas, não há nada de mau nisto. O importante é que tudo seja feito com o consentimento expresso dos envolvidos, visando o prazer de todos e que não haja culpas ou ressentimentos, não se pode forçar alguém a fazer ou deixar de fazer alguma coisa no tocante ao sexo, mas com o diálogo aberto e o compartilhamento de fantasias e desejos pode-se construir um espaço alternativo e muito mais permissivo, fruto da compreensão, liberdade, respeito, sinceridade, lealdade e acima e antes de tudo: confiança.

Silvério da Costa Oliveira.

Escritor, filósofo, psicólogo

[www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br)

**Opiniões, críticas e comentários  
na mídia de meus livros.  
Aparições na mídia.**

Publicado originalmente em:

**Texto 4-a**

Opiniões, críticas, comentários na mídia de meus livros.

1. **Resumo informativo do livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, da Editora Irradiação Cultural** (São dois modelos diferentes, uma folha cada, com o timbre da editora), Rio de Janeiro, 1996.
2. **Jornal A Folha Dirigida Especial**, Rio de Janeiro, nº 289, p. 17, 27 de junho à 3 de julho de 1996. (Sexualidade em linguagem clara – Tempo Vago – Benito Alemparte)
3. **Jornal da PUC**, Rio de Janeiro, Projeto Comunicar, ano X, nº 68, p. 4, julho/agosto de 1996. (Fronteiras da sexualidade – Ex-aluno lança livro em linguagem simplificada)
4. **Ludus Revista Literária**, Rio de Janeiro, ano 1, nº 0, p. 10, agosto/setembro 1996. (Sexo é tabu? Livro questiona a vida sexual no Brasil)
5. **Revista Ele Ela**, Rio de Janeiro, nº 326, p. 62, setembro de 1996. (Gente – Renato Guima – Fotógrafo: J. Egberto – Ler (e fazer) na cama)
6. **Revista Brazil Sex Magazine**, São Paulo, ano III, nº 19, p. 125, 127, 129, 131 e 133, abril/1997. (Rapidinha – Sexo e sociedade)

**Resumo informativo do livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, da Editora Irradiação Cultural** (São dois modelos diferentes, uma folha cada, com o timbre da editora), Rio de Janeiro, 1996.

Em seu livro **Sexo, Sexualidade e Sociedade**, o Dr. Silvério da Costa Oliveira faz uma ampla observação sobre o comportamento sexual humano e a sua relação com a sociedade.

A obra reveste-se de elevada importância, pois, além da análise feita a partir de pesquisas e conclusões de diversos autores já consagrados nesta área, o autor promoveu uma profunda pesquisa de campo, colhendo informações que nos mostram uma realidade bastante diferente da que estamos acostumados a ouvir ou a aceitar, de acordo com conceitos estabelecidos para outros povos.

São analisadas diversas questões relacionadas à sexualidade, tais como: prostituição, homossexualismo, masturbação, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, abortamento etc.

Na pesquisa de campo, algumas constatações causam surpresa. Ao entrevistar prostitutas, o autor descobriu que um percentual considerável está nesta profissão por vontade própria e gosta profundamente desta atividade.

Alguns temas dogmáticos – como o abortamento e os métodos contraceptivos – são colocados de forma a levar o leitor e a sociedade a refletir sobre estes assuntos tão polêmicos, que nem sempre são discutidos de uma forma concreta, analisando-se todos os prós e contras envolvidos nas situações inerentes e decorrentes dos problemas advindos da falta de informação ou da imposição de regras que nem sempre acompanham a realidade que vivemos.

O autor resolveu empenhar-se neste trabalho, a partir da constatação de que os profissionais que atuam nesta área dispõem de pouco material concreto que possa informá-los, dentro da realidade de nosso país, e da necessidade de que alguns mitos e dogmas possam ser esclarecidos, em benefício do bem-estar do ser humano.

---

**Jornal A Folha Dirigida Especial**, Rio de Janeiro, nº289, p. 17, 27 de junho à 3 de julho de 1996.

Tempo Vago – Benito Alemparte

### **Sexualidade em Linguagem Clara**

Prostituição, masturbação, orgasmo, homossexualismo, disfunções sexuais, gravidez, parto, aborto, repressão sexual e doenças sexualmente transmissíveis são alguns dos assuntos abordados no livro **Sexo, Sexualidade e Sociedade**, que será lançado em julho pelo psicólogo Silvério da Costa Oliveira.

A obra, segundo o autor, é resultado da constatação da carência de material bibliográfico sério e em linguagem acessível na área da sexualidade humana. “É por isso que ao final de cada capítulo introduzimos ampla bibliografia sobre o tema tratado. Tomamos posicionamento científico/político sobre os temas, defendendo ou criticando posições teóricas/práticas”, antecipa o psicólogo.

O livro é indicado em particular para os adolescentes e busca respostas às suas perguntas mais freqüentes. Mas, em virtude da total desinformação ou mesmo deturpação e preconceito que se observam praticamente em todas as camadas e níveis sociais e profissionais, o livro tende a ter um público alvo bem mais amplo.

O autor promete leitura agradável e interessante. O lançamento é da Editora Irradiação Cultural.

---

**Jornal da PUC**, Rio de Janeiro, Projeto Comunicar, ano X, nº 68, p. 4, julho/agosto de 1996.

## **FRONTEIRAS DA SEXUALIDADE**

### **Ex-aluno lança livro em linguagem simplificada**

As portas do século XXI, a sexualidade humana ainda é passível de grandes discussões e preconceitos. Existem poucas publicações sérias e em linguagem acessível que possam diminuir a falta de informações, gritante, sobre o assunto. O livro “Sexo, Sexualidade e Sociedade”, de Silvério da Costa Oliveira, formação em filosofia e psicologia, procura preencher essa lacuna, tendo como público alvo, os adolescentes.

Lançado no início de julho pela editora Irradiação Cultural, o trabalho tem como proposta principal, apresentar de forma objetiva temas polêmicos, como a masturbação, o orgasmo, o homossexualismo, as disfunções sexuais, as doenças sexualmente transmissíveis, em especial a AIDS, a gravidez e o parto.

A vontade de escrever um livro falando sobre a sexualidade vem do tempo em que o autor ainda estudava filosofia na PUC-Rio: “Existe uma grande desinformação sobre nossa sexualidade, mesmo entre os profissionais da área de saúde”, conta.

Na opinião do psicólogo, apesar de o adolescente dos anos 90 ter ao seu alcance uma quantidade razoável de informações sobre sexo, ele não tem uma formação sexual melhor do que a dez anos atrás: Atualmente há uma maior vulgarização da informação. Não se tem uma informação de qualidade. Ainda se veicula muita desinformação. Existe também o problema das diferenças sociais. O jovem de classe média alta tem acesso a informações que os adolescentes das camadas mais baixas da sociedade não

têm. Nessas, há também um forte preconceito em relação ao assunto.

Em casa e na escola, sexo ainda é um tabu. Certas questões sobre a sexualidade não são discutidas em família. Em muitos lares, os pais não falam francamente com seus filhos. Nas escolas a situação não é diferente. Não existe hoje no ensino de primeiro e segundo graus ou até mesmo ao nível de terceiro grau, uma disciplina que fale sobre sexo. “Infelizmente, ou se aprende por conta própria, ou não se aprende”, lamenta o psicólogo.

Na opinião de Silvério, o governo federal deveria lançar uma campanha de educação nesse sentido. Ele mesmo propõe, no livro, a criação de uma cartilha para ser distribuída gratuitamente em escolas primárias e secundárias, com financiamento da iniciativa privada. Seria dado enfoque especial às doenças sexualmente transmissíveis, à gravidez e aos métodos anticoncepcionais.

---

**Ludus Revista Literária**, Rio de Janeiro, ano 1, nº 0, p. 10, agosto/setembro 1996.

### **Sexo é tabu?**

#### **Livro Questiona a vida sexual no Brasil**

**Em seu livro SEXO, SEXUALIDADE E SOCIEDADE, o Dr. Silvério da Costa Oliveira faz uma ampla observação sobre o nosso comportamento sexual.**

A obra reveste-se de importância se levarmos em conta que os manuais que estão nas livrarias são, em sua maioria, escritos por americanos sobre a realidade deles.

Em matéria de sexualidade, brasileiro não brinca em serviço. Uma pesquisa recente aponta o nosso povo como o que

mais pratica intercursos carnavais no planeta. Esta realidade traz ao livro uma redobrada importância.

São analisados os diversos comportamentos – do homossexualismo à prostituição, passando por masturbação e AIDS. O Dr. Silvério não apenas apoiou-se em forte bibliografia como também foi a campo. Entrevistou prostitutas, por exemplo, onde surge um percentual de profissionais que não são apenas párias sociais, mas apaixonadas pela profissão, para loucura das feministas.

O autor afirma que escreveu esse trabalho quando constatou que mesmo os profissionais da área têm pouca informação sobre a realidade do país. Muitos mitos caem por terra diante de certas revelações do autor

Livro: *Sexo, sexualidade e Sociedade*

Autor: Silvério da Costa Oliveira.

Editora Irradiação Cultural

177 páginas – R\$ 16,80

---

**Revista Ele Ela**, Rio de Janeiro, nº 326, p. 62, setembro de 1996.

Gente - (Renato Guima)

(Fotógrafo: J. Egberto)

LER (E FAZER) NA CAMA

(Com foto do autor e do livro)

*Sexo, Sexualidade e Sociedade*. Os três S do título são o X da questão para o psicólogo SILVÉRIO DA COSTA OLIVEIRA. Em linguagem fácil, o livro aborda o abecê que interessa a todos. “O público adolescente é o alvo principal nessa batalha contra a desinformação”, emenda Silvério.

---

**Revista Brazil Sex Magazine**, São Paulo, ano III, nº19, p. 125, 127, 129, 131 e 133, abril/1997.

RAPIDINHA

SEXO E SOCIEDADE I

Sexo, Sexualidade e Sociedade

Autor: Silvério da Costa Oliveira.

Editora Irradiação Cultural

Poucas áreas sofrem tanto com a falta de informação quanto a sexualidade. Desde pequenas, as pessoas são bombardeadas com uma enorme massa de dados contraditórios a respeito do próprio sexo. Embora tenhamos avançado muito desde os tempos em que se acreditava, digamos, que a masturbação fazia crescer cabelo na mão, ainda assim a sexualidade continua sendo uma selva quase impenetrável de preconceitos e opiniões, superstições e dogmas. Religiosos, médicos e psicanalistas disputam o monopólio sobre o homem e seu sexo. Pego num fogo cruzado, em meio a essa verdadeira guerra, o homem comum fica perdido, sem saber direito para que lado se virar em busca de orientação. Quando finalmente pensa ter encontrado um especialista digno de confiança, depara com um verdadeiro emaranhado de linguagem técnica e jargão quase incompreensível. Foi pensando nisso que Silvério da Costa Oliveira resolveu escrever *Sexo, Sexualidade e Sociedade* (Ed. Irradiação Cultural, Rio de Janeiro). Psicólogo e bacharel em filosofia, o autor procura apresentar um texto didático sem ser superficial, elucidativo mas não banalizante, com a intenção declarada de não apenas informar, como também levar o leitor a questionar e se questionar sobre sua atitude frente à sexualidade – a sua e a dos outros. Evitando, de um lado, o papo-cabeça, abstrato e desligado da realidade concreta, e do outro, o tecnicismo dos

sexólogos, Silvério da Costa consegue um raro equilíbrio entre reflexão e informação, tendo escrito um livro útil para o adolescente que mal começa a aprender sobre o sexo, e que também serve para muita gente que pensava já saber tudo sobre o assunto. “É nosso desejo”, afirma, “que o leitor reflita seriamente sobre as questões aqui apresentadas, assumindo uma postura própria sobre as mesmas.”

## RAPIDINHA

### SEXO E SOCIEDADE II

Clímax da atividade sexual, tanto para o homem quanto para a mulher, é compreensível que o orgasmo seja igualmente a área na qual se concentra o maior número de mitos e crenças estapafúrdias, em especial no que se refere ao orgasmo feminino. Durante muito tempo, aliás, acreditou-se que ele nem existia ou, se existisse, seria irrelevante. Mais tarde, Freud defendeu a existência não só de um, mas de dois tipos de orgasmo experimentados pelas mulheres: o orgasmo clitoriano, obtido pela estimulação do clitóris durante a masturbação, e o orgasmo vaginal, característico das mulheres sexualmente amadurecidas. Na esteira de Freud, seguiu-se uma verdadeira guerra entre defensores do orgasmo vaginal e partidários do clitoriano. Masters e Johnson, a dupla de pesquisadores que revolucionou a sexologia com seus métodos de laboratório, alegaram evidências de que todo orgasmo é clitoriano, não passando o orgasmo vaginal de um mito. O ginecologista Ernst Graefenberg, por sua vez, afirmou ter descoberto um feixe de terminações nervosas ligando o clitóris à vagina e responsável pelo orgasmo vaginal. É o famigerado ponto G. A ciência ainda não chegou a uma conclusão definitiva sobre essa controvérsia mas, segundo Silvério da Costa, as pesquisas mais recentes parecem pender para o lado de

Masters e Johnson: “Não nos parece possível, portanto, a existência do assim chamado ponto G.” A revelação mais surpreendente dos sexólogos sobre o orgasmo, contudo, é a informação de que o prazer obtido pelo intercurso sexual não é tão intenso quanto o proporcionado pela masturbação ou o sexo oral – constatação igualmente válida para homens e mulheres.

## RAPIDINHA

### SEXO E SOCIEDADE III

Um dos campos nos quais a sexologia mais tem contribuído para exorcizar fantasmas é no que se refere à masturbação. Condenada pela Bíblia como um desperdício inútil de sêmen, essa prática atravessou os séculos estigmatizada como um pecado, um crime contra a reprodução da espécie e “uma coisa detestável” aos olhos do Senhor. Ao mesmo tempo, porém, a masturbação era um hábito freqüente, criando um conflito entre o impulso natural de buscar o prazer e as restrições impostas por motivos ideológicos e religiosos. Como demonstrou Silvério da Costa, entretanto, a maioria desses tabus e proibições tinha originalmente uma conotação mais política do que religiosa. E à medida que os prazeres do corpo foram saindo do âmbito religioso, passando ao domínio do estudo científico, tornou-se cada vez mais óbvio que a masturbação não só não é prejudicial à saúde como, pelo contrário, tem uma função essencial ao equilíbrio físico e psicológico do organismo. A pesquisadora Shere Hite, autora do polêmico Relatório Hite, chega mesmo a sugerir que a relação sexual seria totalmente desnecessária, a não ser talvez para fins procriativos, e que o prazer sexual seria mais bem servido pela masturbação. Sem endossar o radicalismo de Hite, Silvério da Costa concorda que devemos esquecer de vez os tabus e reconhecer que masturbar-se é

uma atividade legítima e saudável, que não prejudica a pessoa e contribui para aumentar seu prazer sensual: “Seria melhor para a saúde dos indivíduos e da própria sociedade se parássemos com esta e outras hipocrisias, e admitíssemos que a masturbação é um ato normal e salutar, o qual não traz mal algum em si mesmo.”

## RAPIDINHA

### SEXO E SOCIEDADE IV

Ao longo de 13 capítulos curtos e sintéticos, nessa mesma linha de objetividade, Silvério da Costa aborda ainda as principais disfunções sexuais e as famigeradas doenças sexualmente transmissíveis, com destaque para a ainda mal-compreendida AIDS; as características e problemas da gravidez e do parto, os mais eficazes métodos anticoncepcionais e os prós e contras do aborto; além dos comportamentos sexuais mais frequentes, as verdades e mitos envolvendo a prostituição, o homossexualismo e a repressão sexual. “Não há dúvida de que a maior parte da população que optou pela prostituição o fez por necessidade imposta por questões sociais, políticas, econômicas, culturais e às vezes religiosas”, observa o autor, por exemplo, e acrescenta: “No entanto, devemos também admitir que um pequeno grupo de indivíduos fez opção pela prostituição, não por necessidade e sim por vocação, da mesma forma que se pode fazer escolha vocacional por qualquer outra profissão.” A idéia de que a prostituta é uma profissional como outra qualquer está longe de ser bem aceita, mesmo em muitos países do chamado primeiro mundo, e mostra a posição liberal e aberta que Silvério da Costa assume ao discutir mesmo os aspectos mais controversos da sexualidade. O capítulo sobre a repressão sexual inclui ainda uma curiosa análise do modo como o folclore e as lendas

veiculam pressupostos ideológicos conservadores, para então concluir: “A repressão sexual existe, e é importante termos consciência disto. Mas tal não basta. É imperioso fazermos algo a respeito, visando minimizar os seus efeitos e minar as suas bases, para que, no futuro, possamos ter uma sociedade mais sadia, menos hipócrita, mais livre e menos reprimida.”

## RAPIDINHA

### SEXO E SOCIEDADE V

O livro de Silvério da Costa termina com uma abrangente discussão sobre a sexualidade humana, indo dos afrodisíacos ao sexo na terceira idade, concentrando-se nas transformações pelas quais a sociedade vem passando e seus efeitos nas relações entre o homem e a mulher. “É a sexualidade a mola propulsora do indivíduo dentro da sociedade, e da própria sociedade enquanto conjunto de indivíduos”, argumenta. “Desta forma, a sexualidade poderia ser considerada a energia básica propulsora do humano e de todas as suas realizações, as quais se dariam por uma sublimação das pulsões sexuais, ou seja, por um desvio do objetivo inicial das mesmas, de modo a serem empregadas como energias construtoras do social tal como o conhecemos.” Portanto, direta ou indiretamente, respiramos sexo em tudo o que fazemos. A centelha inicial, que põe em movimento qualquer atividade humana, é o desejo. Contudo, é preciso fazer uma distinção importante: “Sublimar não é reprimir, nem repressão; portanto, penso ser coerentemente possível falar da sociedade sem nos referirmos obrigatoriamente à repressão sexual.” Ao se reconhecer o papel central que o sexo desempenha na vida das pessoas, pode-se estruturar a sociedade de maneira mais livre e igualitária, sem necessidade de repressão ou do domínio de

um sexo sobre o outro. As crianças poderiam ser ensinadas desde cedo a conviver com o próprio corpo, ultrapassando o sentimento de degradação alimentado por uma visão preconceituosa. De onde o apelo final de Silvério da Costa por uma educação sexual séria e responsável, não dominada por concepções moralistas ou coercitivas, mas voltada para a divulgação objetiva dos conhecimentos adquiridos pela ciência em seu esforço para compreender a sexualidade do animal humano.

---

### ***Trabalhos Publicados (livros, artigos e catálogos)***

**OLIVEIRA**, Silvério da Costa. *Sexo, sexualidade e sociedade*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996. (177 páginas, inclui ilustrações).

\_\_\_\_\_. *Conversando sobre as drogas*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. (382 páginas e 965 títulos bibliográficos citados).

\_\_\_\_\_. *Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina – UEL, 1999. (124 páginas).

\_\_\_\_\_. *Vencer é ser feliz: A estrada do sucesso e da felicidade*. São Paulo: Ibrasa, 2002. 240p.

\_\_\_\_\_. *Reflexões filosóficas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997. (257 páginas). Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/RefleFilos.htm>>.

\_\_\_\_\_. *Estudos de psicologia e filosofia*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997. (128 páginas). Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/EstudosPsiFil.htm>>.

\_\_\_\_\_. *Catálogo bibliográfico sobre drogas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997. (965 títulos). Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/CatBibliogDrogas.htm>>.

\_\_\_\_\_. *Catálogo bibliográfico sobre o sucesso*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2001. (861 títulos). Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/CatBibliogSucesso.htm>>.

\_\_\_\_\_. *Lesbianismo e prostituição*. Rio de Janeiro: [s.n.], julho 1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto8.htm>>.

\_\_\_\_\_. O psicólogo diante da dependência química: Orgasmo e morte nas drogas (1º parte). *Jornal Argumento – CRP 5º região*. Rio de Janeiro: ano II n.º 8 do VIII Plenário, p. 5, agosto de 1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto9.htm>>.

\_\_\_\_\_. O psicólogo diante da dependência química: Orgasmo e morte nas drogas (2º parte). *Jornal Argumento – CRP 5º região*. Rio de Janeiro: ano II n.º 9 do VIII Plenário, p. 15, setembro de 1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto10.htm>>.

\_\_\_\_\_. Drogas e sexo ou drogas, o orgasmo sem sexo (publicado com o título: Drogas, o orgasmo sem tesão). *Revista Brazil Sex Magazine*. São Paulo: ano III, n.º 25, p. 18 e 19, setembro 1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto11.htm>>.

\_\_\_\_\_. Masturbação, homossexualismo e ideologia (publicado com o título: Sexo, política e religião). *Revista Brazil Sex Magazine*. São Paulo: ano III, n.º 26, p. 24 e 25, outubro 1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto12.htm>>.

\_\_\_\_\_. Sexo no Brasil: a política do avestruz (publicado com o título: Política sexual). *Revista Brazil Sex Magazine*. São Paulo: ano III, n.º 27, p. 40 e 41, novembro 1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto13.htm>>.

\_\_\_\_\_. A Maçonaria diante do flagelo das drogas. *Jornal O Semeador*. Rio de Janeiro: ano XXX – n.º 36 – n.º 17/2º fase, p. 3, maio 1999. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto14.htm>>.

\_\_\_\_\_. Pensando a drogadicção no contexto clínico. *Revista SEFLU*. Rio de Janeiro: Faculdade de Ciências Médicas e Paramédicas Fluminense, ano 1, nº 1, p. 7-14, junho 2001. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/PensandoDrog.htm>>.

\_\_\_\_\_. O psicólogo clínico e o problema da transexualidade. *Revista SEFLU*. Rio de Janeiro: Faculdade de Ciências Médicas e Paramédicas Fluminense, ano 1, nº 2, p. 49-55, dezembro 2001. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/transexualismo.htm>>.

---

## ***Aparições na Mídia***

**OLIVEIRA**, Silvério da Costa.

### ***Na televisão***

1. Participação como entrevistado no **Programa É de Manhã**, com a apresentadora Liliana Rodrigues, Fundação Roquete Pinto, TVE, canal 2 (Rio de Janeiro), transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 27 de agosto de 1996, terça-feira, de 9:00 às 10:00h. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto5.htm>>.
2. Participação como entrevistado no **Programa Sílvia Poppovic**, tema: “Ele tinha outro”, Rede Bandeirantes de televisão, transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 1º de novembro de 1996,

sexta-feira, de 18:00 às 19:30h. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto5.htm>>.

3. Reprise do **Programa Sílvia Poppovic**, citado no item acima, em 7/2/1997, sexta-feira, de 18:00 às 19:15h., como estando entre os melhores programas exibidos durante o ano de 1996. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto5.htm>>.

4. Participação como entrevistado no **Programa Onda Carioca**, Rede Bandeirantes de Televisão, apresentadores: O Maestro Claudio Petraglia e o Guerreiro Gerson Tavares; dia 5/8/1997, de 13:00 às 14:00h., terça-feira. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto7.htm>>.

5. Participação como entrevistado no **Programa Vamos Falar Com Deus LBV – Legião da Boa Vontade, José de Paiva Netto**, Rede Bandeirantes de Televisão, dia 18/11/1997, terça-feira. (Programa número 4530 – Band). Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto5.htm>>.

### **No rádio**

1. Entrevista na **Rádio Imprensa FM 102.1**, com a apresentadora Eunice Khoury no **Programa Linha Europa**, quarta-feira, dia 25/6/1997. De 9:00 às 10:00h. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto6.htm>>.

2. Entrevista na **Rádio MEC AM**, dia 26/6/1997.

3. Entrevista na **Rádio Nacional AM 1130 Khz**, com o apresentador Sirino Reis no **Programa Revista Nacional**, dia 1/7/1997, às 9:37h. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto6.htm>>

4. Entrevista na **Rádio Manchete AM 760 Khz**, com o apresentador J. Abud, dia 2/7/1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto6.htm>>

5. Entrevista na **Rádio Carioca AM 710 Khz**, com a apresentadora Ivani Soares no **Programa Fala Geral**, segunda-feira, dia 21/7/1997. De 14:00 às 16:00h. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto6.htm>>

### ***Em jornais e revistas***

1. **Jornal A Folha Dirigida Especial**, Rio de Janeiro, nº 289, p. 17, 27 de junho à 3 de julho de 1996. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto4.htm>>

2. **Jornal da PUC**, Rio de Janeiro, Projeto Comunicar, ano X, nº 68, p. 4, julho/agosto de 1996. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto4.htm>>

3. **Revista Sweep cultural**, Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, p. 1 e 4, agosto de 1996.

4. **SBPC – Jornal da Ciência Hoje – JCH**, Rio de Janeiro, ano XI, nº 350, p. 11, 23 de agosto de 1996.

5. **Ludus Revista Literária**, Rio de Janeiro, ano 1, nº 0, p. 10, agosto/setembro 1996. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto4.htm>>

6. **Revista Private**, São Paulo, ano XIII, nº 140, p. 6, setembro de 1996.

7. **Revista Ele Ela**, Rio de Janeiro, nº 326, p. 62, setembro de 1996. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto4.htm>>

8. **Jornal O Globo, Caderno Prosa e Verso**, Rio de Janeiro, p. 2, sábado, 21 de setembro de 1996.

9. **Jornal Argumento – CRP 5º região**, Rio de Janeiro, ano II, nº 1 do VIII Plenário, p. 2, janeiro 1997.

10. **Revista Brazil Sex Magazine**, São Paulo, ano III, nº 19, p. 125, 127, 129, 131 e 133, abril/1997. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto4.htm>>

11. **Revista Fiesta Interative Nova Fase**, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, p. 56, 1997.
12. **Jornal do Brasil** (Cidade – Coluna Registro), Rio de Janeiro, p. 24, 26/6/1997.
13. **Jornal Argumento – CRP 5º região**, Rio de Janeiro, ano II, nº 6 do VIII Plenário, p. 10, junho de 1997.
14. **Jornal Argumento – CRP 5º região**, Rio de Janeiro, ano II, nº 8 do VIII Plenário, p. 5, agosto de 1997. (Artigo)
15. **Jornal Argumento – CRP 5º região**, Rio de Janeiro, ano II, nº 9 do VIII Plenário, p. 15, setembro de 1997. (Artigo)
16. **Jornal Simonsen Notícias**, Rio de Janeiro, nº 22, p. 11, setembro de 1997.
17. **Jornal Simonsen Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 23, p. 4, outubro de 1997.
18. **Revista Brazil Sex Magazine**, São Paulo, ano III, nº 25, p. 18 e 19, setembro 1997. (Artigo)
19. **Revista Brazil Sex Magazine**, São Paulo, ano III, nº 26, p. 24 e 25, outubro 1997. (Artigo)
20. **Revista Brazil Sex Magazine**, São Paulo, ano III, nº 27, p. 40 e 41, novembro 1997. (Artigo)
21. **SBPC – Jornal da Ciência**, Rio de Janeiro, ano XII, nº 382, p. 12, 30 de janeiro de 1998. Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto4.htm>>
22. **Jornal Simonsen Notícias**, Rio de Janeiro, ano IV, nº 24, p. 8, março de 1998.
23. **Jornal O Semeador**, Rio de Janeiro, ano XXX – n.º 36 – n.º 17/2º fase, p. 3, maio 1999. (Artigo)
24. **Revista Ele Ela**, Rio de Janeiro, ano XXXI, nº 361, p. 84, 85, 86, 87 e 88, outubro 1999 (Entrevista com foto). Disponível em <<http://www.sexodrogas.psc.br/texto15.htm>>

- 25. Catálogo – Editora UEL Universidade Estadual de Londrina – 1995-1999;** sobre o livro *Kant e Piaget Inter-relação entre duas teorias do conhecimento*. Páginas 47, 145, 155.
- 26. Revista Plenitude**, Rio de Janeiro, ano 19, nº 71, p. 29 e 30, 2000. (Com foto).
- 27. Revista SEFLU**, Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, p. 7-14, junho 2001. (Artigo)
- 28. Revista SEFLU**, Rio de Janeiro, ano 1 nº 2, p. 49-55, dezembro 2001. (Artigo).
- 

## Trabalhos publicados

### Silvério da Costa Oliveira.

#### 1996

1- Sexo, sexualidade e sociedade (1988)

\*- Participação como entrevistado no Programa É de Manhã com a apresentadora Liliana Rodrigues, Fundação Roquete Pinto, TVE, canal 2 (Rio de Janeiro), transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 27/8/1996.

\*- Participação como entrevistado no Programa Sílvia Poppovic, tema: “Ele tinha outro”, Rede Bandeirantes de Televisão, transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 1/11/1996.

\*\* Jornal A Folha Dirigida Especial nº 289, p. 17.

\*\* Jornal da PUC nº 68, p. 4.

\*\* Revista Sweep Cultural nº 2, p. 1 e 4.

- \*\* SBPC – Jornal Ciência Hoje – JCH nº 350, p. 11.
- \*\* Ludus Revista Literária nº 0, p. 10.
- \*\* Revista Private nº 140, p. 6.
- \*\* Revista Ele Ela nº 326, p. 62.
- \*\* Jornal O Globo, Caderno Prosa e Verso, 21 de setembro, p. 2.

## **1997**

### 2- Conversando sobre as drogas (1997)

- \*- Catálogo bibliográfico sobre drogas (1997)

### 3- Reflexões filosóficas: Uma pequena introdução à filosofia

Cap. 1 Sartre e a angústia (1990)

Cap. 2 Comentários sobre o pensamento ético de Aristóteles (1990)

Cap. 3 Ética e Kant (1988-1991?)

Cap. 4 Esboço de comentário a Kant (1988-1991?)

Cap. 5 Kantismo no Brasil: Tobias Barreto (1991)

Cap. 6 Comentário a Nietzsche (1988-1991?)

Cap. 7 A psicanálise: Sigmund Freud (1986)

Cap. 8 Sobre a morte (1986)

Cap. 9 Sobre o poder (1988)

Cap. 10 Liberalismo e educação (1988-1991?)

Cap. 11 A comunicação no Brasil de hoje (1991)

Cap. 12 Estudo teórico sobre o sucesso literário (1988)

Cap. 13 Aspectos gerais da lógica (1990-1991?)

Cap. 14 A problemática epistemológica anterior a I. Kant (1990-1992?)

Cap. 15 Considerações filosóficas (1985-1991?)

#### 4- Estudos de psicologia e filosofia

Cap. 1 A comunicação não verbal (linguagem corporal) e o equilíbrio em psicologia (1994)

Cap. 2 Comentário ao belo, tomando por base a *Crítica da faculdade de julgar* (1790/93) de I. Kant. *A diferenciação e a unidade no juízo sobre o belo* (1993)

Cap. 3 Comentário a Heidegger: Curiosidade (1993)

Cap. 4 Crítica da vontade de verdade (1993)

Cap. 5 Estudo psicológico de “O Saci” de M. Lobato: Uma abordagem junguiana (1988)

Cap. 6 Palestra sobre Estudo Psicológico de ‘O Saci’ de Monteiro Lobato (1988)

Cap. 7 Pequenos textos (1985-1991?)

Cap. 8 Frases e reflexões

#### 5- Pensamentos ardentes

Cap. 1 Aforismos e pensamentos (19 )

Cap. 2 Pensamentos vorazes (19 )

\*- Lesbianismo e prostituição (1997)

\*- O psicólogo diante da dependência química: Orgasmo e morte nas drogas – partes 1 e 2 (1997)

\*- Drogas e sexo ou drogas, o orgasmo sem sexo – publicado com o título: Drogas, o orgasmo sem tesão (1997)

\*- Masturbação, homossexualismo e ideologia – publicado com o título: sexo, política e religião (1997)

\*- Sexo no Brasil: A política do avestruz – publicado com o título: Política sexual (1997)

\*- Reprise do Programa Sílvia Poppovic, tema: “Ele tinha outro”, Rede Bandeirantes de Televisão, transmissão nacional, sobre o livro “Sexo, sexualidade e sociedade”, dia 7/2/1997.

\*- Participação como entrevistado no Programa Onda carioca, Rede Bandeirantes de Televisão, apresentadores: O Maestro Cláudio Petraglia e o Guerreiro Gerson Tavares, dia 5/8/1997.

\*- Participação como entrevistado no Programa Vamos Falar Com Deus LBV – Legião da Boa Vontade, José de Paiva Netto, Rede Bandeirantes de Televisão, dia 18/11/1997.

\*- Entrevista na Rádio Imprensa FM 102.1, com a apresentadora Eunice Khoury no Programa Linha Europa, dia 25/6/1997.

\*- Entrevista na Rádio MEC AM, dia 26/6/1997.

\*- Entrevista na Rádio Nacional AM 1130 Khz, com o apresentador Sirino Reis no Programa Revista Nacional, dia 1/7/1997.

\*- Entrevista na Rádio Manchete AM 760 Khz, com o apresentador J. Abud, dia 2/7/1997.

\*- Entrevista na Rádio Carioca AM 710 Khz, com a apresentadora Ivani Soares no Programa Fala Geral, dia 21/7/1997.

\*\* Revista Brazil Sex Magazine nº 19, p. 125, 127, 129, 131 e 133.

- \*\* Revista Fiesta Interativa Nova fase nº 1, p. 56.
- \*\* Jornal do Brasil (Cidade – Coluna Registro), 26/6/1997, p. 24.
- \*\* Jornal Argumento – CRP 5º região nº 1 p. 2.
- \*\* Jornal Argumento – CRP 5º região nº 6, p. 10.
- \*\* Jornal Simonsen Notícias nº 22, p. 11.
- \*\* Jornal Simonsen Notícias nº 23, p. 4.

## **1998**

- \*\* SBPC – Jornal da Ciência nº 382, p. 12.
- \*\* Jornal Simonsen Notícias nº 24, p. 8.

## **1999**

6- Kant e Piaget: Inter-relação entre duas teorias do conhecimento (1992)

\*- A maçonaria diante do flagelo das drogas (1997)

- \*\* Revista Ele Ela nº 361, p. 84, 85, 86, 87 e 88.
- \*\* Catálogo – Editora UEL Universidade Estadual de Londrina – 1995-1999, p. 47, 145 e 155.

## **2000**

- \*\* Revista Plenitude, nº 71, p. 29 e 30.

## **2001**

- \*- Catálogo bibliográfico sobre o sucesso (2001)
- \*- Pensando a drogadicção no contexto clínico (2001)

\*- O psicólogo clínico e o problema da transexualidade (2001)

**2002**

7- Vencer é ser feliz: A estrada do sucesso e da felicidade (2000)

---

### Artigos e entrevistas

[Texto 1](#) Conferência ministrada na UGF - Universidade Gama Filho, para o curso de psicologia: Tema e título: Conferência sobre “O Saci”

[Texto 2](#) Conferência ministrada no 6º EREP - Encontro Regional de Estudantes de Psicologia: Tema e título: Homossexualismo, masturbação e ideologia

[Texto 3](#) Perguntas e respostas. Diversos pequenos artigos

[Texto 4-a](#) **Opiniões, críticas, comentários na mídia de meus livros**

[Texto 4-b](#) **Opiniões, críticas, comentários na mídia de meus livros**

[Texto 5](#) Participação como entrevistado nos **Programas de TV: É de Manhã**, com a apresentadora Liliansa Rodrigues; **Sílvia Poppovic; Vamos Falar Com Deus LBV – Legião da Boa Vontade, José de Paiva Netto**

[Texto 6](#) Entrevistas nas **Rádios: Imprensa FM 102.1**, com a apresentadora Eunice Khoury no **Programa Linha Europa; MEC AM; Nacional AM 1130 Khz**, com o apresentador Sirino Reis no **Programa Revista Nacional; Manchete AM 760 Khz**, com o apresentador J. Abud; **Carioca AM 710 Khz**, com a apresentadora Ivani Soares no **Programa Fala Geral**

[Texto 7](#) Participação como entrevistado no **Programa Onda Carioca**

[Texto 8](#) *Lesbianismo e prostituição*

[Texto 9](#) *O psicólogo diante da dependência química: Orgasmo e morte nas drogas (1º parte)*

[Texto 10](#) *O psicólogo diante da dependência química: Orgasmo e morte nas drogas (2º parte)*

[Texto 11](#) *Drogas e sexo ou drogas, o orgasmo sem sexo*

[Texto 12](#) *Masturbação, homossexualismo e ideologia*

[Texto 13](#) *Sexo no Brasil: a política do avestruz*

[Texto 14](#) *A Maçonaria diante do flagelo das drogas*

[Texto 15](#) Entrevista à **Revista Ele Ela**, nº 361. Título: Comportamento - Casais liberais. O sabor da aventura no casamento (por Cristina Pimentel)

[Texto 16](#) *Pensando a drogadicção no contexto clínico*

[Texto 17](#) *O psicólogo clínico e o problema da transexualidade*